

BELA



KET STRAPAZZON



PERIGOSAS NACIONAIS

Bela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ket Strapazzon

Bela

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © Ketrin Strapazzon, 2016.

A citação na “Parte Dois”, retirada de *Start Here*, foi reproduzida com a permissão de Caitlyn Siehl.

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução, no todo ou em parte, em quaisquer meios.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os personagens e acontecimentos desta obra são meramente ficcionais. Qualquer coincidência com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

COPIDESQUE, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO
Gabriella Araujo Silva

PERIGOSAS NACIONAIS

CONTATO

ketrinls@yahoo.com.br

facebook.com/arabesqueando

instagram.com/ketstrapazzon

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Para minha mãe
Obrigada por ser tudo*

PERIGOSAS ACHERON

Parte um

*Um dia você será velho o bastante para voltar a ler
contos de fadas*

C. S. Lewis

Prólogo

Era uma vez...

Em uma noite escura e fria, uma garota andava apressada pela rua, escondida nas sombras como se fosse uma delas. Ela caminhava atenta a tudo ao seu redor enquanto agarrava um pacote de papel pardo contra o peito.

Seu semblante estava escondido por um grande capuz, que a protegia do frio intenso da noite de outono. Aqui e ali uma lâmpada iluminava sua figura, mas dela pouco se via.

Depois de percorrer um longo caminho, ela entrou em um beco ainda mais escuro, parando em uma porta onde uma única luz bruxuleante lhe dava boas vindas. Segurando o pacote com apenas um braço, a mulher tirou um molho de chaves de

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro do bolso do casaco e abriu a porta.

Ela entrou em um pequeno corredor e subiu um lance de escadas até o segundo andar. Ali, destrancou mais uma porta, chegando finalmente ao seu destino.

Largando o pacote sobre uma mesa, a mulher tirou o capuz que escondia seu rosto e esfregou as mãos uma na outra, tentando recuperar um pouco do calor que perdera. Lá dentro não estava muito mais quente do que lá fora, e ela foi até o aquecedor, tentando ligá-lo.

Nada aconteceu.

Mais uma conta não paga.

Andando até outro cômodo escuro, ela retirou o casaco, colocando-o sobre uma cadeira. Vários objetos se confundiam na escuridão, dando a sensação de desordem e caos. Tomando cuidado para não tropeçar em nada, ela seguiu até outra porta, entrando em um pequeno banheiro. Tentou o interruptor de luz, mas nada aconteceu.

A energia fora cortada.

PERIGOSAS ACHERON

A mulher fechou os olhos e se apoiou na borda da pia. As coisas estavam tão difíceis. E ela não era capaz de suportar tudo. Não era. Mas deveria.

Ela levantou o rosto e analisou seu reflexo no espelho.

Grandes olhos castanhos em um rosto pálido, adornado por cílios longos e sem pintura. Cabelos acobreados presos em um rabo de cavalo, com fios soltos ao redor do rosto oval. Uma boca pequena e sem cor, com lábios levemente rachados por causa do frio. E cansaço. Um cansaço que maquiava toda sua face e sombreava seus olhos.

Depois de jogar água no rosto, ela saiu do banheiro e bateu de leve em uma porta entreaberta no corredor.

– Pai? – Sussurrou para o escuro.

Com passos leves, ela foi até uma cama pequena, encostada na parede oposta à porta. Em meio a um amontoado de cobertas, uma figura grisalha dormia profundamente. Com um amor que ela não sabia comedir, a mulher acariciou de leve a

testa do homem adormecido.

– Pai? Cheguei.

Olhos azuis pálidos se abriram para ela, e um sorriso fraco iluminou o semblante envelhecido.

A mulher depositou um beijo leve logo acima das sobrancelhas do pai e, assim que ele voltou a dormir, ela se levantou e saiu do quarto sem fazer nenhum barulho. Por mais difíceis que as coisas estivessem, seu tesouro mais precioso estava adormecido e bem.

E isso era a verdadeira felicidade. Isso era tudo que importava.

Seu nome era Bela.

Tanto sua aparência quanto seu caráter correspondiam ao nome que lhe fora dado em batismo. Sua mãe havia morrido quando ela ainda era criança, e seu pai, com grande esforço, havia criado-a para ser justa e boa com todos, pois só se deixava da vida a impressão causada nas pessoas. Ele, um jardineiro, tentara dar a filha tudo que necessitava, e ela sempre soube apreciar o esforço, ficando ao lado do pai em todos os momentos.

Eles eram inseparáveis. Quando o pai começou a ter sérios problemas com a bebida, Bela não o abandonou ou julgou. Infelizmente, assim que a doença se agravou, eles perderam tudo o que tinham para poder pagar as dívidas de jogo que o alcoolismo dele acabara trazendo por consequência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem ter onde morar e com o pai desempregado, Bela precisou buscar uma solução.

Com o pouco que sobrara, ela alugara um apartamento em uma área mais afastada do centro da cidade e começara a trabalhar durante dois, às vezes três turnos, para manter a si mesma e ao pai confortáveis.

Não era uma vida fácil e as coisas, às vezes, beiravam ao impossível, como naquele momento em que havia mais contas do que dinheiro para pagá-las. Mas Bela não se deixava abater, pois desistir significaria desistir do pai e isso ela nunca faria.

Naquela manhã, Bela estava sentada perto da janela, segurando uma xícara de café e aproveitando a luz do dia para ler os classificados do jornal. Ela teria que dar um jeito de pagar pelo menos a conta de luz se quisesse tomar um banho quente. A sra. Abigail, do andar de baixo, fora muito gentil ao esquentar a água do café para ela, mas Bela não poderia fazer isso todo dia. Ela precisava de outra alternativa.

PERIGOSAS ACHERON

- Babá, babá, serviços domésticos, garçonete...
- Ela sussurrava enquanto lia.

Garçonete durante o turno da noite. Parecia bom. Mas era longe. Ela teria que pegar duas conduções para voltar para casa, o que consumiria tudo que ganhasse. Descartado. Babá de duas crianças, tempo integral, no centro da cidade. Necessário dormir no emprego. Não, também não daria certo. Bela precisava estar em casa à noite para dar uma olhada no pai.

– Repositor de biblioteca. Repositor de biblioteca? – Ela voltou sua atenção para a nota. *Vaga para repor livros na Biblioteca Central, no período da manhã.* Interessante. Ela circulou o anúncio com uma caneta vermelha e bebeu mais um gole do café fumegante. Iria dar uma olhada assim que saísse.

Seria um ótimo emprego. Tanto pelo horário quanto pelo local. E ela ainda trabalharia no meio de livros, algo que adorava.

Duas coisas tornavam caótico o apartamento em que eles viviam. As ferramentas de jardinagem do PERIGOSAS ACHERON

pai e os livros de Bela que estavam por toda parte. No sofá, em pilhas sobre a mesa e sobre os balcões. Alguns ainda estavam no quarto e outros no parapeito da janela da cozinha. Havia livros dentro de seu guarda-roupas e um em cada bolsa. Cada canto era preenchido por um dos livros dela. Livros que ela colecionava desde criança e que foram as únicas coisas das quais ela não conseguiu se separar quando perderam tudo.

Depois de circular mais duas possíveis oportunidades, Bela se levantou e, deixando a xícara sobre a mesa, tirou do pacote, que depositara ali na noite anterior, pão, algumas frutas e geleias. Deixou tudo no centro da mesa para que o pai tivesse acesso ao acordar. Ela vestiu o casaco, pronta para sair novamente.

– Bela? Você vai sair de novo? – A voz fraca do pai veio da porta da sala. Bela levantou os olhos e sorriu.

Ele fora um homem jovial e cheio de energia antes das coisas começarem a ir tão mal. Bela se lembrava do pai lendo histórias antes de dormir e

lhe trazendo doces toda sexta-feira à noite. A morte da esposa, no entanto, o abalara profundamente, e o declínio veio anos depois quando ele entrou em depressão. Agora ele andava encurvado sobre o próprio peso, com olhos pálidos que só ganhavam vida quando olhavam para a filha. Um fantasma pálido do que um dia fora, enrolado em um grosso casaco de lã, que já vira dias melhores, e calças cinzas de flanela.

– Oi, pai! – Ela foi até ele e o beijou de leve na bochecha. – Tem café na mesa. Vou sair, preciso ir até a biblioteca. – Mentiu. Não precisava preocupá-lo mais.

– Bela...

– Não se preocupe. – Ela lhe lançou o sorriso mais encorajador que possuía e deu meia volta, indo em direção à porta. – Agasalhe-se bem, acho que estamos com algum problema elétrico no bairro, pois não há luz, então o aquecedor não está funcionando. – Outra mentira. – Amo você – disse ao fechar a porta atrás de si.

Bela desceu as escadas e saiu para a manhã fria,
PERIGOSAS ACHERON

mas ensolarada. Fechou os olhos, absorvendo o calor sobre a pele e afastando a angústia do coração. Um novo dia começava e com ele uma nova chance de mudanças. Ela não desistiria.

Tinha dinheiro a receber de dois trabalhos daquela semana, o que pagaria as coisas mais urgentes como a conta de luz. Depois iria até a biblioteca e, com sorte, teria um trabalho para todas as manhãs. Se ela ao menos conseguisse dois empregos fixos, talvez...

Não. Nada de talvez. Ela afundou o queixo na gola do casaco enquanto atravessava a rua movimentada. Por enquanto, ela não tinha tempo nem condição para tentar entrar na faculdade. Era outro sonho protelado pela necessidade. Outra coisa que ficaria para depois. Enquanto a vida dela e do pai não se estabilizassem, Bela não poderia arcar com aquele sonho. Quando as coisas melhorassem, talvez fosse uma possibilidade.

– Um dia, Bela. Um dia – disse para si mesma enquanto entrava em uma cafeteria para buscar o pagamento pelo trabalho da noite anterior. Um dia,

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo se resolveria.

E ela viveria seus sonhos.

PERIGOSAS ACHERON

Infelizmente, a vaga na biblioteca já havia sido preenchida.

Alguém chegara meia hora antes, e ela não conseguira aquela chance tão desejada. Bela até insistiu, perguntando se não havia uma vaga extra, ou um trabalho freelancer. Tirar o pó dos livros? *Não, senhorita.* Atender o público, talvez? *Não, senhorita.* Bem, ela não podia ser acusada de não tentar. Sorriu, agradeceu e deu meia volta.

– Bom dia, srta. Bela!

Bela acenou para o homem que a cumprimentava de uma banca de flores e se aproximou. Toda sexta-feira de manhã a avenida perto de sua casa se enchia de aromas e cores de uma feira, as pessoas andando de um lado para o

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, gritos ecoando que prometiam os melhores produtos e os preços mais tentadores.

– Bom dia, sr. Lang. Como estão as coisas hoje?

– Bonitas como você – ele gracejou.

– O senhor é muito gentil.

– Para a senhorita – ele estendeu uma rosa vermelha para ela.

– Oh, é linda. Mas não posso pagar pela rosa, sr. Lang. – sorriu por cima do botão.

– Não precisa pagar. Leve. – Ele lhe estendeu a flor mais uma vez. – É um presente. Uma flor para a moça mais bonita.

Tocada pelo gesto, Bela cheirou a rosa e soprou um beijo para ele, que ficou corado sob a pele enrugada.

– O senhor fez meu dia ficar bem melhor. Obrigada.

Ela passou pelas bancas lotadas, cumprimentando todos e ouvindo histórias aqui e acolá. Todos já a conheciam e sempre tinham uma

PERIGOSAS ACHERON

frase bonita para o seu dia. Sabiam das condições dela e do pai e admiravam a força dela ao enfrentar tantas dificuldades. Isso fazia com que Bela voltasse para casa com mais coisas do que tinha quando saía. Uma flor em botão; uma laranja para adoçar sua vida, uma cortesia da sra. Hodge; um cachecol de lã colorida. Eles gostavam dela e essa era a forma que encontravam de demonstrar isso.

Meia hora depois, quando entrou em casa, Bela ficou feliz ao ver que a energia já havia sido restabelecida, o aquecimento estava ligado e uma chaleira apitava na cozinha, sinal de que o pai estava em pé e trabalhando.

– Papai! Cheguei!

Ela desenrolou o cachecol do pescoço e tirou o casaco, deixando-os sobre o espaldar de uma cadeira. O pai não respondeu e o silvo da chaleira se tornou mais alto. Em poucos passos, ela adentrou a cozinha e, para sua surpresa, descobriu que ele não estava sozinho.

Em pé ao lado do fogão havia um homem na casa dos sessenta anos, magro, de estatura mediana

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e cabelos branquíssimos; tinha também um bigode fino que tornava suas feições ainda mais sóbrias. Vestia um terno preto bem cortado e meneou a cabeça em cumprimento quando Bela entrou.

– Senhorita.

– Oi – ela cumprimentou, surpresa. – Pai? – Ela se dirigiu ao pai, que estava sentado à mesa.

– Minha querida. – Ele se levantou, enquanto o desconhecido ia até a chaleira e desligava o fogo, despejando a água quente dentro do bule velho de cerâmica branca, uma herança da mãe de Bela. O cheiro de camomila encheu o ambiente.

O pai pegou as mãos dela – que estavam geladas – entre as dele e as apertou.

– Este é o sr. Eugène Oliver. Ele veio fazer uma visita.

– Prazer em conhecer o senhor. – Bela se adiantou e estendeu a mão para o homem. – Eu sou a Bela. Você é um amigo do meu pai?

– Mais para conhecido, senhorita. – Ele

PERIGOSAS ACHERON

respondeu com uma voz polida e rouca enquanto despejava o chá em duas xícaras que estavam sobre a mesa.

Bela se voltou para o pai, que observava aflito a interação entre os dois.

– Você está bem? – Perguntou ao notar que ele tremia um pouco.

– Sim, sim, só estava conversando com o sr. Oliver a respeito de um trabalho que fiz. Lembra-se da mansão em Rose Hill? Aquela com o jardim gigantesco? Ele trabalha lá e foi quem me deu o trabalho com as rosas há alguns meses.

– Claro que me lembro, passei lá uma vez. Há um lindo jardim e uma casa magnífica.

– É uma propriedade antiga da qual tenho muito orgulho em fazer parte, senhorita. Trabalho lá desde que nasci e servi a duas gerações naquela casa. Seu pai realizou um trabalho há alguns meses e foi por isso que vim até aqui. Temos um assunto a resolver em relação a isso. – O tom dele era sério e Bela notou que havia algo a mais por trás das

palavras. O pai dela parecia ainda mais abatido. Algo estava errado.

– Bem, se for algo em que eu possa ajudar, farei companhia ao meu pai, se não se importar. – Ela se sentou e puxou o pai para que fizesse o mesmo, em um gesto que dizia que ela não iria a lugar algum.

Por alguns segundos, notou que Eugène Oliver considerava a situação, mas ao perceber que ela não os deixaria a sós, ele também se sentou, empurrando a xícara em direção ao pai dela.

– Como a senhorita já sabe, seu pai foi contratado por mim para realizar um serviço de jardinagem há alguns meses. Eu já tinha ouvido falar das mãos competentes dele e não nos decepcionamos quando ele começou a cuidar do jardim da propriedade.

Bela notou que o pai olhava fixamente para a mesa, parecendo envergonhado de erguer o rosto e encarar Eugène. O que estava acontecendo?

– Ele realizou um trabalho magnífico, e, em pouco tempo, as rosas estavam exuberantes como

PERIGOSAS NACIONAIS

eram antigamente. Aos poucos, e seu pai pode confirmar isso, ele teve acesso aos jardins internos da casa e passou a trabalhar neles também. Novamente operando milagres nas flores que estavam quase mortas. Ele tem um grande dom com as plantas, senhorita.

– Eu sei. – Bela apertou a mão do pai em um gesto de conforto. – Ele sempre foi muito talentoso.

– Acredito que seja interessante que ele conte o motivo de eu estar aqui. – Eugène disse gentilmente.

– Pai? – Bela fez com que ele levantasse o rosto e olhasse para ela. Havia vergonha em seus olhos azuis e ele parecia muito mais velho e cansado.

– Eu precisava de dinheiro, Bela. – Ele disse com um fio de voz, os lábios tremendo. – Eu tinha uma dívida enorme de jogo e não queria que você arcasse com esse peso outra vez. Você já sacrificou tanto por mim. E havia tantas coisas na casa. Tantas coisas bonitas em uma casa vazia. – Ele voltou a olhar para as próprias mãos, incapaz de sustentar o olhar doloroso que Bela lhe lançou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não...

– Peguei um anel que achei em um quarto. Pensei que ninguém sentiria falta de um anel antigo. Ele pagaria a minha dívida e você não precisaria ficar sabendo de mais essa vergonha na minha vida.

Bela se levantou, deixando o pai sentado, parecendo pequeno e amargurado. Milhares de pensamentos conflitantes a inundaram. Seu pai havia roubado para pagar uma dívida de jogo. Eles deviam dinheiro para a família de Eugène Oliver e teriam que pagar. Mas quanto?

– Senhorita, a joia tinha um valor sentimental muito grande para meu senhorio. Por isso, é necessário tomar alguma providência.

Ainda em choque, ela se virou para Eugène, que a observava com um misto de tristeza e constrangimento.

– Eu pagarei. Não importa quanto tempo leve, mas eu pagarei, sr. Oliver – ela afirmou, engolindo as lágrimas que queimaram em seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Bela, não!

– Eu pagarei – ela se postou decidida em frente ao homem. – A única coisa que peço é que não procure as autoridades, que não entregue meu pai à polícia. Eu imploro.

– Senhorita...

– Não! – Exclamou, o rosto consternado. – Meu pai não tem os meios para devolver o dinheiro e nem a saúde para enfrentar um processo como esse. – Por favor, sr. Oliver. Deixe-me falar com os proprietários do anel. Vou me comprometer a repor o que foi perdido.

Que tipo de pessoa ela seria se não se colocasse no lugar do pai? Ele já havia feito tanto por ela. Tinha criado-a com amor e dedicação, mas agora estava doente. Aquele ato desesperado fora consequência do seu vício, daquela doença que o devorava e entristecia.

Uma sombra cruzou o rosto de Eugène Oliver, fazendo-o parecer muito mais velho do que provavelmente era. Ele se ergueu, apoiando as

PERIGOSAS ACHERON

mãos nos joelhos, e a encarou. Avaliou os olhos aflitos dos dois e suspirou, parecendo repentinamente abatido. Ele estava tomando uma decisão, e ela esperava que fosse uma misericordiosa.

– Eu falarei com eles, se me permitir, senhor.

– É melhor não, senhorita. Deixe-me lidar com meu senhorio e apresentar a sua proposta. Esteja na propriedade amanhã de manhã, às seis horas, e comunicarei a decisão. – Sem mais, o homem meneou uma despedida e saiu da cozinha.

Nem Bela nem o pai falaram por algum tempo. Ela se encostou na bancada, buscando equilíbrio.

– Pai, qual é o valor da sua dívida? – Perguntou finalmente.

Ele sussurrou o valor, a vergonha estampada no rosto, as mãos tremendo sobre o espaldar da cadeira.

Bela arfou. Ela precisaria trabalhar por anos e em dobro para conseguir pagar. Toda e qualquer economia seria destinada para o pagamento da

dívida.

Ela não chorou por si mesma e nem por ele. Quando o pai a abraçou e pediu perdão, Bela não o culpou. Só sentiu tristeza pela condição do homem que ela amava mais do que tudo no mundo e que, por mais que ela tentasse, talvez não conseguisse salvar.

Bela não dormiu naquela noite.

Por mais que tentasse, acabara rolando na cama até o amanhecer, perdida em pensamentos atemorizantes. Ela imaginou o pai sendo algemado e preso, longe dela, dormindo sozinho em uma cela fria e à mercê de perigos que ela não poderia combater por ele.

As imagens se tornavam cada vez piores e, bem antes da hora marcada, Bela já estava de pé, vestindo uma calça jeans, botas e um suéter grosso para enfrentar o frio lá fora. Ela lavou o rosto para tentar diminuir o inchaço dos olhos e prendeu o cabelo em uma trança para esconder o quanto ele estava amassado. Deixou um bilhete e o café pronto, saindo antes mesmo do sol refletir nas janelas do apartamento.

A propriedade na qual ele trabalhara meses antes – quando ainda via significado na vida – ficava na parte nobre da cidade e longe do centro, quase isolada em uma colina. Bela precisou pegar um ônibus e depois ainda caminhar o último quilômetro até os enormes portões que guardavam a casa silenciosa e rodeada por árvores e vegetação.

Na outra vez que estivera ali, Bela ficara encantada ao entrar pelos portões e percorrer o caminho de pedras cobertas por musgo que levavam a uma fonte imensa – de um deus que se erguia e segurava um disco solar – encoberta por hera. Era um lugar lindo que tinha um ar de abandono e tristeza impossíveis de esquecer. Naquela manhã, porém, Bela não percorreu o caminho encantada com a beleza do lugar. Estava aterrorizada demais com o que poderia acontecer caso os donos da joia decidissem entregar seu pai para a polícia.

A casa por si só parecia um castelo. Era obscura e coberta por hera até o topo, assim como a fonte. Qualquer que tivesse sido o trabalho que o pai fizera no jardim, parecia aos poucos à medida que

PERIGOSAS ACHERON

as ervas daninhas avançavam. Bela subiu a longa escadaria, que a levou a um patamar com folhas secas que se quebravam sob seus pés. O frio era mais intenso ali no alto da colina, e, assim que bateu duas vezes na porta de madeira, ela cruzou os braços tentando afastar os tremores que lhe tomavam o corpo.

Por um momento, achou que ninguém da casa ouviria a batida tímida que dera, mas, antes que finalizasse esse pensamento, a porta se abriu e Eugène Oliver a cumprimentou, vestido todo de preto como na véspera.

– Senhorita. Chegou cedo.

– Às seis, como o senhor solicitou. – Ela entrou no salão amplo, com piso de mármore e um pé-direito tão alto que ela mal conseguia enxergar a cúpula de vidro encoberta por mais vegetação.

Alguns raios de sol tímidos entravam por lá, iluminando as paredes altas e as colunas ricamente trabalhadas. À sua frente, no fundo do salão, uma escada de mármore se erguia e se dividia para a esquerda e para a direita. O coração dela deu um

PERIGOSAS ACHERON

salto por causa da excitação e do deslumbramento.

– Senhorita? Quer me acompanhar?

Bela olhou para o sr. Oliver, que a esperava perto de uma porta à esquerda da entrada.

– Desculpe.

– Não se preocupe. Este lugar é mesmo admirável. Vivo aqui desde criança e até hoje me surpreendo.

Eugène a levou para uma cozinha que estava vazia àquela hora. Bela ficou esperando que mais pessoas surgissem para preparar o café da manhã ou iniciar os trabalhos domésticos do dia, mas, a exemplo do lado de fora, a casa parecia deserta. A cozinha era ampla e prática, mas o que a diferenciava era a janela sobre a pia que dava vista para outra parte do jardim e mais uma fonte. Era lindo. Também vazio e silencioso, mas lindo.

– A senhorita aceita chá ou café?

Bela negou com delicadeza. O deslumbramento com a casa passara e dera lugar a um pânico

crescente que a consumia.

– Senhor, preciso saber o que acontecerá com meu pai. O que seus patrões disseram? Aceitaram a minha proposta?

– Um patrão. Sirvo apenas a uma pessoa, que é dona disto tudo, senhorita. Conversei com ele ontem à noite e meu senhorio foi bastante compreensível. Não há motivo para condenar seu pai a tamanho estigma se a senhorita estiver disposta a devolver o que foi roubado.

Bela suspirou aliviada.

– Obrigada, sr. Oliver. Pagarei uma quantia estipulada por ele todo mês. Dou a minha palavra que só descansarei quando a dívida estiver quitada.

Ele serviu uma xícara de chá para si mesmo e fez um gesto para que ela se sentasse.

– Precisamos conversar sobre isso também.

O alívio de Bela durou pouco.

– Meu senhorio não exigiu a joia de volta e também não precisa do dinheiro. No entanto, ele

fez uma proposta que acredito ser interessante para a senhorita. Como pode ver – ele fez um gesto que poderia indicar tanto a cozinha quanto a mansão. – Não temos serviçais e o trabalho na casa é grande. Infelizmente, não dou conta de tudo há alguns anos. Eu soube que a senhorita trabalha também com serviços domésticos, então a sugestão que oferecemos é que realize os serviços da casa. Suas tarefas seriam comuns. Limpar e organizar os cômodos, cuidar da lavanderia e talvez das refeições quando eu não puder fazer isso. O que me diz?

Bela permaneceu em silêncio, avaliando o que ele tinha lhe dito. Ela precisaria pagar, mas não em dinheiro. Teria que trabalhar ali por tempo indeterminado até a dívida ser saldada. Talvez por anos.

– E meu pai? – Perguntou, dando voz a seu maior temor: ter que deixá-lo sozinho. Ela nunca faria isso.

– Imaginei que não quisesse se separar dele, então propomos que o traga consigo e o acomode

na casa próxima ao antigo jardim. – Ele apontou para a janela e Bela vislumbrou um chalé de pedra escondido entre as árvores. – A senhorita, é claro, teria que dormir aqui dentro para o caso de eu precisar de sua ajuda com alguma coisa durante a noite.

Bela pensou em questionar que tipo de ajuda ele precisaria ali durante a noite, mas resolveu ficar em silêncio enquanto a proposta de Oliver girava em sua mente. Diante do silêncio de Bela, ele ofereceu um sorriso compreensivo e continuou:

– Pense bem, senhorita. Estamos concedendo uma forma de saldar a dívida que renderá moradia e refeições para você e seu pai. Meu senhorio não tem a intenção de ser cruel, mas pensou em uma solução que pudesse favorecer os dois lados.

Viver e trabalhar ali, afastada da cidade e de todos, mas perto do pai e com menos dificuldades. Não ter que se preocupar por um tempo com as contas que se acumulavam. Ela não podia negar. A oportunidade era melhor do que a alternativa. Assim diminuiriam os gastos e o pai ficaria

confortável vivendo perto do jardim imenso. Ela tomou fôlego e assentiu.

– Não preciso pensar. Aceito a proposta, sr. Oliver. Agradeço muito a compreensão do seu patrão por considerar a questão de forma tão justa. Quando quer que eu comece?

– A senhorita e seu pai podem fazer a mudança para cá durante esta semana. Na próxima segunda-feira, a senhorita poderia começar a trabalhar na casa. É um arranjo agradável?

Agradável? O que mais ela poderia pedir? Eles estavam lhe dando uma solução bastante generosa e ela não podia reclamar de qualquer coisa.

– É um tempo justo, sr. Oliver. Obrigada. – Ela fez menção de se despedir, mas parou. – Seu patrão está em casa? Gostaria de agradecer a ele.

A expressão do homem mudou de serena para atenta. Seus olhos, que até então estavam calmos, tornaram-se cautelosos. Ele se empertigou e se levantou da mesa, indicando que o tempo deles acabara.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu mesmo transmitirei o seu agradecimento, senhorita. Não se preocupe – ele ergueu a mão para mostrar uma porta menor às costas dele. – Por aqui. Sairemos no jardim.

Dez minutos depois, Bela desceu a alameda em direção à cidade, deixando Rose Hill e suas rosas mortas para trás. A partir daquele dia, a vida dela e do pai mudaria drasticamente e o futuro dos dois ficaria comprometido por tempo indeterminado.

Naquele momento, se Bela tivesse olhado para trás, para o alto da colina, teria visto que uma sombra a observava da janela mais alta da casa.

PERIGOSAS ACHERON

Bela levou uma semana para instalar o pai na cabana de Rose Hill.

Também providenciou a mudança dos pertences dos dois para o novo local de trabalho. Ela cancelou o aluguel do apartamento e se despediu temporariamente dos amigos do bairro e da feira.

No domingo, quando tudo estava pronto, Eugène a acomodou em um quarto no térreo. Havia uma cama enorme, coberta por lençóis muito brancos, uma cômoda antiga e trabalhada, uma televisão não muito mais nova, um armário de mogno, e uma mesa de cabeceira com um abajur franjado. Era um lugar confortável e espaçoso, iluminado pela janela de vitrais coloridos. O quarto confortável era muito mais do que ela imaginou que merecesse receber devido ao que o pai fizera.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela primeira noite, Bela dormiu no chalé para conversar com o pai sobre como seria a vida dali em diante. Ela permaneceria na casa, mas iria até lá para vê-lo todos os dias, levar refeições e arrumar o lugar. Em um acordo com o sr. Oliver, o pai voltaria a cuidar do jardim e assim, os dois devolveriam juntos, em forma de trabalho, o valor devido ao proprietário.

Na segunda-feira, assim que amanheceu, Bela entrou na cozinha, pronta para começar sua nova vida. Eugène, que ela desconfiava acordar ainda de madrugada, já estava vestido com as roupas pretas habituais e bebericava uma xícara de chá.

– Bom dia, senhorita. Aceita uma xícara de chá?

– Não, obrigada. Já tomei café com papai. Ele se levantou cedo também, ansioso para começar a trabalhar no jardim.

– Bem, venha comigo, então. Darei algumas instruções.

Bela o acompanhou até o salão iluminado pelo sol da manhã. Os vitrais lançavam matizes de cores

e brilhos sobre o mármore frio, trazendo magia para a casa silenciosa.

– À sua esquerda, como já sabe, estão a cozinha, o quarto dos empregados, a lavandeira e algumas saletas vazias. À direita, temos um escritório, uma sala de música e uma biblioteca.

– Uma biblioteca? – Bela o interrompeu, observando as portas de madeira, surpresa com a ideia de ter acesso a uma biblioteca durante sua estadia ali.

– Exato. Subindo as escadas e seguindo pelo lado esquerdo, a senhorita encontrará quartos, banheiros e um estúdio de pintura.

– E à direita?

– A ala direita da casa está fechada. Não será necessário fazer limpeza lá.

– Por quê?

– Porque é lá que ficam os aposentos do senhorio, e ele requisita os serviços para mim quando acha necessário. – Eugène respondeu com

um tom mais formal do que o normal, afastando-se a passos largos e voltando à cozinha. Bela o acompanhou, tentando entender por que o tom dele sempre mudava ao falar do dono da casa.

– O senhorio fica sozinho lá em cima?

– Fica, senhorita.

– O dia todo? – Ela indagou, estranhando a situação.

– E à noite também – Ele respondeu.

– Quando irei conhecê-lo, sr. Oliver? – Perguntou, seguindo os passos apressados do homem, e quase se chocou contra ele quando o mordomo estacou e respondeu de forma bastante séria.

– Você não vai conhecê-lo, senhorita, a menos que algum dia ele queira que isso aconteça. E está terminantemente proibida de tentar entrar naquela ala sem a minha permissão. Ele tem hábitos bastante peculiares. – Eugène respondeu com um tom de voz mais suave, como se se desculpasse com ela. – Ele gosta de ficar sozinho e não ser

interrompido a não ser que seja desejo dele, senhorita.

Bela tinha centenas de perguntas. Por que ele ficava sozinho? Estava doente? Era jovem? Velho? Tinha filhos? Trabalhava? Mas manteve todas elas para si ao perceber que, pela expressão fechada do sr. Oliver, ele não responderia nada que se relacionasse ao senhorio. Bela se censurou silenciosamente pela curiosidade que sempre a acometia quando encontrava algo desconhecido e misterioso.

Então, ele lhe explicou quais eram as suas tarefas. Abrir as janelas, bater os tapetes, preparar duas refeições por dia, tirar o pó dos móveis e cuidar da compra de comida quando ele não pudesse ir até a cidade fazer isso. Ele a ajudaria no que fosse possível, mas, com o reumatismo cada vez mais evidente, não poderia fazer muita coisa.

O pai dela cuidaria do jardim, mas não era bem-vindo dentro da casa. Fora ele que causara isso e não poderiam deixar que aquilo se repetisse. Bela engoliu a mágoa quando soube disso, mas era o

mínimo que ele poderia fazer para remediar a situação.

Durante a hora seguinte, Bela seguiu Eugène pela casa para se ambientar e saber o que fazer. Ele lhe deu um molho de chaves e mostrou qual abria cada porta. Ela não tinha horário para começar pela manhã, mas o almoço deveria estar pronto a uma da tarde e o jantar às sete da noite. O mais importante, no entanto, era que ela não podia andar pela casa após a meia-noite, de acordo com a vontade do senhorio. Bela não perguntou porquê.

Não seria um trabalho difícil. Seria estafante, mas não impossível de ser realizado. Bela teria a liberdade de ir e vir e de estar com o pai sempre que necessário. Ela poderia até fingir que seria hospede da enorme mansão, passeando pelos cômodos e andando pelo jardim. Ela poderia imaginar que estaria ali porque queria e não porque tinha uma dívida...

Enquanto acompanhava o sr. Oliver, Bela tentou não pensar em todos os sonhos que ficavam para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

O outono se foi e o inverno chegou furiosamente.

Em poucos dias, o jardim ficou encoberto de neve e só era possível enxergar o despontar dos galhos secos contra o céu, carregados de branco. O vento assobiava de forma tão cortante que Bela podia ouvi-lo fustigando a casa e soltando lamentos que se infiltravam pelas paredes e ecoavam como gritos de fantasmas pelos corredores.

No começo, ela se assustava com frequência. Volta e meia uma janela batia em algum lugar e o vento balançava as cortinas. O abandono da maioria dos cômodos não fazia com que Bela se acalmasse. Havia quadros antigos com rostos desconhecidos e esculturas de anjos e criaturas que ela não sabia identificar, encobertas de poeira,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo sombras retorcidas na escuridão que a assustavam frequentemente.

A casa era terrivelmente solitária.

Pelo tamanho e quantidade de quartos, ela imaginava que o lugar já havia sido movimentado, talvez recebendo bailes, festas e pessoas cobertas de joias. Mas, aos poucos, tinha ficado vazio, lúgubre como um mausoléu antigo, e com um dono que nunca aparecia.

Ela geralmente ia dormir exausta e acordava, na manhã seguinte, dolorida pelo esforço. Bela já tivera diversos empregos e não tinha medo de limpar e organizar, mas nada havia sido em uma escala tão grande quanto aquela casa. Ela começou organizando os cômodos do térreo, levando um dia inteiro para cada um, pois havia centenas de objetos para serem limpos e organizados. Espanava, lavava, trocava os lençóis e retirava as cortinas. Bela identificara cinzeiros, bibelôs, abajures, castiçais e vestidos bordados à mão. Havia baús decorados que pareciam pertencer à algum navio pirata e caixas de música que já não emitiam nenhum som.

PERIGOSAS ACHERON

Alguns quartos guardavam brinquedos e algumas bonecas com olhos de vidro que pareciam segui-la de um lado a outro. Ao perguntar ao sr. Oliver quantas pessoas já tinham morado ali, a resposta dele foi bastante curta: “muitas”.

Bela se levantava cedo. Tomava uma xícara de chá com o mordomo e ia visitar o pai no chalé antes de subir para terminar o trabalho do dia anterior. Por volta do meio dia, preparava o almoço. Depois voltava a seus afazeres até pouco antes do horário do jantar. À noite, ela levava comida para o pai e ficava com ele por algumas horas antes de voltar para dormir na mansão. Geralmente, adormecia sentada, lendo um livro, e acordava de madrugada escutando rangidos agudos.

A princípio, ela pensava que havia deixado alguma janela aberta. Mas se lembrava da recomendação do sr. Oliver e não ousava sair do quarto para conferir. Após se certificar, por várias noites, que havia fechado bem todas as janelas antes de se deitar, Bela reconheceu os rangidos como portas sendo abertas e fechadas no andar de cima. Também escutava passos e um barulho

PERIGOSAS ACHERON

estranho, como se algo pesado batesse contra a madeira, ressoando todas as noites entre uma e duas da manhã. Então Bela se recostava contra a cama e imaginava que aqueles sons significavam que o patrão que ela nunca vira estava lá em cima.

Às vezes, ela se levantava com vontade de espiar e descobrir como ele era, mas sempre voltava para a cama por temer ser pega. Sua curiosidade não valia o risco de ser mandada embora e fazer com que eles denunciassem o pai.

Um mês depois da chegada a Rose Hill, Eugène Oliver lhe concedeu as chaves dos cômodos restantes para que ela pudesse organizá-los também. Assim que passou para a biblioteca, desejou que nunca mais tivesse que sair dali.

Se gerações de pessoas haviam vivido naquela casa, gerações de livros estavam espalhados naquele cômodo. Seu queixo caiu assim que ela parou no meio da sala. Olhos emocionados percorriam todas as prateleiras e aparadores abarrotados de livros antigos com capa de couro e de edições recentes com capa colorida. As estantes

PERIGOSAS NACIONAIS

eram tão altas que as prateleiras superiores só poderiam ser acessadas pela escada que estava em um canto.

No fundo do cômodo, uma janela fechada, oculta por cortinas vermelhas, impedia que a claridade entrasse e iluminasse as milhares de lombadas de livros.

Após o momento de deslumbramento, ela notou como o lugar estava bagunçado. Centenas de livros estavam fora das prateleiras, espalhados pelo chão e sobre a mesa de leitura. Havia pelo menos um dedo de pó sobre todos eles e, em alguns cantos, as aranhas já tinham trançado teias que se estendiam como cobertores.

Considerando aquilo um pecado, Bela arregaçou as mangas do suéter azul que usava e passou a organizar a biblioteca como se aquele fosse o único cômodo da casa. Ela sabia que gastaria mais tempo ali, mas não se importava. Terminou o primeiro dia coberta de poeira, mas feliz como uma criança que ganhara um brinquedo novo e brilhante. Na sua cabeça, uma lista de leituras novas se formava, e

PERIGOSAS ACHERON

ela ansiava pela permissão do sr. Oliver para poder surrupiar alguns daqueles volumes e ler no quarto à noite.

Ao final de uma semana, a maioria dos livros estava novamente em seus lugares, as cortinas pendiam abertas, deixando entrever a neve que cobria o jardim, as luminárias estavam todas acesas e limpas, e o tapete voltara a ter cor. Seus braços pesavam como chumbo, mas ela estava feliz por ver o cômodo mais bonito da casa organizado de novo.

– A senhorita fez um ótimo trabalho – disse Eugène ao colocar uma bandeja pesada de chá sobre a mesa de leitura.

– Obrigada. – Ela se serviu e se sentou na cadeira alta com forro de veludo atrás da mesa. Bela cruzou as pernas na altura do tornozelo e fechou os olhos para aproveitar o minuto de descanso e a felicidade por ter cumprido aquele dever. – Ainda faltam duas estantes, mas espero terminar tudo em mais uma semana.

– A senhorita tem trabalhado muito, inclusive

PERIGOSAS ACHERON

aos finais de semana. – Ele comentou, sentando-se à frente dela com a própria xícara. – Acho que seria hora de tirar uma folga.

– Obrigada, sr. Oliver, mas, no momento, não tenho muito o que fazer fora daqui. – Ela sorriu. – Teremos nevasca neste fim de semana, se a previsão do noticiário estiver certa.

– Bom, saiba que é livre para sair quando quiser. Esta casa não é uma prisão, mas um trabalho. – Ele devolveu o sorriso, uma fenda no rosto magro. – Desde que cumpra o horário da semana, pode ir e vir como bem entender.

– Eu sei, sr. Oliver, não se preocupe.

Depois de quase dois meses, ela já se sentia à vontade na casa e na presença do velho homem, que, apesar das poucas palavras, era sempre delicado e atencioso com ela. Bela sentia falta das pessoas da cidade e de andar pelas ruas, conhecendo novos lugares, mas também se sentia em casa ali. Era um conforto estranho, algo que se instalara em seu coração e que, no momento, não fazia sentido, mas que ela não podia negar que

PERIGOSAS ACHERON

existia.

Quando terminava seus afazeres antes de anoitecer, Bela gostava de andar pelos corredores, tentando descobrir a história das pinturas que cobriam as paredes. Outras vezes, ela se sentava no peitoril de uma das janelas e passava horas admirando os contornos da cidade ao longe. Ela gostava daquele lugar e de suas paredes cheias de tapeçarias opacas, dos objetos antigos, dos sussurros do vento, e do salão e sua cúpula que fazia com que pensasse em princesas e bailes de contos de fadas.

– Gostaria de pedir permissão para ficar na biblioteca nos meus horários livres, se o senhor não se importar – ela pediu, voltando o olhar para ele.

– Claro. A senhorita pode circular por qualquer lugar que não seja a ala leste. Se desejar ficar na biblioteca, nada a impede.

Bela se levantou, alongando os braços sobre a cabeça e estalando os músculos doloridos. Deu a volta na mesa e se inclinou sobre Eugène.

– O senhor é um amor – ela depositou um beijo leve na bochecha enrugada, que se cobriu de um tom de vermelho que ela nunca vira. Que adorável!

No sábado, ela se permitiu não fazer coisa alguma na casa. Acordou tarde e resolveu dedicar um tempo a si mesma. Organizou suas coisas e passou o restante do dia com o pai. Eles conversaram sobre o trabalho dela, e, apesar de Bela estar contente com a estadia na casa, podia ver a expressão cautelosa dele, que se culpava por toda aquela situação. Ele olhava para as mãos e para o rosto dela, procurando por vestígios de fadiga.

Quando a noite chegou, Bela voltou à mansão e se aconchegou em uma das poltronas da biblioteca com um exemplar antigo de um romance de Elizabeth Gaskell nas mãos. Ainda tinha tempo antes do toque de recolher, então, embalada pelo vento que fustigava as janelas e pela luz suave do abajur ao seu lado, ela se entregou ao livro. O tempo parou, o chá esfriou na xícara, e Bela se tornou Margaret Hale, que se assustava com as fábricas do Norte e estava intrigada pelo sr. Thornton. E, antes que ela pudesse notar, a história

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a envolveu, embalou e ela adormeceu.

O relógio badalou meia-noite, e Bela acordou assustada.

Alguém a observava na escuridão.

Ela franziu o cenho, encarando a estátua comprida ao lado da lareira. Por deus, ela mudaria aquela estátua de lugar no dia seguinte! Olhou ao redor, assustada por ter permanecido tanto tempo ali e por saber que estava infringindo uma das regras da casa. Ela precisava ir para o quarto antes que os sons, *aqueles sons*, comesçassem.

Bela se embaraçou nas próprias pernas ao se levantar. O cabelo caiu na frente dos olhos, o livro desabou no chão, e ela praguejou entredentes. Agarrando a xícara ainda pela metade, ela se apressou em colocar o livro de volta no lugar e se dirigiu com passos leves até a porta, evitando esbarrar em alguma coisa. Do lado de fora, havia apenas a escuridão que se avolumava e criava sombras na escada.

Enquanto Bela tropeçava ao atravessar o saguão,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outra pessoa encarava a escuridão dentro da biblioteca. Uma mão pousou sobre a poltrona em que ela estivera adormecida, e dedos hesitantes roubaram o calor que ela deixara no tecido.

PERIGOSAS ACHERON

No dia seguinte, ao olhar pela cortina, Bela encontrou uma parede de cristais.

Não havia como sair naquele dia, o que significava que não veria o pai. Preocupada, acalmou-se somente quando o sr. Oliver lhe garantiu que, do andar superior, era possível vislumbrar a fumaça que saía da chaminé do chalé, uma prova que seu pai estava se virando sem ela.

Mais tranquila, passou o dia andando de um cômodo para o outro, dentro de um jeans e um blusão que lhe chegava aos joelhos. Bela era uma mulher de constituição pequena e os últimos meses tinham tirado dela mais algum peso, fazendo com que parecesse mais frágil do que era na realidade.

Bela organizou uma pilha de periódicos na

biblioteca, tomou várias xícaras de chá e comeu torradas sobre a mesa de leitura. Enquanto a neve continuava a cair, ela puxou, de gavetas variadas, uma série de papéis de carta antigos, canetas sem tinta e mata-borrões secos. Jogando fora o restante, ela empilhou os papéis sobre a mesa por cores e tamanhos. Depois abriu um baú pequeno e analisou seu conteúdo. Mais papéis, um jornal dos anos 1990 e um álbum de fotografias.

Ela parou e passou a mão pela capa do álbum, removendo uma camada de poeira. Não havia inscrição na capa, nem na folha interna, mas uma série de rostos sorridentes a encarou de volta. Ela vira muitas coisas naquela casa nos últimos meses, mas tudo parecia frio e distante. Eram coisas que tinham pertencido a pessoas, porém já não restava nada das pessoas nos objetos. No entanto, aquilo era diferente. Aqueles rostos eram reais, de pessoas que talvez tivessem vivido naquela casa e tivessem respirado dentro daqueles cômodos. Ela embalou o álbum nos braços e o depositou sobre a mesa.

Uma mulher risonha olhava de volta para Bela. O sorriso dela era tão largo que mal se notava o

PERIGOSAS ACHERON

homem ao seu lado que olhava tímido para a câmera. A foto já devia ter sido colorida, mas desbotara. O cor de rosa do vestido da mulher estava apagado e pouco se via dos cabelos negros e óculos de aros redondos do homem. Não havia legenda, mas aquelas duas pessoas se repetiam em todas as páginas seguintes. Estavam em um barco à beira de um lago, no meio de uma partida de golfe... Ele sempre tímido, ela sempre estonteante e alegre. Era um casal feliz e aparentemente rico.

Bela acompanhou meses da vida deles até a silhueta da mulher mudar e a expressão dela se tornar mais doce e o ventre maior. Nas últimas fotos, um bebê rosado, enrolado em cobertores, aparecia no colo da mulher.

As fotos logo acabaram, mas a curiosidade de Bela foi despertada. Quem eram? Onde estavam? Onde estava aquele bebê? Provavelmente já era um adulto, se ela montasse uma linha do tempo pelas roupas antiquadas do casal, o penteado extravagante da mulher e os carros em que eles se apoiavam. Há trinta ou quarenta anos, eles deviam ter alguma ligação com a casa onde ela se

PERIGOSAS ACHERON

encontrava.

Uma janela bateu em algum lugar e Bela quase pulou da cadeira.

Oliver estava parado na porta da biblioteca e olhava na direção do álbum que ela segurava entre as mãos.

– Desculpe – Ela o fechou, um rubor se espalhando pelo rosto. – Eu não pretendia bisbilhotar. Estava limpando o baú e encontrei isso.

Ele não disse nada enquanto andava até ela e pegava o álbum. As mãos manchadas pela idade pousaram sobre as primeiras fotos enquanto os olhos fitavam as duas figuras. Eugène continuou em silêncio por muito tempo, com uma expressão perdida no rosto ao passar as folhas.

– Bem, creio que, quando se limpa a poeira, sempre corremos o risco de encontrar alguns fantasmas. – Os olhos ainda estavam fixos nas pessoas do álbum e os dedos tremiam levemente ao tocar o bebê da última foto.

– Quem são eles, sr. Oliver?

– Boas pessoas – ele soltou um longo suspiro. – Boas pessoas que há muito se foram.

– Eles eram os donos desta casa?

Ele assentiu, fechando o álbum e o empurrando para o meio da mesa. Bela sentiu um peso no peito ao perceber que trouxera dor àquele homem gentil. Ela pensou em colocar a mão sobre a dele para confortá-lo, mas não sabia até que ponto isso seria reconfortante ou invasivo.

Ela pensou no bebê envolto em cobertores.

– Todos se foram? Todos os três?

– Há formas diferentes de perecer, srta. Bela. De certa forma, todos se foram há muito tempo. – Então ele lhe deu as costas e saiu da biblioteca, encurvado pelo peso dos segredos que carregava.

Bela não tocou mais no álbum.

Naquela noite, ela não jantou. Mas preparou um bule de chá e o levou para a biblioteca. Ela também não leu, mas percorreu as lombadas dos livros com

PERIGOSAS NACIONAIS

os dedos, memorizando o lugar de cada um, os relevos e os cheiros, a altura e o brilho das capas. Quando a sala estava escura demais para que ela pudesse distinguir as letras, Bela se sentou em frente à janela e assistiu os flocos de neve que brincavam no vento. Em seus pensamentos, os três rostos das fotografias flutuavam e tentavam contar uma história. Pais e filho perdidos para sempre, poeira e lembranças. Ela se perguntava se, um dia, ela e o próprio pai seriam daquela mesma forma: fotos esquecidas em um álbum velho, presos dentro de um baú.

Bela se perguntava se, algum dia, ela conseguiria construir a própria história.

Ela encostou a testa no vidro frio, sua respiração condensando e distorcendo seu reflexo. O vapor do chá subiu e a esquentou, fazendo alguns fios de cabelo grudarem nas têmporas. Não estava infeliz, mas também não estava feliz. Bela estava confortável naquele momento, mas se sentia insegura quanto ao futuro. Ela queria mais, mas se resignava com o que poderia ter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bela queria um futuro e poder fazer planos. Queria viajar pelo mundo e conhecer lugares novos. Queria realizar seus sonhos e fazer com que o pai tivesse uma casa confortável para morar.

Deixando a xícara de lado, ela se recostou na janela, puxando os joelhos para o corpo, e, flutuando entre angústias presentes e possíveis futuros, adormeceu novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não se permitiu respirar.

Ele não se permitiu aproximar.

Mas, do canto mais escuro, observou a mulher recostada na janela, a cabeça apoiada no vidro, a respiração calma que movia os fios que caíam sobre o rosto dela.

Ele não fez nada além de observar a criatura estranha que passara a habitar a casa que era a cela dele. Deixou que ela dormisse ali, no seu mundo, porque parecia errado fazer qualquer coisa que pudesse despertá-la.

O rosto dela, contra a luz da janela, parecia esculpido em mármore branco. Os dedos dele ansiavam por tocá-la.

Mas ele não fez isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bela acordou de repente.

Ela saiu do sonho e se deparou com o próprio reflexo na janela.

E com o reflexo de um homem em pé, atrás dela, ao lado da lareira.

Bela não gritou.

Mas desceu da janela e se escorou nela, como se ela fosse se abrir e lhe dar um ponto de fuga. Os olhos arregalados tentaram captar as feições do homem que permanecia parado e encoberto pelas sombras.

– Quem é você?

Ele não respondeu de imediato, mas fez menção de se mover. Bela olhou ao redor, procurando algo com que se defender, mas estava rodeada de livros e nenhum era pesado o suficiente para causar danos.

– Não, por favor. – A voz dele era rouca e baixa.
– Você não tem o que temer.

– Então me diga quem é você e o que quer aqui.
PERIGOSAS ACHERON

– Ela tentou parecer corajosa, mas percebeu que talvez estivesse tremendo demais para isso.

Ela ouviu um grunhido que podia ser interpretado como uma risada. Ele estava rindo?

– Eu que deveria estar fazendo essa pergunta. – A voz sem rosto pronunciou. – Esta casa possui algumas regras bem específicas e acredito que você esteja quebrando algumas delas.

Ela engoliu em seco. Sabia que não deveria estar ali após o horário permitido, mas tinha dormido e não conseguira escapar como na noite anterior.

– Eu pediria desculpas, mas não sei com quem estou falando. – Ela se aprumou, reunindo toda a coragem que tinha, e ergueu o queixo para as sombras. Podia apenas distinguir o contorno da cabeça e do lado direito do corpo dele.

– É comigo que seu pai possui uma dívida e é para mim que você está trabalhando.

Bela não conseguiu esconder a surpresa quando se deu conta de quem ele era. O senhorio, o dono da casa, o responsável pelos ruídos fantasmagóricos

PERIGOSAS NACIONAIS

que a atormentavam durante a madrugada. E ela infringira as regras da casa e o enfrentara de forma insolente.

Um tremor de vergonha e arrependimento a percorreu e ela temeu o resultado do que acabara de fazer. Bela torceu uma mão na outra e deu um passo à frente.

Ele deu um passo para trás.

– Peço desculpas, senhor. Eu não fazia ideia de que estava falando com a pessoa que permitiu que eu pagasse a dívida do meu pai com trabalho. Não era minha intenção ofender você, nem de ser intransigente quanto às ordens do sr. Oliver, mas peguei no sono. Prometo que não acontecerá outra vez.

Ela esperou pela resposta dele, mas ouviu apenas uma respiração pesada.

– Você gosta deles? – Ele perguntou após um momento.

– Deles?

PERIGOSAS ACHERON

– Dos livros. Dos meus livros. Desta biblioteca.

Ela soltou um suspiro, surpresa e aliviada ao mesmo tempo.

– Muito. A biblioteca é linda e os livros são maravilhosos. Li alguns com a permissão do sr. Oliver, mas posso parar se não agradar você – acrescentou, receosa.

O silêncio a envolveu novamente.

– Você pode continuar a lê-los. – Uma batida seca soou ao lado dele.

Quão velho ele era? Não era possível distinguir somente pela voz.

– É muito gentil da sua parte. – Bela deu mais um passo na direção dele.

– Não. – Ele ordenou e ela percebeu uma nota de medo no tom dele. – Não se aproxime.

Ela recuou e esperou, contando os segundos, ansiosa para desobedecer a ordem e se aproximar o suficiente para ver o rosto dele.

– Se você gosta dos livros e deste cômodo, vou
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permitir que fique aqui até depois do horário estabelecido. – Havia uma falha no tom de voz dele, como se fosse difícil para pronunciar alguns sons. – Mas não pense que poderá circular por outros cômodos. Se eu perceber que fez isso, você e seu pai serão expulsos, e cobrarei a dívida da forma que melhor me convir.

– Obrigada, é muita gentileza sua. E, não, não pretendo circular em outros lugares.

Ela esperou por uma resposta.

E esperou.

Bela estreitou os olhos, tentando distinguir a silhueta dele contra a parede, mas era como se não houvesse ninguém lá. Depois de alguns minutos, ela se atreveu a dar alguns passos e nenhuma voz a impediu. Tomando coragem, ela atravessou a sala, parando ao lado da lareira.

– Senhor.

Nada.

Apenas a parede.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por onde ele havia saído?

Bela tateou no escuro por uma porta ou tranca, mas não encontrou nada. De repente, decidindo que não devia abusar da sorte e nem da bondade do senhorio, ela saiu da biblioteca, caminhando apressada até o quarto.

Já embaixo das cobertas, ela não conseguiu pegar no sono, relembrando aquela cena absurda e buscando todas as informações possíveis sobre o dono da casa.

Pouco tempo depois, quando as batidas começaram novamente como o arrastar de cadeiras sobre a madeira, ela não se assustou.

PERIGOSAS ACHERON

Bela acordou no dia seguinte com o sol iluminando o quarto.

Ela não sabia bem o porquê, mas parecia que um peso que a sobrecarregava sumira naquela manhã. Depois de vestir seu suéter favorito e prender o cabelo, ela saiu apressada para a cozinha, onde Eugène já havia começado os afazeres.

– Bom dia, senhorita.

– Bom dia, sr. Oliver. O dia não está lindo? – Bela pegou uma torrada da pilha que ele havia feito, espalhando uma considerável porção de geleia sobre ela.

– Se a senhorita está feliz, parece ser um bom dia – ele fez uma medida antes de encará-la por cima dos óculos redondos. – Soube que conheceu o PERIGOSAS ACHERON

senhorio na noite passada.

– Sinto muito por ter desrespeitado o horário, sr. Oliver, mas acabei pegando no sono dentro da biblioteca.

– Não sou eu que faço as regras, e, pelo que soube, o meu senhor não pareceu incomodado. Ele me disse que permitiu que a senhorita fique lá além do horário estipulado.

– Sim, ele permitiu. Foi muita bondade dele – ela mastigou a torrada, pensando na próxima pergunta. – Sr. Oliver, não vi o rosto dele ontem à noite, pois ele permaneceu no escuro. Ele me pareceu bastante lúcido. Por que não o vemos durante o dia?

– Infelizmente, não posso responder a essa pergunta a não ser que tenha permissão. Se isso acontecer, eu avisarei – Ele se levantou, parecendo tenso, como sempre ficava quando ela tocava no assunto. – Parece que a neve nos dará uma trégua hoje. Cumprimente seu pai por mim se conseguir visitá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bela tentou esconder o desapontamento, meneando a cabeça em despedida. Ela continuava com milhares de perguntas sem respostas. Realmente havia um homem morando na ala proibida da mansão que passava os dias em silêncio e as noites vagando pelos cômodos, como se fosse mais um dos fantasmas que faziam o lustre do salão balançar e tilintar, e que se reportava apenas ao sr. Oliver.

Ele era um fantasma de carne, osso e sombras.

Bela visitou o pai e voltou para a mansão pronta para começar a trabalhar. Varreu, espanou, arrastou móveis e poliu peças, fazendo com que seus músculos protestassem com o esforço. Ela continuou a buscar sinais nos quadros e nos objetos que a ajudassem a resolver o enigma daquela casa e do homem envolto em sombras.

Mas, exceto pelo álbum encontrado na biblioteca, não havia nada que lhe dissesse quem era ou o que havia acontecido com ele. No final do dia, ela andou pela parte permitida da casa, os olhos ainda procurando pistas, mas era tudo vazio de

PERIGOSAS ACHERON

significados. Ela teria que se contentar com a promessa de algum dia Oliver lhe contar algo.

Naquela noite, após um jantar leve, Bela rumou para a biblioteca, o coração batendo descompassado conforme se aproximava da porta. E se ele estivesse lá? Ele falaria novamente com ela?

Mas não havia sinal algum do senhor da casa.

Porém a lareira havia sido acesa pelo sr. Oliver, a luminária perto da poltrona estava ligada, e as cortinas estavam fechadas e não deixavam entrever a neve lá fora. Ela se sentou confortavelmente, voltando para o livro que estivera lendo nos últimos dias e tentando se distrair da tensão crescente no estômago.

Vez ou outra Bela olhava para o lugar onde o homem estivera na noite passada, um ponto cego em que a luz das chamas não chegava, mas não havia nada lá além da parede. Um tempo depois, estava tão concentrada no livro que desistiu de procurar pela presença de alguém. Mesmo assim, quando um barulho seco a desconcentrou, ela

PERIGOSAS ACHERON

fechou o livro e seu olhar se voltou para o mesmo lugar.

– Olá?

– Não se assuste. – A voz rouca veio das sombras, fazendo o coração de Bela pular no peito.

– Senhor?

– Eu não quis atrapalhar. Por favor, continue a sua leitura.

Ela passou a língua sobre os lábios secos, incerta sobre o que fazer. Devia falar com ele? As mãos dela se abriram e fecharam, indecisas. Por fim, voltou a pegar o livro e continuou a ler. No entanto, após alguns minutos, sentiu-se desconfortável por saber que estava sendo observada. Como ele esperava que ela simplesmente se sentasse e lesse enquanto ele a fitava da escuridão?

– Senhor? Ainda está aí?

– Estou.

– Desculpe se parecer ofensivo, mas não

consigo ler sabendo que estou sendo observada. Me sinto estranha. – Ela disse e ofereceu para as sombras um sorriso de desculpas.

– Você não me ofende. – A voz veio entrecortada, quase como se ele sorrisse de volta. Ela observou a escuridão novamente, tentando criar contornos, um corpo e um rosto para a voz. – Eu sou a criatura estranha aqui. Bela.

Ela ofegou ao escutar o próprio nome sendo pronunciado tão suavemente.

– Posso oferecer algo ao senhor? Alguma coisa para beber? Já jantou? – Ela se levantou ao lembrar, de repente, que não era uma hóspede ali. Trabalhava na casa e era ele quem lhe dera uma oportunidade de salvar o pai.

– Não. Fique onde está.

Ela voltou a se sentar, trazendo os joelhos para cima do sofá e pousando as mãos sobre eles, cada vez mais insegura sobre o que fazer.

– Conte-me, Bela, o que você fazia antes de vir para cá?

PERIGOSAS NACIONAIS

A pergunta a pegou de surpresa e ela demorou alguns segundos para responder.

– Trabalhei em vários lugares, senhor. Onde quer que me pagassem e que me dessem tempo livre para cuidar do meu pai.

– A senhorita tem cuidado dele a vida toda?

– Desde que perdemos a minha mãe, tenho estado com ele e cuidado de seu bem-estar, sim.

– A senhorita é jovem. – A voz ofegou novamente, e Bela se sentiu agoniada ao pensar que ele poderia estar com dificuldades para respirar. – Poderia estar vivendo a própria vida em vez de cuidar do seu pai e pagar as dívidas dele, não?

Ela engoliu em seco, incomodada.

– Meu pai não é um fardo, senhor. As coisas não têm sido fáceis para nós dois, mas eu não me arrependo de gastar meu tempo com ele. Ele é um bom homem e eu o amo o suficiente para ficar ao seu lado enquanto for necessário.

– Você é uma pessoa generosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu abertamente na direção dele.

– Acho que qualquer um faria o mesmo que eu, se alguém que amasse estivesse sofrendo.

– O ser humano é egoísta, Bela. Você é uma exceção.

– É uma afirmação muito generalizada, senhor. Acredita tão pouco na nossa espécie? – Perguntou, genuinamente curiosa.

O homem não respondeu de imediato e Bela prestou atenção ao som baixo e falhado da respiração dele. Depois de alguns minutos, ela começou a pensar que ele tinha ido embora, mas a resposta finalmente veio.

– Eu não acredito em nada.

Os dedos dela se afundaram nos braços da poltrona, triste pelo que acabara de ouvir e ansiosa para saber mais.

– Por que diz isso? – Sussurrou de volta.

Nada.

Segundos, minutos, muitos minutos.

PERIGOSAS ACHERON

Nada.

– Senhor?

Ela sabia que ele não estava mais lá. Depressa, Bela se levantou e correu para onde ele estivera, Tateando a parede e tentando capturar qualquer coisa dele.

Nada.

Como fumaça, ele havia se desfeito no ar.

O inverno terminou e a primavera floresceu.

Bela abriu a janela, respirando fundo os novos ares e dando adeus ao silêncio pesado da neve e do vento gelado. Ela sorriu ao ver o pai andando entre as folhas novas, conversando com elas como se fossem velhas amigas, o toque dele desabrochando maravilhas, podando e fazendo brotar pequenas flores, dia após dia. Ela agradeceu em silêncio por ele estar bem melhor. Ele parecia saudável, ela estava saldando a dívida, e o céu estava azul novamente.

Bela olhou em direção à lareira e seu coração se apertou. Todas as noites do inverno, ela havia se sentado e olhado para aquele canto, esperando que o homem misterioso aparecesse. Como ele não

PERIGOSAS ACHERON

voltou, ela quase acreditou que tudo não havia passado de um sonho.

Mas quando deitava a cabeça no travesseiro, horas depois de ter deixado a biblioteca, Bela podia escutar os passos arrastados, os ruídos da madeira antiga, sussurros de uma casa habitada por um fantasma vivo.

E sem entender por quê, ela sentiu uma tristeza imensa.

E desejou que, um dia, ele aparecesse e falasse com ela novamente.

Bela olhou intrigada para a caixa a seus pés.

Estava recheada de pequenos objetos que o sr. Oliver havia recolhido de uma das salas.

– Onde quer que eu coloque isso, senhor?

Eugène, que estava ocupado polindo um conjunto de peças de prata sobre a mesa da sala de jantar, levantou os olhos para ela.

– Deixe no corredor do segundo andar, por favor. Depois eu encontro um lugar para ela.

Bela assentiu e levou a caixa para seu destino. Era uma noite agradável e quente, e ela estava feliz por não ter que usar as roupas pesadas de inverno. Ela e Oliver estavam engajados em arejar a casa após os meses frios – e eles pareciam respirar

novamente. Bela havia chegado à conclusão que os dois eram uma boa dupla. Ele sempre educado e ela de bom humor e cheia de energia haviam feito da mansão um lugar menos rígido e mais sereno de se morar. Sabia que ele não admitiria, mas Eugène se sentia menos solitário com ela sempre presente durante as refeições e disposta a conversar sobre trivialidades a qualquer hora.

Com energia renovada, ela subiu a escadaria quase saltitando. Quando chegou ao topo, virou à direita, deixando a caixa sobre um aparador antigo de madeira. Estava prestes a dar meia volta e descer quando os olhos curiosos pousaram sobre a porta nodosa e aparentemente pesada que dividia o andar e levava à ala leste.

Bela deu um passo em direção a ela.

Até metade do inverno, existia ali uma tapeçaria antiga e puída que a impedia de ver o que havia depois daquele ponto. Mas, um dia, a peça viera abaixo, assustando-a e ao sr. Oliver. Apesar do esforço dos dois, era impossível colocá-la de volta. Agora a única coisa que a impedia a visão da outra

ala era uma porta.

Bela nunca havia parado para analisá-la de perto, mas agora percebia que a madeira era desenhada com um padrão intrincado de rosas que ia do chão ao topo. Rosas entrelaçadas, espinhosas, desabrochadas, quase vivas contra a madeira.

Quase vivas.

Ela respirou fundo. Olhou por cima do ombro e confirmou que estava mesmo sozinha. Então, tocou o desenho, seus dedos percorrendo suavemente o caule de uma das flores, deslizando pelas pétalas e espinhos. Um trabalho tão delicado, tão lindo. Ela andou de um lado ao outro da porta, traçando as rosas e esperando que a qualquer momento elas fossem afundar sob sua mão.

Então a porta se abriu.

Bela arfou e deu um passo para trás, o coração palpitando na garganta, a respiração presa no peito. Estava apenas encostada e seu toque havia aberto um pouco da porta. Ela ficou lá por muito tempo com a mão no ar, encarando a fresta aberta, os

lábios secos. Além daquele ponto havia o proibido.

Ela tocou a madeira novamente, fazendo a fresta aumentar e deixando entrever somente a escuridão atrás dela. Um centímetro, dois, cinco, dez. Bela deu um passo à frente e encostou o rosto na madeira. O corpo deslizou pela abertura e ela fitou o breu, entrando na ala desconhecida.

Encostou a porta atrás de si. Não devia estar ali, não devia. Eugène subiria a qualquer momento, intrigado com a demora dela, e a descobriria ali. Então ela e o pai seriam expulsos e ela teria que arranjar uma forma de pagar o senhorio com dinheiro que ela não tinha.

Bela deu mais um passo, atenta à escuridão. E mais um. Ela estava em um corredor comprido, com tapeçarias gastas e rasgadas caindo pelo caminho. O tapete sob seus pés era grosso e cheirava a mofo, a algo esquecido pelo tempo. As janelas estavam fechadas por cortinas muito mais pesadas do que as do térreo. A claridade quase imperceptível da lua se derramava aqui e ali entre as frestas de pano, dando um ar ainda mais

fantasmagórico ao lugar.

Ela seguiu devagar, acostumando-se aos poucos ao escuro. Além das tapeçarias, havia móveis empilhados nas laterais, alguns quebrados. Alguns metros adiante, viu portas lado a lado, todas grandes e com os mesmos desenhos intrincados de rosas. Flores mortas em um jardim morto.

Era ali que ele vivia? Entre móveis destruídos e mofo? Atrás de uma daquelas portas?

Ela precisava voltar.

Mas também precisava saber.

Bela avançou pelo corredor, testando gentilmente as maçanetas endurecidas e todas as portas trancadas a sete chaves. As batidas do próprio coração soavam altas em seus ouvidos e ela quase temeu que Eugène pudesse escutá-las. Seguiu até o fim do corredor, onde a luz era praticamente ínfima e outra porta se interpunha em seu caminho. Mas essa não era coberta de rosas. Era lisa e pesada, escura e prisioneira.

Bela tocou a madeira fria que parecia latejar sob

PERIGOSAS NACIONAIS

as palmas das mãos dela, agora suadas. Encostou o ouvido na porta, atenta a qualquer ruído. A respiração dela parecia ser o único sinal de que algo humano estava ali.

Ela tentou girar a maçaneta.

A porta abriu.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se encontrava em um quarto gigantesco.

Havia velas acesas que lançavam sombras longas nas paredes cobertas com mais tapeçarias. Ricas e coloridas, mostravam cenas de caça, príncipes, princesas e castelos há muito mortos.

O teto era tão alto quanto o da biblioteca, terminando em uma claraboia por onde a luz da lua não passava. Ela notou de imediato que havia livros ali. Pelo chão, sobre as poltronas, em cima de uma mesa do lado direito do aposento. Livros empilhados caíam pelos cantos, formando pequenas torres e muralhas.

Em alguns segundos, os olhos dela registraram tudo aquilo e ela sentiu cheiro de algo mais. O odor

pungente de antisséptico estagnado no ar, acentuado pelo calor das velas ao redor. Era o quarto de alguém doente.

Ela tinha certeza absoluta que era o quarto do seu senhor. Tinha ultrapassado a única barreira que lhe fora imposta e não havia como esquecer os passos dados.

Bela respirou fundo, o cheiro pesado impregnando suas narinas.

O olhar dela caiu sobre uma cama enorme que estava na parede oposta. Uma cama alta e fechada por cortinas escuras.

O coração dela martelou e o cérebro emitiu um alerta.

Ela seguiu a passos lentos e parou ao lado da cama, uma batalha entre dever e curiosidade sendo travada dentro dela. Bela não sentia a presença de ninguém no quarto. A casa era tão grande. Era possível que ele estivesse dentro de qualquer um daqueles outros quartos trancados. As mãos trêmulas se ergueram e tocaram o veludo negro,

PERIGOSAS NACIONAIS

macio e quente. Respirou fundo e abriu o cortinado.

E ele estava ali, deitado sobre sedas, o rosto parcialmente encoberto pelas sombras do tecido que ela segurava na mão trêmula.

Lágrimas pesadas turvaram a visão dela.

Antes que Bela pudesse se afastar, os olhos dele se abriram.

Dois pontos brilhantes na escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

Bela gritou quando ele pulou em cima dela.

Gritos abafados contra os lençóis, uma confusão de pesos e cobertores, travesseiros e braços e pernas.

– O que você está fazendo aqui? – A voz rouca gritou e Bela lutou para se soltar. Porém, ele estava por cima dela, prendendo-a ao colchão, pesado.

– Me solte! Agora!

Ela rugiu. Ou ele rugiu. Alguém gritou. Talvez fosse ela novamente.

– O que você está fazendo aqui? – Ele repetiu, mas com uma voz muita mais alta e muito diferente dos sussurros da biblioteca. – Por que está

invadindo o meu quarto?

– Me perdoe – Ela sussurrou repetidas vezes e virou o rosto para longe dele, as lágrimas turvando ainda mais a visão dela. – Deixe-me ir, eu cometi um erro. Por favor. Por favor. – Ela fechou os olhos, rezando para que tudo desaparecesse.

Ele parou de gritar. Parou de se mexer. Duas mãos grandes prendiam os pulsos de Bela sobre a cabeça dela. A respiração pesada dele em seu ouvido. A respiração dela, entrecortada, quase abafada.

Ele se movimentou, parecendo que ia deitar a cabeça sobre o peito dela, mas, em seguida, Bela estava livre do peso que lhe esmagava os pulmões. Ela respirou fundo, aliviada e liberta. Em um segundo, ele estava ali, e, no seguinte, Bela estava sozinha e chorando entre os cobertores.

Ela se encolheu em um canto da cama, protegendo-se com um travesseiro, os olhos tentando se acostumar com a penumbra. O cortinado estava todo aberto, mas não havia sinal dele em lugar algum.

O rosto dele...

Bela soluçou, a imagem voltando à sua mente. O rosto dele!

Era por isso que ele se escondia?

Ela não conseguia controlar as lágrimas. Buscara o mistério, que era maior do que imaginara.

– Quando se acalmar, há água ao lado da cama – Ele sussurrou e ela se virou na direção da voz, assustada. Havia uma sombra ao seu lado, escondida pelo pilar da cama. – Não quis assustar você, mas foi inevitável. Estarei sentado na poltrona ao lado da escrivaninha.

Bela esperou alguns minutos até que a própria respiração estivesse controlada e as lágrimas tivessem secado. Devagar, ela desceu da cama, procurando o copo de água sobre o criado-mudo. Ela bebeu grandes goles, os olhos buscando a figura do homem no escuro.

Ao olhar ao redor, ela percebeu que ele apagara muitas velas. Onde ele estava só havia escuridão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava se escondendo dela.

Respirando fundo, Bela foi até lá, sentando-se em uma poltrona ao lado de uma vela. Ela, banhada em luz. Ele, em sombras. Bela podia ouvir a respiração do homem. Ruidosa e falhada. Doente.

– Desculpe. Fui levada pela curiosidade e... – Ela olhou para as próprias mãos, entrelaçadas no colo. – Sei que cometi um erro e me coloco à disposição para fazer o que for necessário para remediar isso. – As lágrimas voltaram a cair. – Por favor, meu pai não tem culpa da minha transgressão. Imploro que não o mande embora.

– Você me toma por um tirano.

Ela ergueu os olhos para as sombras, surpresa pelo tom triste na voz dele.

– E talvez eu seja. Sei que sou um monstro. A tirania não é uma característica comum aos monstros? Eu deveria chamar Eugène agora e expulsar você e seu pai daqui, cobrando tudo o que me devem. Você é tão tola quanto ele. Esgueirando-se pelos cantos, apoderando-se dos

PERIGOSAS ACHERON

meus espaços, invadindo a minha cela. Você é tola e curiosa.

– Eu...

– E viva. Você é tão viva, Bela – ele suspirou, a voz grave. A cadeira rangeu sob seu peso. – Eu sabia que um dia você entraria aqui. Desde o dia em que chegou a essa casa, eu sabia que você me encontraria. Você descobriria o monstro por trás das sombras. Acho que deixei a porta aberta sabendo que um dia você se esgueiraria por entre essas paredes. Você sabe por quê, Bela?

– Não, não sei.

– Nem eu. Minha porta é trancada por dentro há anos. Somente Eugène tem a chave para abri-la por fora. E, mesmo assim, eu a deixei aberta – ele respirou fundo. – Sinto muito que você tenha visto o rosto de um monstro hoje.

– Você não é um monstro.

E ele não era, ela se deu conta. Um monstro não teria dado uma chance para ela e o pai. Um monstro não teria lhe dado teto e comida. Um monstro não

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria sentado ali naquele momento, após ela transgredir uma regra da casa, livrando-a da culpa. Ela se levantou, sabendo que a luz revelava todas as emoções em seu rosto.

– O que você acha que eu sou, Bela?

– Você é um homem. Um homem que passou por algo terrível e se esconde por isso. Ferido, mas ainda assim um homem. Um homem generoso que acolheu a mim e ao meu pai e que, neste momento, ameniza o meu erro. – Ela respirou fundo, esperando que ele dissesse algo. As mãos dela estavam suadas e escorregadias. O rosto, ela sabia, devia estar trilhado por lágrimas secas.

– Você acha que sou um homem mesmo depois de ver meu rosto?

– Nenhum homem se define por seu rosto. Todo homem se define pelo seu caráter. E seu caráter, até o momento, não apresentou falhas para mim.

– Não está mais assustada comigo?

Ela ponderou antes de responder, trocando o peso do corpo de um pé para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

– Não. Não mais.

Ela ouviu a poltrona dele ranger e passos hesitantes irem na direção dela. Uma sombra alta e larga a cobriu e, de repente, ele entrou no círculo de luz que pairava ao redor dela.

Desta vez, Bela não ofegou, chorou ou se assustou. Mas o coração dela doía ao ver o rosto dele e imaginar a dor que ele devia ter sentido. A dor que ainda devia sentir.

– Tem certeza?

Ele estava parado a poucos centímetros dela. Era muito mais alto e os ombros largos estavam encurvados. Bela não recuou. Ela ergueu o rosto e fitou os olhos dele. Ele tinha íris douradas que reluziam como fogos de artifício, mas que se perdiam na pele enrugada do rosto. A boca se repuxava em um ângulo estranho, formando um sorriso imperfeito. Os cílios dele faziam sombras bonitas sobre um campo terrível. O pescoço parecia ter sido rasgado inúmeras vezes e colado de volta. Ela estendeu a mão direita e pegou a dele, caída ao lado do corpo. Sentiu que ele estava tenso, os olhos

PERIGOSAS ACHERON

colados nela.

A pele dele era quente e nodosa. Ela ergueu a mão dele até a altura dos olhos, percebendo que o padrão também se repetia ali; a pele cortada, repuxada e colada mais de uma vez. Os dedos dela passearam pelas cicatrizes, virando a palma para cima. Seu dedo parou no pulso dele e Bela o encarou.

– Vê? Você é um homem. Posso sentir seu sangue pulsando.

– Monstros também têm sangue.

– Monstros não possuem sangue que acelera ao ser tocado.

– Quantos monstros você conheceu na vida? – A voz dele era um sopro de hálito quente.

– Nenhum. Mas conheci muitos homens e sei identificá-los.

Ela sorriu para ele, que franziu o cenho, enrugando ainda mais o rosto. Ela ergueu a outra mão, levando-a gentilmente para o outro lado do

rosto dele que ainda se escondia nas sombras. Ali quase toda a pele era macia e lisa a não ser por um ponto no queixo onde começavam a se misturar com a rede de cicatrizes. O que tinha acontecido com aquele homem?

Então, como se se desse conta da proximidade em que os dois se encontravam, ele se afastou, voltando para a escuridão.

– Vá.

– Senhor?

– Vá. Volte para o seu quarto antes que Eugène venha atrás de você.

Ela deu um passo na direção dele.

– Eu disse para sair!

Bela pulou quando um livro acertou a parede atrás dela, folhas voando como pássaros feridos. Em seguida, a mesa caiu no chão com um baque ensurdecador.

– Vá!

Ela tropeçou nos próprios pés, aterrorizada pela
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mudança abrupta do comportamento dele. Mas não tentou pará-lo. Não disse nada, não tentou acalmá-lo. Ela correu, confusa e desesperada.

Ela não parou. Quando chegou à claridade da escada, desceu correndo, ofegante e assustada. Não parou nem quando viu o sr. Oliver sair da sala, provavelmente alertado pelo barulho, tentando saber o que se passava.

Bela passou por ele e rumou para o quarto, jogando-se na cama.

E ficou ali por horas, encarando o teto e ouvindo os lamentos da casa.

PERIGOSAS ACHERON

No sábado, Bela passou o dia no quarto, pensando na noite anterior.

Não encontrara Oliver em lugar algum durante o café. O pai se entretinha com as rosas do jardim, mas ela não tinha disposição nem para ir até a biblioteca começar um livro novo.

Saber que aquela parte da casa era habitada por um homem ferido, fazia com que ela se sentisse angustiada e quisesse ajudá-lo. Era o que ela fazia e quem era. Desde pequena, estava sempre disposta a pensar primeiro nos outros. Mesmo que isso significasse ter que sacrificar os próprios desejos e a própria felicidade por causa de outra pessoa. Era por isso que estava naquela situação, pagando uma dívida que não era dela. E era por isso que faria de tudo para ajudar aquele homem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar de tê-la assustado, ele não era um monstro. Apenas se habituara a se esconder do mundo e a ser um eco na escuridão.

À noite, ao preparar o jantar, ela encontrou Eugène na cozinha, entretido com um jogo de porcelanas antigo. Ela notara que era um hábito dele vasculhar as antiguidades da casa, buscando imperfeições para, logo depois, limpar e guardar tudo como se fossem tesouros.

Quando ele a chamou, Bela parou na soleira da porta, sem saber como proceder. Ela presumia que ele soubera o que acontecera, pois cuidava daquele homem, às escondidas, todos os dias.

– A senhorita se importaria de preparar uma xícara de chá para mim? – Ele lhe lançou um olhar carinhoso por cima dos óculos, e ela retribuiu com um sorriso, dirigindo-se ao fogão e colocando água para esquentar. Eles permaneceram em silêncio enquanto ela preparava o chá e pegava um jogo de peças entremeado por rosas.

Rosas.

PERIGOSAS ACHERON

Elas estavam por toda parte.

Bela colocou uma xícara na frente dele e se sentou ao seu lado, observando a peça bonita que ele limpava quase com reverência.

– É lindo. Não lembro de tê-lo visto quando organizei as louças – ela disse, acompanhando o desenho intrincado que enfeitava um prato com o dedo indicador.

– Ah, esse jogo é meu – ele respondeu e sorriu para ela, que levantou uma sobrancelha, surpresa. – Coleciono. Tenho vários como este. Acho o trabalho na porcelana fascinante. Mas este não é o mais bonito. Qualquer dia desses, mostro à senhorita toda a minha coleção. Tenho muito orgulho dela.

Bela apoiou o queixo nas mãos e olhou com carinho para ele.

– Nunca imaginei que o senhor tivesse um hobby.

– Até eu preciso de distrações, minha querida. E também gosto muito de filmes antigos.

– S3rio?

– S3rio – ele largou a pe7a que estivera limpando e bebericou o ch3. – N3o h3 nada mais relaxante do que sentar no meu sof3 e assistir a um filme antigo. S3o coisas fascinantes os filmes, n3o acha?

– Acho. Apesar que tenho visto poucos nos 3ltimos anos – ela observou a fuma7a que subia da x3cara e sumia no ar.

Ele estendeu a m3o e apertou os dedos dela, fazendo com que Bela o encarasse.

– 3 muito nobre viver pelos outros, minha querida. Mas n3o se esque7a de viver para si mesma. Tenho observado sua dedica73o extrema ao seu pai e a esta casa. Voc3 se esfor7a muito e nunca pede nada em troca. N3o reclama, n3o chora pelas suas frustra73es, apesar de eu imaginar que existam. Admiro imensamente esse tipo de vontade, mas voc3 3 t3o jovem para se esquecer de viver.

Ele se inclinou, o rosto ficando a cent3metros do

dela.

– Sei que estive com meu senhor ontem. Ele me contou quando vi o estado do quarto dele hoje de manhã. Sei que foi um choque para a senhorita, mas sei também que, se depender do seu coração, você vai se sacrificar por ele também. Estou errado?

Bela sentiu vontade de chorar, mas não sabia o porquê.

– Eu gostaria de ajudá-lo.

– Imagino que sim, minha querida. – Ele apertou carinhosamente os dedos dela. – Mas ele precisa querer se ajudado, e, acredite em mim, isso será extremamente difícil.

– O que aconteceu com ele?

Eugène se empertigou na cadeira e passou um longo tempo olhando para um ponto atrás de Bela, como se estivesse decidindo alguma coisa.

– Algo terrível. Algo do qual ele não consegue se perdoar – ele levou a xícara aos lábios

novamente. – Desde então, tem vivido escondido do mundo e de si mesmo. Ele já foi jovem, belo e cheio de vida. – Ele a encarou por cima dos óculos embaçados. – Mas hoje ele é só uma sombra do que foi. E temo que será assim para sempre.

– Ele não tem família?

– Sou a única pessoa que lhe resta.

– O que aconteceu com o rosto dele? Ele sofreu algum tipo de acidente?

Eugène assentiu, mas continuou em silêncio. Como ele já havia dito, não era dele a decisão de contar para ela o mistério daquela casa.

– Como posso ajudar?

– Não acho que você possa, minha jovem. – Ele pareceu ponderar sobre o que diria a seguir. – Apesar de que, hoje de manhã ele estava terrivelmente triste, mas não zangado. Conheço os humores do meu senhor, pois cuido dele desde que era um menino. Ele não estava nem um pouco irritado – Eugène coçou o queixo, pensativo. – Talvez, se me permite um conselho, dê tempo ao

tempo. É a primeira vez que ele tem contato, em anos, com alguém que não seja eu. – Ele sorriu abertamente para ela, as rugas ao redor dos olhos se acentuando.

Ele se levantou e acariciou de leve o ombro dela.

– Obrigado pelo chá. Não se preocupe com as peças, depois me encarrego de guardar todas.

Bela permaneceu ali enquanto o próprio chá esfriava. Ela refletiu por muito tempo sobre o que o mordomo dissera e chegou à conclusão de que ele estava certo. Ela esperaria e esperaria e esperaria. Se o senhor da mansão quisesse vê-la novamente, ela faria o possível para ajudá-lo. Se ele não quisesse, bem, era uma decisão dele, afinal...

A quem ela estava enganando? Bela nunca desistiria de ajudar alguém, mesmo que essa pessoa não quisesse ser ajudada.

Ela insistiria. E insistiria novamente. E ela o conquistaria. E o abraçaria e passaria os dedos de novo nas cicatrizes dele para mostrar que não se

importava com a aparência que ele exibia. Até o fim da estação, ela seria amiga dele.

Era uma promessa.

Ela passou todas as noites daquela semana na biblioteca.

Chegava depois do jantar, sentava na sua poltrona favorita em frente à lareira, agora apagada, e lia até os olhos se cansarem. Sempre olhava para o canto escuro à espera dele. E todas as noites ia para a cama sem ter visto nada.

Isso se repetiu por noites e noites até que aquele momento se transformou em um ritual pessoal. Ela ia até a biblioteca porque era onde queria estar. Por ele e por si mesma.

Algumas noites, ela simplesmente pegava no sono e acordava no meio da madrugada. Em outras, ela ia para a cama assim que acabava um livro. Uma vez, dormiu até ser acordada pelo toque gentil

de Oliver, avisando que já era manhã.

Bela notou que o mordomo não falava mais sobre o toque de recolher, nem lhe dizia mais nada sobre a ala leste. Havia um entendimento silencioso entre eles de que a biblioteca era território neutro, mais dela do que dele. Bela desconfiava que ele estava ansioso para que ela conversasse com o senhorio e que estava lhe dando espaço para que ela desvendasse o segredo daquela casa.

Naquela noite, ela pegou no sono e acordou com uma janela batendo em algum lugar. Espreguiçando-se, olhou o relógio e notou que já passava das quatro da manhã. O livro que estivera lendo estava no chão, uma página dobrada em um ângulo estranho por causa da queda.

– Ótimo, Bela. Estragou o livro.

Ela alisou a página com cuidado e o fechou, deixando-o sobre a mesinha ao lado da poltrona. Foi então que notou um embrulho. Um papel pardo com uma fita dourada. Na fita, um cartão com seu nome escrito em uma caligrafia elegante. Ela se lembrava muito bem de não haver nada ali horas

antes. A única explicação possível era que ele estivera na biblioteca enquanto ela dormia. Imediatamente, ela inspecionou o lugar onde ele costumava aparecer, mas não havia nada. Era o presente de um fantasma.

O coração dela martelou no peito enquanto puxava a fita, afastando o papel. Sob seus dedos, uma capa antiga de couro com um título desgastado brilhava sob a luz da lâmpada.

– Jane Eyre – ela sorriu ao abrir o livro. – O que está tentando me dizer? Que vou me apaixonar pelo senhor misterioso e carrancudo da casa? – Sussurrou para si mesma com uma pontada de divertimento na voz.

Ela passou os dedos pelas primeiras frases, sentindo a textura da página. Emocionada, buscou o olhar dele nas sombras, mas sabia que estava sozinha. Era um presente, não era? Era uma forma de comunicação. Era a maneira dele de demonstrar que sabia que ela estava ali esperando por ele todas as noites.

– Obrigada – disse para o nada. – É muito gentil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Muito, muito gentil.

Ainda sorrindo e agarrada ao livro, ela apagou a luz e deixou o aposento.

PERIGOSAS ACHERON

Bela se sentou e esperou.

Ela tinha uma leve suspeita de que naquela noite as coisas seriam diferentes. Ela se empertigou na cadeira, os joelhos unidos, o cabelo emaranhado em um coque na nuca.

E esperou.

Meia hora, uma hora. O relógio bateu meia-noite e as sombras ainda não haviam se movido. Será que ela deveria desligar a luminária?

Ela decidiu ler. Qualquer coisa que fizesse o tempo passar. Suas mãos suavam e o coração estava em outro ritmo. Dostoiévski? Não naquela noite. Jane Austen? Talvez.

Bela se esticou e pegou um exemplar de *A Abadia de Northanger*. Ela realmente gostava

PERIGOSAS ACHERON

daquele. Um romance sobre uma moça sonhadora em uma casa assombrada.

Perfeito.

Como ela amava Catherine Morland! Uma heroína viva, destemida, confusa, jovem...

– Espero não estar atrapalhando.

Ela pulou e bateu na estante ao se virar.

Ele estava lá, meio nas trevas, meio na luz.

– Você me assustou.

– Difícil não ser capaz de assustar com essa aparência – ele respondeu e ela se arrependeu do comentário.

– Não foi isso que eu quis dizer. Você me assustou porque eu estava distraída com o livro – ela sorriu, tentando amenizar a situação. – Você... O senhor quer se sentar?

Então, devagar, ele caminhou na direção dela, e Bela notou que ele se apoiava em uma bengala grossa de madeira. Na claridade, ela conseguiu distinguir melhor a silhueta dele do que na noite em

PERIGOSAS ACHERON

que ele estivera sob as velas em sombras distorcidas.

Ele se movia com uma graciosidade quase impossível de ser atingida ao portar uma bengala. Usava uma calça preta de corte perfeito e uma camisa branca igualmente impecável. Não era um homem pequeno, porém não andava encurvado, apesar do modo de viver sempre fechado e afastado do mundo.

Ele passou por Bela e se sentou na poltrona ao lado da dela. Bela voltou para o seu lugar e se sentou também, uma perna sob o corpo, ficando de frente para ele, que mantinha o rosto baixo.

– Obrigada pelo livro, aliás. Ele é maravilhoso. Era da sua coleção?

– Sim. Achei que pudesse gostar.

– Adorei – ela sorriu. – Foi a coisa mais bonita que alguém já me deu.

Aquilo fez com que ele levantasse os olhos e a encarasse. Olhos escuros, sem traços do fogo que ela vira da outra vez. Ele tinha cabelos que desciam

até o pescoço, entremeados por alguns fios brancos, e, apesar do padrão de cicatrizes do lado esquerdo do rosto, ela podia perceber que ele era jovem. Um jovem envelhecido por uma tragédia.

– Isso é difícil de acreditar.

– O quê? Que foi a coisa mais bonita que alguém já me deu? Por quê?

– Você parece ser o tipo de pessoa que inspira gratidão – ele respondeu.

– Você sente gratidão por mim?

– Não foi isso que eu disse.

– Bem, foi isso que eu entendi.

Ela riu e notou que ele relaxava, as mãos soltas sobre as laterais da poltrona.

– Desculpe, às vezes sou um pouco entusiasmada com as coisas, senhor. Posso saber o seu nome? Se você não se importar – acrescentou ao notar que ele pareceu enrijecer novamente. – Estamos aqui conversando e, bem, é um pouco estranho não ter um nome ao qual me referir. Se

PERIGOSAS NACIONAIS

você não quiser me dizer, vou continuar a chamar você de senhor, não é um problema, veja bem. Meu deus, estou falando demais. O senhor quer que eu prepare uma xícara de chá? Café? Ah, já passa da meia-noite. Água, talvez? – Ela se calou, respirando pela primeira vez após longos segundos.

Ela era louca! Ele iria simplesmente se levantar e ir embora, e Bela nunca mais teria a oportunidade de falar com ele e colocar seu plano de amizade em ação.

– Estou bem, Bela. – Havia um brilho de divertimento nos olhos dele. – Acho que você já conheceu o meu rosto, a pior parte de todas. Meu nome não é um problema.

– Seu rosto não é um problema – ela se apressou em corrigi-lo.

– Você é gentil.

– É verdade. Você tem cicatrizes, mas elas não definem quem você é.

– Elas definem sim. Sou o que elas fizeram comigo.

PERIGOSAS ACHERON

– Qual o seu nome? – Bela mudou de assunto, não querendo que ele se sentisse triste ou tentado a deixá-la.

– Fale-me sobre você.

– O quê?

– Fale-me sobre você e eu direi meu nome.

– O que você quer saber sobre mim?

– Tudo.

– Tudo?

Os olhos dele estavam fixos nos dela, a luz da luminária dançava sobre as linhas finas e confusas do rosto dele.

– Você é a primeira pessoa com quem converso em anos, além de Eugène. Por favor, me entretenha – ele fechou os olhos e deixou a cabeça pender levemente no encosto da poltrona. Bela conseguiu distinguir que as cicatrizes seguiam pela gola da camisa para dentro do peito dele.

Que dor imensa ele devia ter sentido! Que dor imensa ele ainda devia sentir. Dia após dia, sozinho

PERIGOSAS ACHERON

no escuro.

– Bem... – ela relaxou contra a própria poltrona.
– Não tive uma vida cheia de aventuras, então minha história não vai render um retrato divertido do mundo lá fora. De qualquer forma, o que posso dizer? Nasci nesta cidade, filha única. Minha mãe morreu quando eu era muito jovem, e eu fiquei com meu pai. Então cresci e continuei com ele. E aqui estou. Fim. Sua vez.

Ele soltou, ao que pareceu a Bela, um som de desagrado, mas continuou de olhos fechados.

– Fale-me sobre a sua mãe.

Ela respirou fundo, sentindo o aperto característico no peito sempre que lembrava do rosto gentil da mãe que partira tão cedo.

– Ela era boa. Uma pessoa boa, sempre solícita, sempre ao meu lado. Ela me ensinou a ler antes que eu fosse para a escola. E me deu meus primeiros livros também. Uma coleção de contos dos Grimm. Meu favorito era João e Maria. Eu adorava a ideia de ter uma casa de doces. Aliás, ainda gosto. Quem

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe um dia eu tenha uma – ela deu de ombros, divertida com a lembrança. – Então, bom, um dia ela ficou doente e foi levada para o hospital. Eu a visitei no dia seguinte e...

– Peço perdão, não queria despertar uma lembrança dolorosa – ele abriu os olhos, atento a ela.

– Tudo bem, já me acostumei. Ela morreu algumas semanas depois. As coisas mudaram, é claro. Meu pai é um homem maravilhoso, mas não teve a força necessária para superar a morte dela. Então eu cuidei dele.

– Quantos anos você tinha?

– Doze. Eu já era capaz de me virar sozinha. Não foi tão difícil. Eu ia para a escola e, quando chegava em casa, cuidava dele, limpava a casa e fazia as compras.

– Não me parece uma infância justa.

– Nem sempre a vida é justa. Mas devemos fazer o que é necessário.

PERIGOSAS ACHERON

O silêncio pairou sobre eles novamente, carregado de memórias doces e amargas. Bela levou a mão aos cabelos e os soltou do coque, relaxando contra o encosto da poltrona. Ali estavam eles de novo. Os fantasmas dos sonhos que haviam sido deixados de lado. Eles eram uma assombração constante.

– O que aconteceu com seu pai quando você foi para a universidade? – Ele perguntou por fim.

Ela riu.

– Obviamente, não pude ir para a universidade. Eu cuidava do meu pai, cuidava para que ele permanecesse nos empregos. Cuidava para que ele voltasse para casa e para que acordasse no dia seguinte. Perder a minha mãe foi algo que o abalou e eu precisava mantê-lo seguro – ela suspirou. – Desculpe. Eu disse que não tinha uma vida interessante. Nunca fiz nada divertido. – Bela lançou um olhar carinhoso, mas triste, para ele, que se remexeu no lugar, parecendo incomodado.

Era um conceito novo para ele a consciência de que existia mais tristeza no mundo além da dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia drama no mundo além daquelas paredes.

– Sinto muito, Bela.

– Por quê?

– Aqui está você novamente, impossibilitada de fazer o que quer por causa do seu pai.

– Ah, não estou impossibilitada. Estou... adiando. Quando terminar aqui, quem sabe eu não tente? Ele não é um peso, algo que me impeça de ser feliz. Tem sido uma grande aventura viver aqui.

– Bela suspirou e deu de ombros, conformada.

Mais silêncio.

– Obrigado pela conversa – ele se levantou com certa dificuldade e Bela acompanhou os movimentos dele. Ele pegou a bengala e se virou para as sombras.

Que facilidade ele tinha para se mesclar com elas.

– Existe uma porta aí?

– O quê? – Ele perguntou sem se virar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Esse canto, você sempre surge e some por ali. Existe uma porta? Não encontrei nada.

Ela o ouviu soltar algo parecido com uma risada.

– Talvez. Boa noite, Bela.

– Boa noite, senhor.

– Phillip.

– O quê?

Ele continuava de costas para ela, o peso apoiado na bengala, o rosto encoberto pela escuridão.

– É o meu nome.

Bela levou a mão à boca para abafar o som feliz que queria sair por sua garganta.

– Então, boa noite... Phillip.

Ele ficou tenso e Bela se perguntou o que ele faria se ela estendesse a mão e a colocasse sobre o ombro dele. Mas, antes que pudesse pensar mais sobre isso, ele cobriu com passos largos a distância até a lareira e sumiu por trás da tapeçaria.

PERIGOSAS ACHERON

Ele tinha um nome. Não era mais um rosto misterioso na escuridão. Ele tinha um nome e um rosto, tinha conversado com ela na biblioteca e lhe dado um presente de valor inestimável.

Ela tinha sonhos não realizados, mas havia novos que poderiam ser cumpridos.

A amizade daquele homem era um novo sonho.

Um que ela não deixaria para trás.

Na noite seguinte, ela preparou chá.

E, quando chegou à biblioteca, notou que as luzes estavam todas apagadas, com exceção da luminária ao lado da poltrona. Nela, uma figura estava sentada, a perna esquerda esticada à frente, a cabeça pousada em uma das mãos.

Ela apertou os lábios, escondendo o sorriso, feliz por ele estar de volta.

– Fiz chá. Você aceita?

– Sim, Bela.

Ela sorriu e depositou a bandeja na mesa entre as poltronas, servindo chá em duas xícaras bonitas cravejadas de rosas.

Ele aceitou com a mão sem cicatrizes. Na

PERIGOSAS NACIONAIS

iluminação precária, ela conseguia apenas identificar o movimento dele levando-a aos lábios e a fumaça que serpenteava pelo ar.

Eles ficaram em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos. Bela pensando nele, ele pensando nela, o chá que sumia, respirações leves. O que eles poderiam dizer? O que poderiam fazer para se conhecerem? Até onde iriam? Até onde ela ouviria? Bela sentiu o peso do silêncio se avolumar na escuridão, receando fazer perguntas a ele. E se dissesse algo errado? E se o ofendesse?

Então ela fez a única coisa que a acalmaria e que ele entenderia.

Bela se levantou, foi até a estante, e puxou um livro que desejava ler há algum tempo. Quando voltou, sentou-se com as pernas cruzadas sob o corpo.

– Você se importa? – Perguntou, indicando o livro e olhando para o contorno que ocupava toda a poltrona ao lado da dela.

– Por favor.

PERIGOSAS ACHERON

Ela voltou a atenção para o livro, a cabeça apoiada em uma mão, o coração disparado.

– Bela?

– Sim?

– Você pode ler para mim?

Ela encarou os contornos de Phillip por alguns segundos, surpresa e subitamente feliz.

– Sim, senhor.

– Bela?

– Sim, senhor?

– Não me chame de senhor.

– Sim, Phillip.

Ela ouviu um som. Riso.

– A história se chama *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas.

– Uma das minhas favoritas. Eu gostaria de ouvi-la novamente, por favor.

E ela leu. Por horas. Até que sua garganta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

secasse e seus olhos ardessem por causa da iluminação fraca. Ela lia cada linha com determinação, buscando agradá-lo com a leitura.

Ele estava lá. Com ela. Phillip não era mais um fantasma escorregando pelos cantos escuros da casa, arrastando suas correntes. Ele era de carne e osso e estava sentado a poucos metros dela, ouvindo, com atenção, todas as palavras que saíam de sua boca.

– Obrigado, Bela – ele a interrompeu em determinado momento e se levantou com dificuldade, a bengala fazendo eco contra o chão.

– Não terminei a história.

– Eu sei. Mas ela é longa. Não quero que você tenha um dia ruim amanhã porque perdeu o sono, ou porque está sem voz por ler horas a fio – ele deu as costas para ela e se dirigiu para a lareira. – Mas... – ele se voltou para ela. – Eu gostaria que você terminasse a história amanhã à noite. Se não for incômodo – Acrescentou rapidamente.

Ela queria abraçá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Mas abraçou o livro que tinha em mãos.

– Estarei aqui.

– Boa noite, Bela.

– Boa noite, Phillip.

Na noite seguinte, quando Bela chegou, ele estava lá novamente, esperando por ela e pela história.

Eles beberam chá, Bela leu, e ele escutou sem dizer uma palavra.

Horas depois, quando ela terminou, Phillip agradeceu, levantou-se com dificuldade e se despediu. Quando estava quase sumindo nas sombras, ele perguntou se ela poderia ler outra história na noite seguinte.

E Bela disse sim.

Às vezes, ele perguntava sobre o pai dela ou sobre seu dia. Nunca mais que isso.

Eles preenchiavam o silêncio com uma história que já haviam lido, mas que tomava novas formas, cores e perfumes, como uma forma de comunicação entre duas pessoas que não se conheciam. Ele nunca falava sobre si mesmo, nem sobre o que quer que tivesse acontecido para deixá-lo cheio de cicatrizes. Bela não perguntava, com medo de afastá-lo e perder a confiança que demorara tanto tempo para receber. Um dia, ela tinha esperança de que ele finalmente confiasse nela para abrir o coração. Enquanto esse dia não chegava, Bela dava o máximo de si para fazê-lo se sentir seguro.

Ela lia todas as noites. Depois de uma hora ou duas, ele se levantava e agradecia. E Bela o seguia com olhos curiosos até que Phillip desaparecesse. E, na noite seguinte, quando Bela o encontrava esperando por ela, seu coração mudava de ritmo, todo ansiedade e alegria.

Às vezes, quando ele se inclinava para frente, fugindo da escuridão, ela podia ver olhos reluzentes e vivos, então percebia que ele sentia o mesmo. Ele gostava de estar lá e gostava da companhia dela.

– Então... – Ela disse, uma semana depois, enquanto se acomodava na poltrona para a sessão de leitura. – O que acha de *O Mundo Perdido* de Arthur Conan Doyle? Você gosta de aventuras?

– Você parece animada.

– Estou sim – ela riu e abriu o livro. – Adoro essa história. Aventuras, perigos, dinossauros na década de 1920... É perfeito. Eu adoraria estar lá.

– Você gosta de aventuras? – Ele perguntou sobre a borda da xícara de chá.

– Sim – ela deu de ombros, pensativa. – Viajar e

PERIGOSAS ACHERON

encontrar coisas e conhecer pessoas. Não parece má ideia.

– E não é. – Ela o escutou suspirar, seguido de uma tosse seca, um pigarrear, um novo gole de chá. Às vezes, ele tinha acessos de tosse que a deixavam agoniada de preocupação. – Já vivi aventuras e vi o mundo. E ele era lindo.

Bela largou o livro e encarou a silhueta de Phillip. Uma tristeza sem tamanho a tomou ao perceber o peso do que ele dissera. Ela o imaginou, jovem, sem cicatrizes e caminhando sem dificuldades entre ruas apinhadas de gente, especiarias e prédios altos, montanhas e areias distantes.

– Você pode me contar? – Ela perguntou em um sussurro.

Ele não respondeu de imediato.

Phillip respirou fundo e pousou a xícara no joelho dobrado.

– Antes de isso acontecer – e apontou para si mesmo. – Eu fui jovem e vivo. Eu tinha dinheiro,

tempo e nada para me deter. Então viajei para todos os cantos do mundo e conheci todos os lugares que pude, sempre planejando voltar a cada lugar. Bem, um dia, não voltei.

– Quanto... Há quanto tempo você está aqui sozinho?

Ele passou a colher de chá sobre a borda da xícara.

Uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

– Há quinze anos, sofri um acidente grave o bastante para me deixar assim. Perdi tudo. Meu corpo, minha mente e todos que importavam para mim.

A garganta de Bela se fechou.

– Sinto muito – e ela sentia. Sentia demais.

– Deixei você triste. Não gosto de ver você triste. A tristeza é tão comum para mim que vê-la em alguém que é naturalmente bela e alegre

PERIGOSAS ACHERON

agoniza meu coração. Por favor, esqueça o que eu disse. Leia a história, por favor. Eu gostaria de escutá-la.

Ela passou a língua pelos lábios e piscou para afugentar as lágrimas que ameaçavam transbordar pelo rosto.

– Tudo bem. Onde eu estava? – Ela abriu o livro com dedos trêmulos. – “Sr. E. D. Malone deseja esclarecer que tanto a exortação ao comedimento como as ordens para agir foram determinadas sem reservas pelo Professor G. E. Challenger, que...”

– Bela?

– Sim?

– Esqueça.

Algo queimou dentro dela e o livro escorregou de suas mãos, caindo no chão.

– Não posso. Desculpe, Phillip, mas não posso. Não sou assim. Eu me importo e gosto de ajudar. Você está certo, estou aflita. Mas não pelo que você me disse. Não saber de que forma posso ajudar

PERIGOSAS NACIONAIS

você me deixa agoniada. Eu... – ela respirou fundo e o encarou, o coração acelerado. – Quero fazer você feliz de alguma forma. Quero ser sua amiga.

– Bela...

– Quero ver você – ela disse firmemente, empertigando as costas, decidida. – Quero ligar a luz e olhar para o seu rosto.

– Meu rosto é uma monstruosidade, Bela!

– Bem, eu já o vi e posso dizer que não acho isso. Você tem cicatrizes. Mas elas cobrem a sua pele e não a sua alma, Phillip. Não me importo com elas.

– Não vou ser seu Quasímodo...

– O quê? – Ela se ergueu indignada, esquecendo-se momentaneamente de que Phillip era chefe dela. – Que tipo de pessoa você pensa que sou?

– Uma não muito coerente, pelo que percebo – ele grunhiu e se levantou. – Boa noite, Bela!

– Não, você não vai! – Bela se aproximou dele e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrou a mão que não segurava a bengala.

Ela parou de respirar e ele também. Ela podia vê-lo assim tão de perto, podia traçar com os dedos as cicatrizes repuxadas no rosto dele, se quisesse. Podia contar os pontos brilhantes dentro dos olhos dele. E ele também podia vê-la. Os cabelos caindo sobre os ombros, as olheiras escuras sob os olhos, os lábios entreabertos e tremendo.

Os dedos dela permaneceram nos dele e os olhos dele nos dela. E, dentro do halo de luz da luminária, eles pareciam presos em uma bolha. Phillip olhou para as mãos entrelaçadas e seus dedos acariciaram de leve a pele de Bela.

Ela prendeu a respiração.

Leve, leve, tão leve.

– Fique – ela sussurrou olhando para as mãos unidas.

– Quem é você, Bela?

Os olhos magníficos dele percorreram o rosto dela, tentando decifrar enigmas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Fique e descubra – sorriu e o olhar dele se desviou para a boca dela.

– Não faça isso. Você não vai querer uma coisa como eu perto de você.

– Você não é uma coisa. E já está perto de mim.

– Também não sou um homem. Sou uma sombra.

– Meu pai costuma dizer que eu sou a luz da vida dele. – Os dedos dela apertavam os dele carinhosamente. – Eu posso lidar com as sombras.

Ele soltou a mão dela e lhe deu as costas.

– Boa noite, Bela.

Ela suspirou derrotada.

Quando ele sumiu novamente na escuridão, ela se deixou cair novamente na poltrona e olhou para a mão que, segundos antes, estivera na dele. Havia tanto nele para ser descoberto, tanta coisa escondida.

– Boa noite, Phillip.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Eles não se encontraram mais depois daquela noite.

Todos os dias, logo após o jantar, Bela ia até a biblioteca, mas ele não estava lá.

Ela lia sozinha e ia dormir depois de algum tempo, frustrada consigo mesma e com ele.

Será que ela tinha direito de pedir a ele, que vivia há quinze anos escondido, para que saísse do casulo? Quem era ela para adivinhar por que dores ele havia passado e se elas eram superáveis? Talvez não fossem.

Talvez ela tivesse ido longe demais, pressionando além do que ele estava disposto a compartilhar.

Durante aqueles dias, enquanto Bela trabalhava ou andava pelo jardim, seus pensamentos se dirigiam para a ala leste e para o homem que estava lá dentro. Bela olhava para as janelas bloqueadas por vidros, cortinas e silêncio, enquanto lá fora o cheiro das flores era pungente e pesado no ar. Ela estava tão acostumada a ter alguém próximo que se deparar com uma pessoa que não se permitia ter algo tão necessário e vital como a companhia de outro ser humano era assustador.

Ela estava no jardim, o pai remexendo a terra atrás dela, perdido entre as folhas mortas e acariciando pétalas, murmurando consigo mesmo sobre adubos e brotos. Bela cruzou os braços enquanto buscava um sinal de vida nas janelas altas da ala leste. Mas nenhuma sombra apareceu.

– Você parece triste – A voz suave interrompeu os pensamentos dela, que se virou.

– Estou bem.

– Você sabe por que gosto de flores, Bela? – Ele perguntou, tomando um botão de rosa vermelha na palma das mãos. Os joelhos dele estavam sujos, as

PERIGOSAS ACHERON

mãos encardidas pelo manuseio de adubo e terra. Bela não se lembrava de ver o pai tão tranquilo e confortável há bastante tempo.

– Porque são bonitas?

– Porque são simples e sinceras – ele respondeu e, com o cuidado de um pai amoroso, cortou uma flor esplêndida e estendeu para ela. – Elas seguem as estações. Nascem, crescem, nos fazem amá-las e se vão. Não existe nada de complicado com flores, se você as conhecer. E você, minha pequena, é como uma flor para mim – os olhos límpidos a encararam com carinho. – Eu conheço você como conheço as pétalas dessas rosas. Você é simples, constante e verdadeira, o que faz com que as emoções estejam sempre estampadas no seu rosto. E posso lê-las neste momento. Conte-me o que está afligindo você.

Bela passou a flor pelos lábios, o perfume intenso invadindo as narinas dela.

– Eu conheci o dono desta casa.

– Mesmo? Como ele é? Nunca o vi pelos

jardins.

– Não acho que vá vê-lo, papai. Ele é um tipo recluso e se esconde há anos e anos, sozinho.

– E conhecê-lo a deixou triste.

– Não. Na verdade, fiquei muito feliz em conhecê-lo finalmente, mas ele é tão triste, papai. É tão solitário. E não consigo fazer com que me permita ajudá-lo.

O pai pegou a mão dela entre as suas, seda contra pedras.

– Eu duvido disso. Se conheço você bem, sei que tem se esforçado e já deve ter causado alguma mudança. Talvez você não note, mas sei que deve estar acontecendo. Da mesma forma como você mudou esta casa velha e solitária.

– Eu não mudei a casa.

– Olhe.

Ele apontou para as janelas do primeiro andar, por onde o sol tímido da manhã se infiltrava pelas cortinas abertas.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Quando vim para esta casa pela primeira vez, não havia luz. Ela era um túmulo soterrado por arbustos espinhosos, folhas apodrecidas e fontes secas. Era apenas a casa e o sr. Oliver, um homem sozinho dentro de um mausoléu. Então cometi um erro e esse erro trouxe você até aqui. E você, minha querida, apesar de não estar aqui porque quer, assim que chegou, abriu as janelas, limpou a poeira e leu todos aqueles livros que há anos ninguém nem parava para olhar.

Ele virou a palma da mão dela para cima e beijou.

– Você mudou mais do que imagina. Não se aflija tanto, tenho certeza de que ele é uma pessoa melhor só por conhecer você.

– Ah, papai – ela o abraçou, todo pequeno e cheirando à terra.

– Você é uma boa garota, Bela. Apesar de ter um pai desonesto, você cresceu linda, bondosa e capaz de mudar a vida das pessoas ao seu redor.

– Não diga isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu digo porque é verdade. Sua mãe estaria envergonhada do homem que me tornei, sustentado pela filha e impedindo que ela siga seu caminho. E eu me envergonho também por estar velho e doente, atrapalhando a sua felicidade.

– Papai, não faça isso consigo mesmo.

Ele lançou um sorriso triste e apertou de leve o braço dela.

– Vê? Você é uma alma boa demais – disse, dando as costas para ela e voltando para as rosas e espinhos.

Bela ficou ali por mais algum tempo, contemplando a casa enorme, as pedras antigas em que as heras se enveredavam pelos cantos, criando desenhos nas paredes e subindo como se quisessem atingir o céu. Uma casa cheia de cicatrizes, assim como seu dono.

Mas não parecia ser uma casa solitária.

Não mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Quando ela entrou, Oliver esperava por ela.

– Sr. Oliver.

– Senhorita – ele deu um passo a frente e estendeu um envelope pequeno para ela. – Uma mensagem do sr. Phillip. – Os olhos dele brilharam ao pronunciar o nome, como se aquele fosse um segredo compartilhado entre os dois.

Surpresa, ela pegou o envelope e seguiu em direção ao quarto.

– Senhorita?

– Sim?

– Obrigado – ele fez uma medida.

– Pelo quê, sr. Oliver?

Ele não respondeu, mas sorriu, esperando que ela entendesse quando abrisse o bilhete.

Dentro do envelope, havia uma única folha, timbrada com um P entrelaçado com um R em um canto do cabeçalho. A letra dele era fina e elegante, levemente inclinada como nas cartas de amor que ela via em filmes.

Bela,

Peço perdão pelo meu comportamento na última noite em que estivemos juntos na biblioteca.

Você disse que eu tenho cicatrizes no corpo e não na alma. Não sei se isso é verdade, mas eu gostaria de descobrir como curá-las.

Perdoe alguém que viveu tempo demais na escuridão e que não sabe mais como apreciar a luz. Meus olhos precisam se acostumar.

*Sinceramente seu,
Phillip*

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela leu, releu e traçou as palavras com a ponta dos dedos, sentindo-se, de repente, esperançosa novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Parte dois

*Quando um monstro não é um monstro?
Oh, quando você o ama.*

Caitlyn Siehl

Ela entrou hesitante na biblioteca naquela noite.

E arfou quando foi envolta pela claridade das velas.

Havia dezenas delas espalhadas ao redor da biblioteca, formando um halo na escuridão e criando sombras esguias nas prateleiras de livros, almas que dançavam de acordo com o bruxulear das chamas. Havia velas por todos os lados e um homem no meio delas.

Um homem sozinho, apoiado em uma bengala, a cabeça levemente inclinada, metade do rosto escondido nas sombras.

Quando notou a presença dela, ele se endireitou e, com passos vagarosos, atravessou o espaço até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela. Os olhos estavam fixos nos de Bela, uma mistura de coragem e medo nadando neles.

– Você precisava de mais luz, então eu providenciei – ele fez um gesto mostrando o ambiente. – Não lido bem com luz artificial, por isso utilizei velas. Elas não incomodam tanto meus olhos. Se estiver tudo bem para você, claro – acrescentou, a voz baixa, quase como se pedisse desculpas.

– Está ótimo, obrigada, Phillip – ela sorriu para encorajá-lo. Havia algo novo borbulhando dentro dela, uma emoção desconhecida que se espalhava por suas veias.

– Perdão, Bela.

– Não peça. Você não fez nada errado. Eu pressionei você pedindo mais do que poderia dar. Não posso exigir nada de você. Afinal, você é acima de tudo alguém para quem eu trabalho. Eu passei dos limites.

– Não – ele foi até ela, erguendo uma das mãos como se fosse tocá-la, mas pareceu pensar melhor e

PERIGOSAS ACHERON

recuou. – Você disse que gostaria de ser minha amiga. Eu gostaria de aceitar.

– Eu adoraria – ela disse, a felicidade transparecendo no sorriso para ele.

Phillip também sentiu a mesma emoção. O calor que se derretia por dentro dele, subindo pelo peito e transbordando por seus poros, e atraindo Bela para mais perto. Ele passara tantos anos sozinho que o sorriso dela era como água fervente sendo derramada sobre o gelo. Ele se liquefazia apenas de olhar para ela.

– E eu gostaria de contar a você o que aconteceu comigo. Como prova da minha amizade.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

– Phillip, eu...

– Não. Quero contar, se você quiser ouvir. E depois... Bem, depois você decidirá se a minha amizade vale a pena ou se sou o monstro que acredito ser. Por dentro e por fora – ele estendeu a mão para ela, que aceitou. A palma dele estava quente contra a dela.

Ele a conduziu até as poltronas que agora estavam no meio do aposento. Velas curtas e grossas rodeavam os dois lugares, criando um círculo de luz que se movia de forma graciosa, criando figuras nas prateleiras ao redor. Ela se sentou, os joelhos dobrados sob o corpo e esperou que ele se acomodasse. Phillip soltou um leve arfar de incômodo quando sentou e esticou a perna arruinada à frente.

– Disseram no hospital que esta perna nunca mais vai voltar ao normal – foram as primeiras palavras dele. – Ela foi fraturada em tantos lugares quando sofri o acidente, que foi impossível reestabelecer o movimento completo. Minha garganta também foi permanentemente danificada, e eu sentirei desconforto pelo resto da vida.

Bela não disse nada, apenas esperou, ansiosa. Ele respirou fundo, tossiu e fechou os olhos. As chamas das velas brincavam inocentemente com as cicatrizes do rosto dele.

– Há quinze anos, esta casa era viva. Os cômodos, que agora estão fechados e empoeirados,

estavam sempre abertos, com pessoas indo e vindo todos os dias. Eu vivia aqui com a minha família, era jovem, sem preocupações e cheio de vontades. Já tinha viajado o mundo com meus pais e nada parecia impossível para mim, por causa do dinheiro que tínhamos – ele abriu os olhos, mas não olhou para Bela. Fixou-se em um ponto acima do ombro dela, distante do presente, vasculhando memórias perdidas. – Naquele ano, meu pai deixou claro que, em breve, eu assumiria os negócios e a empresa da família. A casa também passaria a ser responsabilidade minha. Obviamente, sem nunca ter tido grandes responsabilidades, não gostei da decisão e briguei com ele, dizendo que preferia viver sem nenhum tostão do que ser responsável por todas as coisas. Tolo. Bem, naquela semana, fomos convidados para a festa de um político influente e amigo dos meus pais. Fomos todos. Eu estava entediado, mas meu pai estava muito ansioso para começar a me apresentar como o futuro da família. Alexa foi junto. Era a minha irmã e tinha dez anos. Alexa era...

Ele parou de falar, os dedos afundando nos

PERIGOSAS NACIONAIS

braços da poltrona.

– Enfim, foi uma dessas noites em que você não presta atenção porque nada parece importante o suficiente. Não lembro de ter visto minha mãe conversar. Não lembro o que Alexa fez a noite inteira. Não lembro se meu pai me apresentou para as pessoas que queria. A noite foi um borrão de ternos pretos, diamantes e taças de champanhe. Era só mais uma festa.

Inspiração. Tosse seca.

– Então, depois da meia-noite, meu pai foi até mim e colocou as chaves do carro na minha mão, porque havia bebido além da conta e não confiava em si mesmo para dirigir. Lembro de ficar feliz porque aquela era uma responsabilidade com a qual eu não me importava. Meia hora depois, entramos no carro, preparados para ir para casa. Não me lembro da festa, mas me lembro do que aconteceu depois. Lembro como se fosse um filme que reassisti milhares e milhares de vezes. Lembro de minha mãe e Alexa no banco de trás, conversando sobre uma mancha no vestido da minha irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembro do meu pai perguntando se eu conversara com um tal de Loyd, a cabeça dele apoiada contra o banco, os olhos quase fechados. Lembro de como a direção era macia e como eu amava aquele carro acima de todas as coisas. Lembro da estrada escura e dos faróis que criavam pontos luminosos na pista molhada. Lembro de ficar feliz por ter mentido que eu não tinha bebido nada.

– Meu deus... – Bela levou a mão à boca, a emoção obstruindo sua garganta.

– Rodamos três vezes na pista. Eu contei. Na quarta vez, o carro virou. Lembro de segurar o volante com força e pensar que, quando aquilo terminasse, meu pai nunca mais deixaria que eu pegasse outro carro na minha vida. Quando veio o baque, meu cérebro parecia ter sido lançado para fora e minha perna explodiu em uma dor que nunca imaginei que pudesse sentir. Alexa gritou meu nome.

– Phillip – ela sentiu as lágrimas correrem pelas bochechas antes que pudesse impedir. – Phillip, não precisa me contar, não precisa. – Ela fez menção de

PERIGOSAS ACHERON

levantar, mas ele a impediu com um gesto.

Ele engoliu em seco, os olhos se fechando de forma dolorosa.

– A única coisa da qual não me lembro é do fogo. Mas sei que ele existiu e me atingiu. Consumiu todo o carro e uma parte de mim, que havia sido arremessado para fora. Não sei quanto tempo fiquei inconsciente, mas, quando acordei, eu estava no hospital e Eugène estava ao meu lado, as mãos nervosas e o rosto vincado de preocupação. Então ele me disse que estavam todos mortos. Meus pais e Alexa. Que eles não tinham conseguido sair e que eu não tinha mais família. Que eu estava desacordado há mais de vinte dias e que meu corpo estava destruído. Que talvez eu nunca mais andasse. Que meu rosto estava em carne viva e minha perna havia sido quase amputada. Fiquei meses no hospital tendo só Eugène como companhia. A polícia considerou que o acidente tinha sido provocado pela pista molhada e, depois de um tempo, os jornais foram embora e me esqueceram. Quando voltei para cá, me enterrei nesta casa como minha família tinha sido enterrada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no jazigo dos Rothschild. Todos os serviçais foram despedidos e Eugène trancou a casa a meu pedido. Porque eu não suportava olhar para fora, Bela. Não suportava ser empurrado pela casa em uma cadeira de rodas, olhando para todos os sinais de Alexa, ou para os quadros da minha mãe, ou os livros do meu pai. Esperei pela morte a cada dia e cada noite, mas ela se recusou a me levar. Ano após ano, desejei morrer e até tentei algumas vezes. Eugène sempre me impediu. E um dia eu entendi, Bela. Era a minha punição. Este corpo destruído e a solidão. É o preço que tenho que pagar por ter matado a minha família. Então não desejei e nem tentei mais morrer porque morrer seria fácil.

Bela olhou para as próprias mãos cruzadas sobre o colo, as lágrimas silenciosas pingando sobre elas ao pensar nele vivendo todos aqueles anos ali, sozinho e remoendo toda aquela dor.

– Tudo o que eu era morreu naquele acidente e foi sepultado com a minha família, Bela. O que ficou para trás foi uma sombra deformada e sem valor algum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu sinto muito – foi tudo o que ela conseguiu dizer, a garganta embargada, os olhos turvos.

– Não sinta. Eu mereço.

– Não, você não merece. Ninguém merece essa dor.

– Eu causei essa dor, Bela. Ela é minha por direito.

Ela levantou o queixo, engolindo a agonia. Não se importava por estar chorando, não se importava de sentir uma tristeza sem tamanho. Ele a encarava do outro lado, a expressão de alguém que não tinha mais esperanças, os olhos carregados de emoções dolorosas.

– Não, ela não é. Ela é uma escolha. O que aconteceu com você foi um acidente infeliz, como vários outros que acontecem todos os dias e tiram a vida de pessoas que amamos. O que você recebeu foi uma segunda chance de viver, Phillip – ela se levantou e foi até ele, que ergueu o rosto para ela, as luzes das velas dançando na íris dourada.

Bela esticou a mão e a pousou sobre as

PERIGOSAS ACHERON

cicatrizes, um intrincado rio que percorria o rosto dele. Ela se ajoelhou ao lado da poltrona, o rosto ainda molhado e o coração cheio de pesar.

– Houve um acidente e você sobreviveu – ela acariciou de leve o rosto dele, o polegar traçando círculos na pele machucada. – Você recebeu uma nova oportunidade, Phillip.

– Bela – ele fechou os olhos, o rosto pendendo contra a mão dela.

– Foi um milagre, não uma punição.

– Não, não foi – ele se afastou do toque dela. – Se não fosse por mim, Alexa estaria viva hoje. Minha irmã seria uma mulher adulta e maravilhosa e daria orgulho aos meus pais. E eles estariam aqui nesta casa. Talvez você os conhecesse.

– Eu conheço você. Você é uma boa pessoa, Phillip. Uma pessoa que não merece viver escondida do mundo por causa de um acidente que aconteceu há quinze anos.

– Eu não posso sair, Bela. O que eu encontraria lá fora além de olhares de desprezo e um mundo

que não compreendo mais? Não há nada para mim além destas paredes. Não existe vida para alguém como eu, com o rosto de uma criatura e não de um homem.

– Não faça isso! – Ela se levantou, mantendo-se ao lado dele. – Não diga isso sobre si mesmo. Eu já disse, Phillip. Você tem cicatrizes, mas outras pessoas também têm. E muitas delas não têm a chance de viver em um lugar como este ou ter dinheiro para se manter. Elas sobrevivem e enfrentam o mundo. Por que você também não pode?

– Não quero enfrentar o mundo, Bela.

– Então mude essa escolha. – Ela apertou de leve a mão dele, que ainda agarrava o encosto da cadeira como se fosse um mastro que o impedia de afundar. – Abra as janelas, olhe para fora. Vá até o jardim, converse comigo. As coisas lá fora não são tão assustadoras quanto você imagina. E sua família... Você acha que eles iriam querer que você vivesse assim?

Ele a encarou e tentou decifrá-la, mas Bela

PERIGOSAS ACHERON

permaneceu firme, o queixo erguido, o olhar obstinado, a mão suave na dele. O fogo líquido nas veias dele se intensificava, correndo pelo corpo e inundando o cérebro. A mão dela era fogo sobre a sua. Pela primeira vez em muitos anos, ele desejou algo. Ele desejou outra pessoa.

– Não posso dizer que eu saiba – respondeu por fim.

Ela sorriu entre as lágrimas.

– Não, você não pode. Só conhecemos o presente, Phillip. O passado não pode ser mudado e tudo o que temos é o aqui e o agora. Você usou o aqui e o agora para se punir por um acidente.

– Que eu causei.

– Sob condições climáticas instáveis em uma estrada escura?

Ele olhou para frente, fugindo da certeza dela.

– Você foi tão vítima quanto sua família, Phillip.

Phillip não respondeu. Ele fechou os olhos, perdido em um turbilhão de sentimentos,

pensamentos, ideias novas e ela. Toda ela. Bela e suas lágrimas, seu toque, sua certeza de que ele era uma pessoa. Seu cheiro. Ela cheirava a rosas. As rosas que a mãe dele amava e espalhava pela casa. As rosas que estavam no jardim, crescendo sob a mão do pai dela. A perna dele doía e Phillip se recostou contra a poltrona, subitamente exausto.

De tudo.

– Bela?

– Sim?

– Pode me deixar sozinho agora?

Ele não ouviu a resposta dela, mas abriu os olhos quando sentiu que Bela se aproximava.

Ela beijou o rosto dele. Beijou sua face marcada, pousando como uma borboleta sobre uma pétala.

– Boa noite, Phillip.

Então ela se foi e ele a observou entre a dança das velas que ainda restavam.

Phillip encarou a porta por muito tempo até a sala estar mergulhada novamente em escuridão e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

restar apenas ele e o silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Phillip foi dormir carregado de lembranças.

Sonhou com o acidente e com batidas. Acordou sobressaltado, banhado em suor, com o coração na boca. Foi então que notou que as batidas não vinham do sonho, mas sim da porta. Por que Eugène estava batendo na porta do quarto?

Ele se levantou com dificuldade e vestiu o roupão que deixara ao lado da cama. Esfregou o rosto para afastar a confusão e o sono e tateou atrás da bengala, usando-a para se arrastar até a porta. Quando a abriu, deparou-se com Bela, o rosto parcialmente escondido atrás de um punhado de rosas vermelhas. Ele piscou aturdido, tentando decidir se ainda estava sonhando ou não.

– Bom dia, Phillip. Posso entrar? – Ela não esperou resposta e passou por baixo do braço dele que ainda segurava a porta. – Eu trouxe algumas flores. Papai as colheu hoje de manhã e pensei que gostaria de tê-las aqui no quarto. Não são lindas? Onde posso colocá-las? Na escrivaninha?

Ele não estava sonhando. Ela estava ali, com os braços transbordando de rosas, um suéter que chegava quase até os joelhos, os cabelos caindo em todas as direções sobre os ombros.

– Bela...

– Ótimo, vão ficar lindas ali – ela tirou um vaso do suéter e ele pensou em se beliscar para ver se aquilo estava realmente acontecendo. Ela notou o olhar dele e se explicou. – Peguei um dos vasos de estimação do sr. Oliver, por isso trouxe escondido. Ele ama esses vasos como se fossem filhos. Vivo dizendo que devíamos espalhá-los pela casa, mas ele não me escuta.

Ela continuou andando e falando. Phillip franziu o cenho, tentando compreender aquela criatura que tinha o tamanho de um passarinho, mas fazia PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barulho como uma manada de búfalos descontrolados.

– Puxa, quase esqueci o café. As rosas não ficaram lindas? – Ela passou por ele, abriu a porta e puxou um aparador para dentro, com comida transbordando. – Eu fiz o café, espero que não se importe. Sei que você prefere ficar acordado à noite e dormir durante o dia. Mas eu pensei, puxa, por que não começamos a mudar isso? O que acha? Leite e açúcar?

Ela ergueu a xícara para ele, as bochechas vermelhas de empolgação, o sorriso brilhante de ninfa.

– Bela, o que você está fazendo?

– Eu trouxe o seu café. Perguntei ao sr. Oliver o que você gostava, então, não se preocupe, está tudo aqui. Café, creme, torradas, geleia de mirtilo, chá de hortelã... Ele também mandou seus remédios.

– Então Eugène sabe que você está aqui?

– Sim, ele me ajudou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Claro que ajudou – ele resmungou para si mesmo. – Bela, gostaria que me deixasse sozinho agora. Não gosto de ser surpreendido no meu próprio quarto – ele sentiu a físgada da perna doente assim que deu mais um passo.

Ela respirou fundo, as mãos cruzadas em frente ao corpo, o sorriso murchando.

– Claro. Desculpe. Eu achei que... Tudo bem. – Ela pareceu constrangida. Quando passou por ele, Phillip se amaldiçoou por dentro.

– Espere.

Ele segurou o braço de Bela.

– Desculpe. Obrigado pelo café e pelas flores, elas são lindas. Apreciei muito o fato de você ter se lembrado de mim e tê-las trazido.

Bela assentiu e olhou para ele por baixo dos cílios compridos.

– Não quis incomodar você.

– Não estou acostumado a ter alguém que saiba que eu existo além de Eugène. Peço perdão se fui

PERIGOSAS ACHERON

rude.

– Tudo bem – ela se inclinou na ponta dos pés e, como na noite anterior, beijou o rosto dele de leve.
– Acostume-se comigo. Você me aceitou como amiga e é isso que serei. E eu gosto de fazer meus amigos felizes, o que quer dizer que gosto de alimentá-los e lhes trazer rosas.

Um sorriso iluminado se abriu no rosto dela, e Phillip sentiu o coração acelerar. Mas ele apenas assentiu e Bela saiu do quarto, deixando-o sozinho novamente.

Ele mancou até o aparador e se serviu de uma xícara de café, a cabeça ainda zonga por causa do sonho e de Bela. Depois, voltou para a cama e se sentou na beirada, encostando a xícara quente no joelho que latejava.

O que diabos estava acontecendo com o coração dele?

– Você tem uma herança?

– O quê? – Phillip olhou para ela de sua poltrona, perdendo a concentração no livro que tinha nas mãos.

– Como você mantém essa casa? Você tem algum tipo de herança?

Ela estava sentada na sua posição favorita: os pés descalços e os joelhos dobrados sob o corpo. Segurava uma xícara de chá em uma mão e um livro na outra. Apesar de ela estar morrendo de medo de que ele não aparecesse naquela noite, assim que chegara o encontrara ali, sentado com todas as velas ao redor novamente.

Phillip viera ansioso para a biblioteca, esperando que ela o bombardeasse com perguntas sobre sua

PERIGOSAS NACIONAIS

família, sobre o acidente, ou que continuasse insistindo que ele não era culpado pelo episódio.

Mas ele devia conhecê-la melhor. Bela sorriu ao vê-lo e se instalou na poltrona ao lado, sem fazer menção à noite anterior. Até agora. Mas não era uma pergunta dolorosa ou que o ofendesse.

Ele voltou a atenção para o livro, tentando achar o parágrafo em que parara.

– Depois do acidente, vendi a companhia da família. Não era algo que eu pudesse tocar em frente no estado em que me encontrava. E nem queria.

Ela fez um som de compreensão.

– Ninguém nunca vem até aqui para saber como você está?

– No início, os repórteres e vizinhos apareciam o tempo todo. Depois de um tempo, eles se esqueceram.

– E você nunca saiu da casa em quinze anos?

– Não.

PERIGOSAS ACHERON

– Você não sabe como estão as coisas lá fora, na cidade?

– Não me interessa por mais nada, Bela.

– Uma pena. Eles fazem uma torta de maçã deliciosa na feira dos sábados.

Ele levantou os olhos do livro, surpreso, e pegou Bela o observando por sobre a borda da xícara com uma expressão atrevida no rosto.

– Bela.

– O quê?

– Eu não vou sair de casa.

– Não pedi para você sair de casa – ela sorriu.

– Mas você vai.

– Talvez.

– Minha resposta é não.

Ele releu o parágrafo pela décima vez, tentando assimilar algo além do perfume e da presença palpável dela dentro da biblioteca. Ela tinha o cheiro do jardim lá fora que se espalhava por todos

os cômodos, mesmo quando a casa estava trancada como um túmulo. Tanto Bela quanto o cheiro dela zombavam dele, infiltrando-se, esgueirando-se pelas beiradas, até que ele fosse tomado por completo.

Ele não tinha mais certeza se aquilo era bom ou ruim.

– Amanhã vou sair para comprar algumas coisas que preciso. Quer que eu traga algo?

– Não.

– Tudo bem. Estou morrendo de sono. Vejo você amanhã.

Ela se levantou, perdida, como de costume, dentro de uma blusa maior do que ela, e se inclinou, beijando-o na bochecha.

– Boa noite, Phillip.

Ele sentiu todo o corpo se retesar de ansiedade, mas relaxar quando ela atravessou a porta e sumiu.

Na noite seguinte, ele se sentou na mesma
PERIGOSAS ACHERON

poltrona e fechou os olhos, esperando que Bela começasse a leitura de um livro. Mas não foi o que aconteceu.

– O que é isso?

– Torta de maçã.

Ela estendeu uma fatia grande e succulenta, quase enfiando o prato embaixo do nariz dele.

– Eu não quero, Bela.

– Pedi ao sr. Lefran que fizesse uma especialmente para trazer para você! Não seja ingrato. Coma.

– Eu disse que não queria nada da cidade.

Ele apoiou o queixo na mão e olhou para longe dela, ignorando o olhar indignado que Bela lhe lançava.

– Tudo bem – ela deixou o prato sobre a mesa e se sentou na poltrona de sempre, as costas rígidas, os pés plantados paralelos no chão, um livro aberto no colo.

Ele suspirou e se endireitou na própria poltrona.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Me dê o prato.

– O quê?

– Me dê o prato. Quero experimentar a torta.

O sorriso dela se abriu, revelando um sol brilhante de meio-dia.

– Aqui – ela o estendeu e se sentou na beirada da poltrona, quase caindo de tanta ansiedade.

Ele levou o garfo à boca e sentiu a massa derreter sob a língua.

– É bom.

– Bom? – O sorriso dela murchou como o de uma criança contrariada. – Só bom?

– É deliciosa.

Ela bateu palmas, deliciada.

– Tem mais na cozinha, se você quiser.

– Este pedaço está bom, obrigado.

– Vou ler para você, tudo bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Agradeço.

Ela leu por mais de uma hora antes de fechar o livro e se levantar para ir dormir.

Ele esperou, a respiração suspensa e o coração disparado. Então ela deu um passo na direção dele, inclinou-se e pousou os lábios na face riscada de cicatrizes. Ela se afastou devagar, os cabelos acariciando a pele dele, o perfume deixando-o embriagado.

– Boa noite, Phillip.

– Boa noite, Bela.

PERIGOSAS ACHERON

– Vi seus pais em um álbum de fotos que estava aqui na biblioteca.

Ele a encarou por cima da borda da xícara, mas não disse nada.

– Havia fotos de um menino que agora sei ser você.

Phillip assentiu, mas continuou em silêncio.

– Desculpe, falei sem pensar – ela voltou a olhar para as próprias mãos.

Suspiro.

– Não é um problema, Bela – ele pousou a xícara sobre o joelho bom. – Ela era uma mulher linda e exuberante e tinha o jardim mais bonito da cidade. Ela ganhou uma série de competições que

envolviam flores. Existem troféus em algum lugar, escondidos. Eu lembro que ela passava horas lá fora.

– Você viu o jardim?

Ele levou a xícara aos lábios novamente.

– Vi de relance outro dia, através das cortinas.

– Está maravilhoso. Sua mãe ficaria orgulhosa. Mais chá?

– Não, obrigado – ele estendeu a xícara vazia.

– O que quer que eu leia para você esta noite?

– Bela, Eugène me disse que você teve um dia cheio e ainda ajudou seu pai no jardim. Você deve estar exausta.

– Você sabe que ler não é um sacrifício para mim – ela mal tinha terminado de falar quando um bocejo a surpreendeu e fez com que ela risse. – Desculpe, foi sem querer.

Ele se levantou e pegou a bengala.

Ela se ergueu também, as mangas do suéter

cobrindo as mãos dela.

– Por que você sempre usa isso? – Ele apontou para o suéter desengonçado.

– O quê? O suéter?

– Roupas gigantes, maiores do que você.

Bela sentiu o rosto ficar quente e rezou para que, na claridade fraca, ele não notasse.

– Eu adoro roupas grandes. Fazem com que eu me sinta confortável.

Ele a encarou, os olhos dourados tentando ler os pensamentos dela.

– Esqueci que você não recebe um salário. Amanhã pedirei a Eugène que entregue a você um valor suficiente para que faça algumas compras. Boa noite, Bela.

Ela sentiu o rosto pegar fogo e, antes que pudesse pensar, segurou-o pelo ombro e fez com que ele a encarasse.

– Não quero caridade, Phillip. Eu não disse que precisava do seu dinheiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não é caridade, Bela. Você trabalha aqui há meses para pagar a dívida do seu pai e não recebe nada em troca. Peço perdão, eu deveria ter pensado nisso antes. Você tem necessidades que vão além do que faz aqui e para isso precisa de dinheiro.

– Eu não preciso. Obrigada.

Ele sustentou o olhar dela por mais alguns segundos, então se virou e lhe deu as costas.

– Como quiser. Boa noite.

Bela o observou se afastar enquanto puxava a barra da blusa mais para baixo, constrangida.

Era tarde quando Phillip escutou batidas ensurdecedoras na porta. Ele estava deitado, depois de ter tomado comprimidos suficientes para nocauteá-lo por horas, mas que não pareciam estar surtindo efeito. A perna estava doendo mais do que o normal, possivelmente porque ele estava andando mais do que o de costume para ver Bela todas as noites.

PERIGOSAS ACHERON

Ele esperou que as batidas cessassem para poder desvanecer na escuridão, mas isso não aconteceu. Elas continuaram e, logo depois, ele ouviu a porta sendo aberta de supetão. Não precisava levantar a cabeça para saber quem era. Deus sabia que, desde que ele deixara Bela entrar na vida dele, ela tinha virado tudo de cabeça para baixo.

– Phillip, eu sei que você não está dormindo. Quero saber o que é isto.

Ele ergueu-se sobre os cotovelos, encarando Bela. Ela estava no meio do aposento. Pequena, cabelos no rosto, furiosa. E com um punhado de sacolas nas mãos.

Ah, agora ele entendia.

Phillip deixou a cabeça pender de volta no travesseiro.

– Sacolas.

– Eu sei que são sacolas.

– Então por que está me perguntando?

Ele a escutou soltar um muxoxo de indignação e

PERIGOSAS NACIONAIS

os pequenos pés bateram até alcançarem a cama dele.

– Eu quero saber por que elas estão cheias de roupas do meu tamanho.

– Não faço ideia, Bela. Não saí deste quarto desde que conversamos ontem.

Ele achou que ela havia desistido. No entanto, foi soterrado por sacolas de papel que ela jogou sem cerimônia na cara dele.

– Eu não nasci ontem, Phillip Rothschild! Sei que pediu para o sr. Oliver comprá-las para mim.

– Então se você sabia... – Ele afastou as sacolas do rosto, começando a perder a paciência. – Por que me perguntou?

A boca dela fez um pequeno O de indignação e ele quase riu. Fazia quinze anos que não se relacionava com mulher alguma e, quando isso finalmente acontecia, ele acabava conhecendo a menor e mais complicada de todas.

– Eu não as quero. Fique com elas – ela girou

PERIGOSAS ACHERON

sobre os calcanhares e rumou para a porta.

– Bela, espere – ele se ergueu e puxou a perna ruim para fora da cama.

Ela se virou, as mãos na cintura.

E ele soube.

Naquele momento, no meio da tarde, enquanto a cabeça dele latejava feito o inferno e ela permanecia ali no meio do quarto, com as mãos na cintura parecendo uma pequena fada enfurecida, ele soube. Que ela era mais do que uma amiga. Que ela era mais do que alguém que estava ali para fazer somente um trabalho.

Ele estava se apaixonando por Bela.

Porém, também sabia que ele era um monstro e que ela era impossível de ser alcançada.

– Phillip?

Ela notou a mudança no rosto dele. Notou quando os olhos dele perderam o foco e ele se distanciou.

– Deixe as sacolas. Eugène vai levá-las de volta.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Phillip? – Ela andou na direção dele.

– Por favor, eu gostaria de ficar sozinho, Bela.

– Mas...

– Você já devolveu as sacolas. Pode sair agora.

Ela hesitou, querendo se aproximar dele e entender o que havia acontecido.

– Desculpe se insultei você, é que...

– Você não me insultou – ele apoiou a cabeça nas mãos, a dor piorando. – Apenas saia daqui.

– Você não está bem. Me deixe ajuda-lo – Bela se adiantou e tocou as costas dele. Foi como se ele tivesse levado um choque. Phillip se afastou dela, os olhos pesados e furiosos.

– Mandeí você sair.

Ela se aprumou, mais surpresa do que ofendida pelo ataque dele.

– Você está sentindo alguma dor?

– Não. Meu deus, você não escuta – ele se

PERIGOSAS ACHERON

ergueu, cambaleando com a perna destruída e pegando Bela pelo braço. – Eu pedi para sair! – Ele a sacudiu e Bela se agarrou ao roupão que ele usava, os dentes trincados e um ar de choque no rosto.

Ela o encarou, os olhos grandes e assustados, as mãos como garras presas a ele, a boca aberta em choque. Ele sabia como deveria estar. O rosto desfigurado, tomado pela fúria. Um verdadeiro monstro, agarrando a pele suave e frágil e despejando tudo aquilo que era em cima dela.

Quando Phillip achou que ela ia chorar, se debater e sair correndo daquela casa para sempre, o corpo dela relaxou. Bela fixou os olhos nos dele e passou a mão pelo seu rosto, os dedos delicados acariciando as feições desfiguradas.

Ele não conseguia mais encará-la, então fechou os olhos. Deixou a mão dela onde estava e virou o rosto para longe, mas ela o segurou e forçou o queixo dele para baixo. Quando Phillip abriu os olhos novamente, ela ainda estava ali. Olhos enormes em um rosto pequeno, um vinco no meio

PERIGOSAS NACIONAIS

da testa enquanto ela parecia pensar em alguma coisa.

– Não faça isso. Não vire o rosto para mim, Phillip.

A mão dela passou por trás do pescoço dele enquanto Bela se erguia na ponta dos pés. Antes que ele pudesse raciocinar sobre o que fazer a seguir, ela pressionou a boca contra a dele.

Pétalas contra espinhos.

Ele prendeu a respiração.

Ela arfou, os lábios se abrindo exigindo mais. Uma mão contra o peito dele, agarrando o roupão com força, e outra no pescoço, entre os cabelos dele.

Então ele descobriu existir dentro de si um homem adormecido que não se lembrava mais qual era a sensação do toque ou do beijo de uma mulher. Ele sentiu que se afogava e que Bela era o ar que ele precisava respirar em golfadas cada vez maiores para sobreviver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As mãos dele foram para o rosto de Bela, mantendo-se ali, enquanto os lábios se abriam para ela, as sensações há tanto tempo esquecidas retornando. Tudo nele se embriagava com ela e o cheiro e o gosto dela. Ela.

Phillip se esqueceu do próprio rosto destruído e que o corpo não era mais o mesmo. Agarrou-se a ela, aprofundando o beijo e segurando-a como se ela fosse tudo o que restava no mundo.

E ela era.

Meu deus, ela era.

PERIGOSAS ACHERON

– Não me afaste. Não me afaste de você.

Bela encostou o rosto no peito dele, escutando o coração desenfreado e vivo que havia ali. *Não me afaste, não me afaste, me deixe ficar perto*, era o que a mente dela repetia e sua boca suspirava.

Ela sabia que, passado o primeiro toque, seria trancada do lado de fora daquela porta que acabara de se abrir. Ansiosa com o que poderia acontecer, Bela passou os braços ao redor da cintura dele, por baixo do roupão, sentindo músculos, ossos e movimento ali. Inspirou fundo, sentindo-o enrijecer sob seu toque, a nuvem de medo e rejeição aos poucos tomando conta de Phillip.

– Bela. – O sussurro dele foi carregado de

tenção e ela sentiu o coração afundar. – Isso foi um erro. Por favor, Bela. Você precisa sair daqui.

– Isso não foi um erro. – Ela olhou para cima e encontrou o rosto dele fechado, olhos anuviados e... Arrependidos? – Eu quis fazer isso. Você quis fazer isso.

– Mas não está certo – Ele a pegou gentilmente pelos braços e a afastou de seu corpo, mancando para longe dela. – Não quero e não preciso da sua pena.

A boca dela se abriu em choque, mas Bela engoliu a mágoa e se endireitou.

– Não sinto pena de você, Phillip Rothschild. Eu sinto... Eu sinto... – As palavras ficaram presas. Ela precisava de ar. Deus, ela queria tanto abrir as cortinas pesadas e suavizar aquela atmosfera pesada. – Eu me sinto atraída por você. Isso é um problema? – Ela o encarou, as mãos na cintura, os pés firmemente plantados no chão.

Ele não recuou, mas a sua expressão mostrava descrença e Phillip balançou a cabeça, como se

PERIGOSAS NACIONAIS

quisesse se livrar daquele pensamento. Ela respirou fundo, a dor da rejeição descendo como óleo quente pela garganta.

– Como isso é possível, Bela? Me explique como é possível que alguém como você sinta algum tipo de atração por uma coisa como eu?

– Alguém como eu? Uma pessoa com sentimentos, você quer dizer? Bom, sinto decepcionar, mas alguém como eu... – Ela apontou para o próprio peito. – Tem sentimentos que não escolhem por quem são inspirados. E se por *uma coisa como você* se referir a um homem, não se sinta espantado. Mulheres e homens têm se atraído desde o início dos tempos.

– Eu não quis... Quero dizer que é impossível! – Ele deu um passo na direção dela, mas pareceu reconsiderar e voltou ao lugar onde estava. – Você está cega, Bela. Está cega por algum tipo de desejo de viver um romance de livro com um monstro como eu, talvez achando que isso vá me mudar como mágica. – Ele lhe deu as costas, a nota de desprezo pairando no ar entre eles.

PERIGOSAS ACHERON

– Não coloque palavras na minha boca e pensamentos na minha cabeça, Phillip! Sei o que quero e não aceito que você ache o que quer que seja sobre o que sinto. – Ela o contornou, postando-se em frente ao rosto fechado dele. Bela endireitou os ombros, tentando ficar maior perto de Philip, impondo-se através da própria vontade.

Ele desviou o olhar, mas ela sentiu que estava afetado pela proximidade, a respiração irregular e a linha do maxilar completamente rígida.

– Eu já disse que não considero você um monstro ou algum tipo de fera. Sua aparência pouco importa para mim. Ou eu demonstrei o contrário durante todas as vezes que estivemos no mesmo cômodo?

Phillip continuou olhando para um ponto além dela, mas Bela notou que o corpo dele abandonava aos poucos a rigidez, sendo substituído por outra coisa. Um peso nos ombros, um cansaço que estava sempre lá. Desilusão.

– Não, você não demonstrou – admitiu e encontrou os olhos dela. – Mas isso não muda nada,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bela. Eu não sou quem você imagina que eu seja. E não posso ser qualquer outra pessoa além deste homem destruído que não sabe o que é viver há mais de uma década.

– Eu não quero que você seja outra pessoa – ela pousou a mão delicadamente no rosto marcado dele. – Eu conheci você assim e é deste homem que gosto. Um homem que sabe quais são os meus livros favoritos. Um homem que pode passar horas lendo em minha companhia. Alguém que tem uma alma bonita, apesar de sofrida.

Ele fechou os olhos, o rosto pendendo para a mão dela, aninhando-se ali como um pássaro ferido à procura de conforto.

– Bela, olhe para você.

– O quê?

– Você é bonita, viva e boa. Que tipo de pessoa eu seria se concordasse que você gastasse seu tempo comigo ou com meu afeto?

– Um homem feliz? – Ela brincou, o polegar acariciando de leve o lábio superior dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Um tolo é o que eu seria. Já mantenho você presa aqui por causa de uma dívida que não é sua. Não posso atar mais uma corda aos seus tornozelos – Ele segurou o pulso dela, retirando-o do próprio rosto.

– Você não está atando nenhuma corda ao meu redor. Conheço minhas prisões. Você não é uma delas – Dizendo isso, ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou de leve.

– Vou deixar você em paz. Mas não perca seu tempo criando estratégias para me afastar. Não vou a lugar algum, Rothschild.

O olhar dele acompanhou Bela até a porta. Ela se virou e o encarou por cima do ombro.

– Mas o fato de eu querer beijar você mais um pouco não significa que preciso de suas roupas. Pode pedir ao sr. Oliver para devolvê-las?

E saiu, deixando-o para trás, atordoado e com o gosto dela nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Ele não apareceu na noite seguinte.

Nem na próxima.

E nem na próxima.

Mas Bela se sentou na mesma poltrona todas as noites, com o chá quente ao seu lado e um livro no colo, esperando por ele.

Ela não quis apressá-lo. Não queria que Phillip se fechasse novamente.

Bela trabalhou durante o dia e leu sozinha durante a noite, sempre atenta a qualquer ruído, qualquer sombra. E se lembrou do beijo que arrepiou a pele e aqueceu o sangue dela. Lembrou como Phillip havia colocado as mãos nela, como a boca dele se encaixava e se moldava e suspirava, apesar de não querer. Ele ficara escondido por tanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo, mas ainda era capaz de sentir e de se entregar.

E Bela queria mais.

Ela levantou os olhos do livro que estava tentando ler e observou o fogo que crepitava na lareira da biblioteca. Chamas vermelhas e amarelas se entrelaçavam, estourando como fogos de artifício. Uma dança de amantes, um abraço compartilhado. Ela observou por algum tempo aquele brilho, repassando na cabeça aquele beijo e aquele momento com Phillip.

Phillip.

Bela levou os dedos aos lábios, tocando-os de leve e pensando em como seria maravilhoso sentir os lábios dele novamente ali.

Sonhos novos e maravilhosos imploravam para que ela os levasse em novas aventuras. E Bela estava prestes a ceder ao impulso de deixá-los tomar conta dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Phillip não desceu na noite seguinte.

Nem na próxima.

E nem na próxima.

Durante a manhã, quando geralmente dormia, os olhos dele teimavam em ficar abertos, olhando curiosos para as cortinas pesadas que cobriam as janelas. À noite, ele se sentava na poltrona em frente à lareira e se deixava ficar lá, perdido em pensamentos que sempre voltavam para Bela.

E Bela. E Bela. Bela.

O sorriso dela quando falava do pai. O cenho franzido enquanto lia. Os dedos leves que percorriam as páginas. Os cabelos que teimavam em cair na frente do rosto e que ela prendia em um coque descuidado. As roupas largas demais que

PERIGOSAS ACHERON

escondiam a mulher que ela era por baixo. O perfume de velas e rosas que ela exalava quando se inclinava para beijá-lo no rosto.

Os lábios dela contra os seus.

Ele ficou na poltrona por mais uma noite com um roupão jogado sobre os ombros, a perna defeituosa, reclamando de dor, estendida à frente. Inquieto, apoiou o queixo na mão e se deixou ficar ali, horas e horas pensando nela.

A forma como ela tinha se grudado nele, da cabeça aos pés, as mãos em seu rosto, a boca pressionando a sua, a língua entrelaçada à dele buscando estrelas no céu da boca.

Phillip afundou o rosto nas mãos e soltou um grunhido de frustração.

Por Deus!

O que estava acontecendo com ele?

Ele não sabia o que fazer. Fazia tanto tempo que ele não tinha contato com ninguém que não fosse Eugène. Phillip simplesmente não compreendia a

situação. Poderia alguém como ela, esperta, bonita e cheia de vida, gostar de alguém como ele? Um homem deformado, que havia deixado tudo para trás, despido de esperanças há tanto tempo?

O que ele tinha a oferecer para ela além de decepções?

Perdido em pensamentos, Phillip não escutou quando a porta foi aberta e Eugène entrou, com passos lentos, carregando uma bandeja.

– Chá, Phillip?

Ele suspirou, espantando os devaneios e erguendo o olhar para o mordomo, que colocava a bandeja na mesa à frente dele.

– Obrigado, mas não estou com fome. Vou tomar apenas os remédios.

– Como quiser.

Eugène se demorou por mais algum tempo, afofando almofadas, esticando lençóis, mudando os pesos de papel sobre a mesa de um lado para o outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Phillip o observou por alguns minutos antes de perder a paciência.

– Diga o que tem a dizer, Eugène.

– Quem disse que tenho algo a dizer? – O homem espanou uma poeira invisível sobre um livro.

Phillip quase revirou os olhos.

– Eu conheço você desde que nasci e sei muito bem quando tem algo a dizer que considera importante. Então fale logo.

– Pois bem, senhor – Ele se ocupou em servir o chá enquanto falava. – Tenho percebido que o senhor e a senhorita Bela desenvolveram um... relacionamento no último mês.

– Eu não chamaria de relacionamento – Phillip resmungou.

– Amizade, então, se preferir. – Ele ofereceu a xícara a Phillip junto com três comprimidos coloridos. – E devo dizer que isso me surpreendeu muito, visto que o senhor é muito avesso a

PERIGOSAS ACHERON

companhias.

– Ela não é o tipo de pessoa que se deixa ignorar. – Ele jogou os três comprimidos de uma vez na boca, usando o chá para engoli-los.

– Não mesmo. Muito astuta a nossa Bela.

Phillip ergueu a sobrancelha, questionando o uso do pronome “nossa”, mas Eugène fingiu não notar.

– Pois bem, senhor. Eu queria apenas informar que acho extremamente benéfica essa... Amizade que surgiu entre vocês.

– Acha, é?

– Sem sombra de dúvidas! Ela é inteligente, simpática, amorosa e muito bonita. Um doce de menina que não merece tudo o que passou até hoje.

– Os olhos dele se suavizaram com ternura. Phillip não se surpreendeu. Ele era capaz de apostar que Bela faria uma pedra desenvolver sentimentos por ela. – Tenho acompanhado o senhor desde menino, Phillip, e estive com você em todos os bons e maus momentos. Sei que a dor pela qual passou nunca irá

desaparecer...

Phillip se remexeu na poltrona, incomodado pela lembrança. Mas Eugène caminhou até onde ele estava e pousou a mão ombro dele, os olhos cercados de cicatrizes de idade, diferentes das cicatrizes que ele carregava.

– Por isso, acho que ela é um bem precioso para esta casa. E eu gostaria de aconselhar você a tratá-la bem e aceitar o que ela tem a oferecer.

– Como sabe que ela me ofereceu algo?

O sorriso enrugado de Eugène foi sereno, mas cheio de conhecimento.

– Porque, pela primeira vez em quinze anos, eu vejo seu rosto se perder em pensamentos que não têm nada a ver com o seu passado, mas sim com o seu futuro. – Ele apertou gentilmente o ombro de Phillip mais uma vez. – Abra seu coração, Phillip. Bela é capaz de plantar coisas bonitas nele. Eu sei. Está no sangue dela.

Com mais um sorriso gentil, ele deu meia volta e se encaminhou para a porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eugène?

– Sim?

– Obrigado.

Eugène assentiu, parecendo satisfeito.

– Se me permite dizer, senhor, há uma donzela adormecida na biblioteca que tem esperado por um príncipe há várias noites. Não seria educado deixá-la esperando por muito mais.

O mordomo fez uma medida e desapareceu no corredor. Phillip circundou a borda da xícara com o dedo, várias vezes, a mente inundada de pensamentos e sentimentos confusos. Respirando fundo, ele se levantou e deixou a peça delicada de porcelana sobre a mesa.

Ele não era nenhum príncipe para acordar uma princesa com um beijo, mas Bela parecia não se importar em tocar as escamas de um dragão.

PERIGOSAS ACHERON

Ela havia adormecido com a cabeça sobre o braço da poltrona.

Phillip se aproximou devagar, feliz pelo tapete abafar o som da bengala. Bela dormia toda encolhida, a face serena de quem não tinha sonhos perturbadores.

Ela não se mexeu.

Ele se sentou na outra poltrona e a observou.

Uma mão pendia sobre o outro braço, uma xícara vazia caída sobre o tapete. Um livro aberto no colo. Uma mecha de cabelos sobre os olhos. Os lábios ligeiramente entreabertos. As pernas puxadas para cima e enroladas sob o corpo.

Ele nunca tinha visto nada tão bonito.

Teve vontade de esticar o braço e tirar o cabelo dela do rosto e contornar todas as linhas da face de Bela até decorá-las. Teve vontade de se ajoelhar ao lado dela e sussurrar histórias para vê-la sonhar. Teve vontade de beijá-la de novo e correr as mãos sobre ela. Teve tantas vontades que seu desejo o assustou.

Ela se remexeu e soltou um gemido baixo. Logo depois, abriu os olhos e encarou o fogo da lareira, confusa. Ele observou os segundos em que os olhos dela saíram do sono e se adaptaram à realidade, para então notar que não estava mais sozinha e se erguer devagar sobre o cotovelo, olhando para ele.

Então ela sorriu. O sorriso dela foi longo e preguiçoso, começando na boca, espalhando-se pelos olhos e pulsando na pele.

– Phillip.

– Bela.

Ela se ajeitou na poltrona, como fazia todas as noites, e deixou a cabeça pender de lado enquanto o encarava com aquele sorriso leve de quem tinha a

PERIGOSAS NACIONAIS

capacidade de ler todos os pensamentos dele.

– Que gentileza a sua aparecer. Quer que eu leia algo?

– Não. Eu vim para ver você.

– Tudo bem, então.

Ela percorreu o padrão da estampa da poltrona com os dedos, parecendo uma gata que encontrara um brinquedo que a satisfazia. Ele a observou por minutos incontáveis, seguindo o movimento dos dedos dela pelos desenhos e desejando que ela traçasse os mesmos círculos na pele imperfeita dele.

– Bela?

– Sim, Phillip?

– Não quero que você se afaste.

Os dedos pararam de percorrer o desenho, mas ela não ergueu o olhar.

– Eu não pretendia me afastar.

– Não sei o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não faça nada.
- Quero beijar você de novo.
- Acho que você sabe o que fazer, então.

Silêncio.

Bela voltou a traçar o padrão de desenhos na poltrona, mas seus dedos não acompanhavam mais as linhas de forma precisa.

- Bela?
- Sim, Phillip?
- Venha até aqui, por favor.

Ela se levantou, indo até ele.

E se colocou entre as pernas dele.

Tão perto.

Phillip ergueu o rosto para encará-la, maravilhado pelo jogo de luz e sombras que dançavam sobre a pele de porcelana de Bela. Uma pele tão diferente da sua.

Tão linda, tão perfeita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ergueu as mãos e circundou o rosto dele, os polegares acariciando a pele machucada, a ponta da boca, os cantos dos olhos, afastando o cabelo que caía sobre a testa dele.

Tão destruído, tão perfeito.

Bela se inclinou e beijou os lábios dele de leve. Phillip não fechou os olhos, preocupado em decorar todas as linhas do rosto da mulher a sua frente como tinha desejado antes. Mas quando Bela pressionou mais a boca contra a sua, ele se sentiu tragado por ela.

Bela aprofundou o beijo, o corpo aos poucos se inclinando contra o dele, até que Phillip passou as mãos por trás dela, os braços em volta da cintura, mantendo-a colada nele, corpos e bocas.

Mesmo em pé, ela era tão pequena e frágil que até ele, que passara tanto tempo sem fazer grandes esforços e que perdera quase toda a força que tivera um dia, poderia quebrá-la ao meio, se quisesse. Ele ficava encantado com o quanto ela era pequena e grandiosa ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela respirou nele, a boca buscando e ofegando, as mãos se enrolando por trás do pescoço dele, entrelaçando-se nos cabelos, enquanto os braços de Phillip ao redor da sua cintura a puxaram para baixo, até Bela estar sentada sobre o colo dele.

Ela gemeu.

E ele ofegou.

Bela buscou ar e encostou a testa na dele em busca de equilíbrio para a tontura maravilhosa que tomara conta do corpo dela.

Ela riu.

E riu.

E riu de novo e beijou os lábios de Phillip enquanto ria, as mãos acariciando o rosto dele. O riso transbordando para ele, que o engolia.

– Bela?

– Sim?

– Você se importa se eu pegar no sono?

Ela riu contra o peito dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não. Por quê?

– Faz dias que não durmo.

– Eu me pergunto o porquê – Ela não pode conter a pontada de entusiasmo na voz.

– Algo estava me distraindo.

– E agora não está mais?

– Não. – Ele beijou o topo da cabeça dela. – Não mais.

– Fico feliz. – Ela beijou o peito dele e se aconchegou novamente, fechando os olhos. – Acho que vou poder dormir também. Faz dias que não durmo.

O riso dele foi abafado contra o topo da cabeça dela.

PERIGOSAS ACHERON

O dia amanhecia quando Eugène entrou na biblioteca para abrir as janelas e ventilar o ambiente.

Ele parou assim que os olhos se ajustaram à escuridão e identificaram duas figuras que dormiam abraçadas e encolhidas em uma poltrona.

Com um sorriso quase lhe rasgando o rosto, ele saiu devagar da biblioteca, tomando todo cuidado para não fazer nenhum barulho.

Bela trabalhava durante o dia.

À noite, enroscava-se com um Phillip ainda resistente e desconfiado. Ela o beijava, abraçava e lia para ele até que ele se desarmasse o suficiente para conversar com ela sobre os fantasmas que ainda o assombravam. Bela o convencera inclusive a revelar o mistério da passagem escondida ao lado da lareira, que, no fim das contas, não passava de um elevador escondido na parede oculta pela tapeçaria.

Bela riu e o fez mostrar para ela, dezenas de vezes, como deslizar a porta do elevador. Ela subiu e desceu da biblioteca para o corredor superior tantas vezes, que Phillip receou que ela fosse ficar presa a qualquer minuto. No entanto, ela apenas beijou a ponta do nariz dele e subiu novamente. E

desceu. E riu todas as vezes.

Todas as noites, antes de se despedirem, Bela sugeria que ele saísse do quarto no dia seguinte e caminhasse com ela pelo jardim. Todas as noites, ele dizia que não estava preparado.

Bela aceitou e esperou.

Na primeira manhã de verão, ela tomava café com Eugène quando ambos escutaram os inconfundíveis sons de madeira batendo contra o piso além da porta. Eles se entreolharam e Bela parou com a xícara a meio caminho da boca. Eugène pareceu assustado por um momento, então a expressão dele se derreteu e os olhos enrugados sorriram para ela.

– Acho que a senhorita conseguiu um milagre.

– Acho que ele é o milagre – Ela sorriu de volta.

A porta atrás dela rangeu, o barulho da bengala chegou mais perto, e ela o sentiu atrás de si. Bela deixou a xícara sobre a mesa e se virou para olhá-

PERIGOSAS NACIONAIS

lo. Ele era diferente à luz do dia. Mais trágico, mais assustado, mais pálido. Mais bonito. E ela queria abraçá-lo. Mas apenas sorriu lhe dando boas vindas.

Ele parecia inseguro, ela percebeu. Usava calças pretas e uma camisa que ela nunca vira, abotoada até o pescoço. Por cima, usava um paletó cinzento que acentuava os ombros retos e o tronco comprido. Os cabelos entremeados de fios grisalhos caíam ao redor do rosto como uma cortina. Ele parecia a ponto de jogá-los para frente sobre as cicatrizes e se esconder. A boca levemente repuxada estava pálida e ele parecia prestes a desistir e dar meia volta.

Ela não deixaria.

Bela se levantou e pegou a mão dele, apertando-a.

– Oi.

– Bom dia, Bela.

– Você quer tomar café conosco?

PERIGOSAS ACHERON

Ele respirou fundo, a mão suando frio contra a dela.

– Aceito, obrigado.

Ela sorriu e o conduziu para uma cadeira ao lado da sua.

Eugène se levantou, deu a volta, e puxou a cadeira para ele.

– Senhor.

– Obrigado, Eugène.

– É bom vê-lo por aqui. – O mordomo levou a mão ao ombro de Phillip e apertou em um gesto de conforto. – Vou deixar vocês a sós para aproveitarem o café da manhã neste lindo dia.

Ele lançou uma piscadela para Bela e deixou a cozinha com passos rápidos e silenciosos.

Bela providenciou uma xícara para Phillip e se sentou ao lado dele enquanto comiam.

Ele parecia incerto sobre o que fazer e como fazer as coisas. Bela percebeu que ele parou quando estendeu a mão para o bule de leite e observou as

PERIGOSAS ACHERON

cicatrizes que a cobriam.

– Desculpe – Ele pronunciou após alguns minutos de silêncio. – Não estou acostumado com tanta luz e nem a me ver tão claramente. Elas são piores aqui, delineadas contra a claridade.

Bela não o deixou continuar. Ela pegou a mão que ele segurava contra a luz e beijou o dorso e a palma com carinho.

– Elas são parte de você. Na escuridão ou na luz. E vou beijá-las aqui também. Tome café comigo e aproveite sua primeira manhã.

Ele não perdeu a insegurança de estar exposto daquela forma, mas Bela o sentiu relaxar um pouco ao longo da manhã. Eles caminharam de braços dados pela casa e Phillip resolveu contar a história dos cômodos que tantas vezes ela limpava ao longo dos últimos meses.

Ele não mencionou os pais ou a irmã, mas falou de escritórios, quartos, quadros e objetos ao longo do caminho. Por fim, parou no grande saguão de entrada e ficou absorto nos detalhes do piso

quadriculado e na luz que se derramava pelo teto, parecendo perdido por um momento naquele espaço tão aberto e iluminado. O rosto dele era uma miríade de emoções, pesares e lembranças.

Ao final do dia, Phillip se despediu dela, depois de terem passado horas na biblioteca banhada na luz do fim de tarde. Bela não insistiu para que continuassem juntos porque sabia que ele estava exausto e assombrado por fantasmas despertados pelo passeio.

Ela o beijou lentamente na boca, no nariz, no queixo, na palma da mão e lhe desejou boa noite.

Phillip mancou de volta para o quarto através da passagem escondida. Então, jogou-se na cama, sem se importar de tirar a roupa grudada com o suor frio que o acompanhara o dia todo ao voltar à luz do dia, abrindo portas a memórias tão antigas e dolorosas.

Ele estendeu a mão para o móvel ao lado da cama e pegou dois comprimidos, que jogou na boca e mastigou, sentindo com prazer o amargor e a acidez ao engoli-los. A perna latejava, o corpo

PERIGOSAS ACHERON

transpirava por todos os poros, mas o coração estava tomado por Bela. Por ela inteira.

Ele fechou os olhos e se permitiu um suspiro confuso. Estava feliz, mas desesperado. Queria voltar para a escuridão e não para a existência. Mas também queria beijar Bela sob a luz do dia e percorrer o corpo dela com as mãos, decorando cada centímetro possível do que ela era.

Ele a amava. Assustadora e inegavelmente.

Phillip trocou a noite pelo dia.

Depois de anos confinado à escuridão e ao silêncio, era difícil e deslumbrante redescobrir as cores, os sons e os cheiros do lugar que era o seu lar. Aos poucos, ele provou o calor do sol e a sensação de vento contra a pele quando saiu com Bela para o jardim.

Apesar de seu cérebro gritar para que voltasse, Bela sorria e o puxava, com passos lentos, entre as flores e bancos de jardim. Quando se sentou e olhou para a casa onde crescera, Phillip sentiu um aperto no peito. De saudade e de dor. E solidão. Uma solidão intensa que ele mesmo provocara ao se afastar do mundo. Assim que as lágrimas ameaçaram transbordar, ele pediu licença para Bela e voltou para a segurança das paredes grossas da

casa.

Era um jogo difícil.

Uma parte recém descoberta dele queria viver aquela vida novamente, sair à luz do dia, abraçar Bela e sentir tudo mais uma vez. Mas outra parte, carregada de remorso pelo passado queria ficar trancafiada no quarto, claudicando à noite pelos corredores e chafurdando na miséria. Era uma questão de coragem. E ele não era um homem corajoso.

Era um covarde. Um covarde que matara a própria família e que se escondera de tudo e de todos. Um covarde que obrigara um homem velho a pagar por uma dívida que nunca conseguiria quitar, e acabara arrastando a filha doce e sensível para dentro daquele caos. Em troca, ela o beijara e fizera promessas de que tudo iria melhorar.

Ela não pedia nada, mas entregava tudo. Ela não queria dinheiro pelo trabalho, mas fazia tudo que estivesse ao seu alcance para que a organização se mantivesse. Bela não contava os dias para ir embora e tentava passar todos os minutos possíveis

ao lado dele.

Bela nunca havia dito que o amava, mas ele sabia que aquele sentimento também surgia dentro dela, assim como já rugia dentro dele. Apesar de Phillip não entender como ela podia gostar dele, ela gostava. Ela era um milagre esperando para acontecer.

Já no quarto, ele parou ao pé da cama e tirou o casaco que pesara nos ombros o dia todo. Tropeçou no baú perto da cama e olhou para ele. Uma ideia surgiu e Phillip se curvou para abrir a tampa. Ali dentro, sobre colchas bem dobradas, havia uma caixa pequena e intrincada com o desenho de uma roseira. Dentro, sobre a delicadeza do veludo vermelho, havia um broche em formato de botão de rosa, incrustado de rubis. As pedras cintilaram sob a luz das velas quando ele o trouxe para perto do rosto, analisando os detalhes e as cores. Era a única peça que voltara da mãe após o acidente. Um lembrete da mulher maravilhosa que ela fora e do terrível destino que tivera.

Era uma das poucas coisas que Phillip não

mandara trancar no sótão ou jogar fora ao longo dos anos. O anel que o pai de Bela encontrara e levara, havia, ironicamente escapado por pouco do mesmo destino, ao ser esquecido dentro de uma gaveta no térreo. Phillip traçou o padrão do desenho da joia com os dedos, lembrando-se dos cabelos negros da mãe em um coque, o broche fechando o vestido longo, o sorriso dela iluminando a sala. Ele sentia falta dela de uma forma absurda. Ele a amara de forma absurda.

Phillip sorriu com a lembrança pela primeira vez. Outras lembranças dela invadiram sua mente. E, por mais impossível que pudesse parecer, ele sentiu uma onda de tranquilidade atravessar o corpo, como se as coisas se tornassem muito mais simples do que ele poderia imaginar.

– O que está tentando me dizer, mamãe? – Ele esperou por uma resposta no quarto escuro e silencioso. Então, alguém bateu na porta e Phillip fez uma prece silenciosa. Talvez existisse algum perdão para ele no fim do túnel, afinal.

Bela pôs a cabeça para dentro do quarto, uma

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão cautelosa no rosto.

– Oi.

– Bela.

Ela abriu a porta um pouco mais, mas não entrou.

– Você está bem?

– Sim, só um pouco cansado. Minha perna não está acostumada a tanto esforço.

Ela sorriu e entrou, encostando a porta atrás de si.

– Oliver me pediu para trazer o remédio para a dor. Ele imaginou que a perna estaria incomodando
– Ela atravessou o quarto com passos firmes e estendeu um frasco laranja para Phillip.

Phillip assentiu, pegando o frasco e jogando três pílulas na boca. Ele ignorou o franzir de testa dela diante do gesto.

– Por favor, sente-se aqui comigo.

– Você está mesmo bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, venha – Ele estendeu a mão e a puxou para que sentasse ao seu lado.

Eles passaram alguns minutos em silêncio, as mãos entrelaçadas, Phillip perdido em seus próprios pensamentos.

– É demais para você, não é? Mudar sua rotina e sair durante o dia...

– Não vou dizer que não seja. Mas tudo isso não me fez mal, acho. Estou apenas assustado. Comigo, com você e com o mundo que existe do lado de fora destas paredes. Percebi que a vida não parou junto comigo, Bela. Ela continuou através das rosas que cresceram e se espalharam, através das ervas daninhas que seu pai controlou, através das rachaduras que surgiram nas paredes. É como estar congelado e acordar de repente e se deparar com um mundo inteiramente novo. – Ele puxou a mão dela e depositou um beijo na palma. – É maravilhoso, mas assustador. E me esgota.

– Você tem tempo para se acostumar. Não precisa se apressar. Podemos ir no ritmo que quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele a encarou, o cenho franzido, e Bela se sentiu enrubescer sob o olhar dele.

– O que foi? Eu disse algo errado?

– Não – Ele beijou a mão dela novamente. – Eu não me canso de me sentir maravilhado por você a cada segundo, apenas isso. – Phillip acariciou a mão dela, o dedo percorrendo a palma e desenhando as linhas, e entrelaçou os dedos com os dela. – Quero dar uma coisa a você. E quero que me prometa que vai aceitar.

Ela começou a protestar, mas ele a impediu com um altear de sobrancelhas.

– Tudo bem.

Phillip colocou algo pequeno e sólido dentro da mão dela. Ele segurou o objeto ali por alguns segundos. Quando soltou, Bela analisou a peça pequena e a expressão dela foi de curiosidade para espanto e, em seguida, para negação.

– Phillip! Não posso aceitar! Isso deve valer uma fortuna!

PERIGOSAS ACHERON

– Você prometeu.

– Mas...

– É importante para mim, Bela. Esse broche significa algo muito especial e eu gostaria que você ficasse com ele.

Uma expressão de choque ainda estava estampada no rosto bonito dela. Bela negou mais uma vez e olhou para o broche, sentindo o peso e a textura, os dedos percorrendo o botão de rosa quase vivo sobre sua palma, a cor de sangue quase tão real quanto o seu próprio. Olhou para Phillip e de volta para o objeto.

– É maravilhoso, mas...Eu realmente não posso aceitar algo tão valioso.

– Bela. – Ele pegou o queixo dela e virou o rosto de Bela para que ela o encarasse. – Esse presente não tem relação alguma com valores em dinheiro. Não me importo se ele vale muito ou pouco. Ele pertenceu a alguém muito especial para mim e eu gostaria que você fosse dona dele a partir de agora.

– Mas por quê? – Ela perguntou com um

PERIGOSAS ACHERON

sussurro.

– Porque... – Ele passou a língua pelos lábios secos, a mente em um turbilhão. – Porque você é especial, Bela. Você é uma pessoa incrível que causou mudanças gigantescas em mim. Mudanças que me assustam e me maravilham todos os dias. E eu gostaria que você aceitasse esse presente como agradecimento.

– Mas...

Phillip a beijou, fazendo com que Bela se esquecesse do broche que pesava contra a palma da sua mão.

No início, ele a beijou devagar, testando os lábios dela, a mão em sua nuca, entrelaçando-se nos cabelos soltos. Depois, aprofundou o toque, respirando Bela. Phillip nunca cansava de se perder nela e perceber o quanto um beijo podia ser libertador e aprisionador ao mesmo tempo.

Quando ela soltou um pequeno suspiro de prazer contra a boca dele, Phillip teve certeza que nunca escutara nada tão bonito na vida. Ele moveu uma

mão para a cintura dela e a empurrou contra a cama, metade do corpo sobre o dela. Bela passou os braços ao redor do pescoço dele e aprofundou o beijo, puxando-o mais para perto até que um coração batesse contra o outro.

Era tanto. Tanto. E tanto. Ele pensou que seu peito explodiria por causa dela. Pelo contato, pelo beijo, pelos sons que ela fazia contra ele.

– Bela – Ele se apoiou sobre os cotovelos, quebrando contra a própria vontade o contato que parecia esquentá-lo da cabeça aos pés. Ele a beijou de leve nos lábios, nas bochechas e no nariz. – Acho que devemos parar.

– Por quê? – Ela levou as mãos ao rosto dele, os olhos em chamas, os lábios inchados pelo beijo.

– Eu não... Eu não sei se ainda sei como... Se eu... – Um rubor inesperado tomou conta do rosto dele, fazendo com que Bela mordesse as bochechas por dentro para não sorrir pela beleza dele ao ficar constrangido.

– Nunca disseram a você que é como andar de

bicicleta? Você nunca esquece.

– Bela!

Ela soltou uma gargalhada que reverberou através dele. Phillip lançou um olhar constrangido e ao mesmo maravilhado para ela.

– Desculpe. – Ela tocou o lábio dele com o indicador – Nada de piadas com bicicletas. – Ela depositou um beijo estralado na boca de Phillip e voltou a passar os braços ao redor do pescoço dele. – Obrigada pelo presente. Ainda não me sinto confortável em tê-lo, mas entendo o motivo de ter me presenteado com ele. E fico feliz. Você vai me dizer de quem era?

– Da minha mãe.

– Oh, Phillip...

– Era uma das joias favoritas dela e uma das poucas coisas dela que guardei comigo.

– Mas significa tanto para você.

– Exatamente.

Os olhos dele estavam fixos nos dela e Bela
PERIGOSAS ACHERON

sentiu o coração se derreter dentro do peito.

Ela depositou outro beijo nos lábios entreabertos dele.

– Obrigada.

Bela estava preocupada com o pai.

Entre um serviço e outro, ela descia até o chalé e conferia se estava tudo bem com ele. A idade e a saúde frágil cobravam seu preço. Ele, que já não era um homem de ficar parado, estava colocando na propriedade todas as forças que tinha, mesmo que ela pedisse para que ele se poupasse, pois ela estava pagando a dívida pelos dois.

Se havia algo que Bela havia aprendido a reconhecer no pai, ao longo dos anos, fora sua teimosia. Ela não podia nem chamar a atenção dele quanto a isso porque era igual. Obstinação, cabeça dura, e sempre pronta para fazer o que fosse preciso.

Mas ela se preocupava.

Sempre que podia, ia até ele e tirava as ferramentas de suas mãos, servia uma bebida e o sentava em um dos bancos do jardim para que descansasse fora do calor escaldante das tardes de verão. Ele se acomodava por alguns minutos, para logo depois resmungar algo sobre ervas daninhas e escapar dos esforços da filha. E ela suspirava admirada e assustada a cada tosse ou suspiro dele.

Bela sabia que, além da teimosia, ardia dentro dele a vergonha latente por ter feito algo que agora pesava sobre os ombros dela. Apesar de Bela jurar e tentar convencê-lo de que não estava sofrendo, ela sabia que o pai se resignava com suas respostas e guardava a culpa cada vez mais fundo dentro de si.

E a culpa o corroía. E doía.

Foi a preocupação com a saúde do pai que fez com que Bela conversasse com Phillip durante uma noite em que estavam juntos na biblioteca.

Phillip estava de olhos fechados, a cabeça levemente inclinada contra o encosto da cadeira, a expressão suave, os cílios longos fazendo sombra

PERIGOSAS ACHERON

sobre as maçãs do rosto. Ela não pôde deixar de sorrir ao compará-lo ao homem que era meramente uma sombra há alguns meses, mas que agora tocava a pele dela como se fosse a dele, espalhando calor e arrepios que pareciam se alastrar como fogo sobre a palha.

– Bela – Ele chamou, ainda de olhos fechados.

– Sim?

– Me conte o que está incomodando você.

Ela franziu o cenho, surpresa por ele notar as apreensões dela mesmo sem que uma palavra houvesse sido dita.

– Como você sabe que algo está me incomodando?

– Posso sentir em você. Na sua voz. Na maneira como suspira. Você está tensa.

Quando os olhos dourados dele se abriram, ela se sentiu relaxar.

– Meu pai não está bem. Ele anda se sentindo mais cansado do que o habitual e tem terríveis

PERIGOSAS NACIONAIS

acessos de tosse. Não consigo convencê-lo a parar e deixar o jardim por alguns dias. Ele é teimoso demais e isso está acabando com o pouco de saúde que ainda tem.

– Você quer levá-lo ao médico? – Ele perguntou, preocupado pela preocupação que via no rosto dela. – Bela, você sabe que nenhum de vocês é prisioneiro desta casa...

– Eu sei, não é a isso que estou me referindo. Ele é realmente teimoso e se recusa a descansar.

Ele não pôde evitar um sorriso.

– Parece alguém que conheço.

– Eu não sou teimosa.

– Não.

– Eu não sou.

– Minha querida Bela, você pode mover montanhas quando se dispõe a isso e nada pode fazer com que mude de ideia.

Ela torceu o nariz ante a comparação, mas sabia que era verdade.

PERIGOSAS ACHERON

– Eu prefiro ser definida como obstinada. De qualquer forma, estamos falando do meu pai. Eu gostaria de saber se você se importaria se eu passasse as noites na cabana a partir de amanhã e não mais aqui na casa. Assim consigo ficar mais tempo com ele e cuidar dele mais um pouco.

– Você não precisa da minha autorização para isso, Bela. Vá e fique o tempo que precisar.

– Mas você...

– Não se preocupe. Não vou voltar a me refugiar no quarto e desistir da luz enquanto você está fora – Brincou, pressionando levemente os dedos dela.

– Ele ainda se sente culpado... – As palavras escaparam antes que ela pudesse medir suas consequências.

– Culpado? – Os olhos brilhantes dele a analisaram, curiosos.

– Esqueça, não importa. Quero terminar este capítulo antes da meia-noite. O que acha?

Ele a impediu de ler, tirando o livro das mãos

dela e se inclinando perto o suficiente para que Bela pudesse ver o dourado intrincado na íris dele.

– Culpado por quê, Bela?

Ela engoliu em seco, analisando as mãos cruzadas sobre o colo.

– Pela minha situação. Pelo fato de eu estar aqui pagando por algo que ele fez.

O ar pareceu gelar ao redor deles enquanto as palavras penetravam no cérebro de Phillip e o significado delas se tornava claro.

Ela era magnífica. Ela era a esperança que o tirara das sombras e o levara para a luz. Ela era alegre e espirituosa, sempre pronta para ajudar e compartilhar afeição.

Porém, apesar do que ele dissera, a verdade é que ela era sim uma prisioneira. Ela estava presa por uma dívida que Phillip resolvera cobrar de um homem inválido e que caíra sobre os ombros de uma jovem que poderia estar fazendo algo muito melhor com sua própria vida do que limpando e cozinhando naquela casa.

O remorso quase o sufocou.

Ela lhe doava tudo o que tinha. Ela dissera que não iria embora mesmo que ele pedisse. Mas o fato é que Bela não iria embora de qualquer forma, pois tinha uma dívida em dinheiro com ele. E Phillip a conhecia muito bem. Ela fazia as coisas até o final. Quanto tempo mais ela ficaria ali amarrada a ele por obrigação?

– Não faça isso – Ela ordenou, o dedo indo até a testa de Phillip e massageando o ponto de tensão que surgiu entre os olhos dele. – Não entenda de forma errada. Meu pai pensar que estou presa aqui não significa que eu pense a mesma coisa.

– Mas você está.

Havia uma frieza na voz dele que arrepiou Bela da cabeça aos pés.

– Não, não estou. Estou trabalhando.

– Você nem recebe um salário, Bela.

– Porque devo a você. Meu pai deve a você. E isso não tem nada a ver com o nosso...Com nosso

relacionamento. – Ela engoliu em seco ao saborear o peso da expressão e agarrou os braços de Phillip para que ele prestasse total atenção às palavras dela. – Eu gosto de você. Mas isso não quer dizer que eu não deva pagar pelo que meu pai fez. Ele roubou algo da sua casa. Ele cometeu um crime. E sou eternamente grata a você por ter nos dado a oportunidade de pagar dessa maneira. Nosso relacionamento é uma coisa. A dívida que estou pagando é outra.

Ele se sentiu desprezível e vil. Ela lhe dizia que ele não era um monstro, mas ele era. Um monstro que a cercava e a obrigava a trabalhar por uma joia que ele mal lembrava existir. Ele a mantinha presa naquela casa por causa de um momento de raiva quando um pobre infeliz levava algo que pertencia a ele. Porque era egoísta. Porque queria Bela para ele todos os dias e noites como se ela fosse o combustível de sua nova condição. Ele se tornara tão dependente dela que nunca levava em consideração perdoar a dívida que ela tinha com ele e libertá-la.

– Phillip. Phillip, olhe para mim. – Ela moveu o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queixo dele até que os olhos dos dois se encontrassem. Os dela, preocupados. Os dele, gelados e distantes. – Não faça isso. Eu não culpo você. Não estou brava. Não me sinto mal por estar aqui. Gosto de estar aqui.

– Vou deixar que descanse – Ele se desvencilhou do toque dela, erguendo-se com dificuldade da poltrona. – Vá ver seu pai. Amanhã darei ordens a Eugène para que a libere de todas as tarefas sob sua responsabilidade. Fique com ele o tempo que precisar.

– Phillip... – Ela protestou.

– Boa noite, Bela.

Ele mancou até o elevador, as costas rígidas, sem olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Ela não viu Phillip durante a semana seguinte.

Ele não desceu mais para vê-la e também não apareceu na biblioteca à noite, quando ela corria para lá na esperança de trocar algumas palavras com ele. E, na única vez que Bela batera na porta do quarto dele, Phillip não atendera.

Resignando-se e sabendo que precisava dar a Phillip espaço para pensar, Bela passou a dormir no chalé com o pai, apesar dos protestos dele, voltando à mansão pela manhã, pronta para as atividades do dia.

Que não existiam.

Ela descobriu que Phillip era tão obstinado quanto ela. Oliver a proibiu de fazer qualquer coisa

PERIGOSAS ACHERON

enquanto o pai dela estivesse convalescendo.

Para sua surpresa, ela viu duas mulheres desconhecidas espanando o pó e abrindo as janelas durante o dia, sob o olhar atento de Eugène. Quando o questionou sobre o assunto, ele disse que havia recebido ordens para deixá-la livre de todas as tarefas para que pudesse cuidar do pai.

Apesar de se sentir tocada pela decisão dele, Bela não podia deixar de se preocupar ao lembrar do olhar distante dele na última vez em que se viram. Bela sabia que as coisas nem sempre eram simples com Phillip. Apesar de ele ter dito que não voltaria a se esconder nas sombras, era isso que estava fazendo dia e noite. O coração dela se condoía ao imaginá-lo novamente encoberto pela escuridão.

O pai dela não estava bem. Apesar dos protestos irritados dele de que podia muito bem se virar sozinho, ela precisou ajudá-lo várias vezes a se levantar da cama e ir até a cozinha. Seus ossos doíam, ele dizia. Mas ele podia lidar com ossos doloridos. O que não podia lidar era com não ter

nada para fazer e incomodá-la como um velho.

Bela o ignorava e o mimava o máximo que podia.

O pai era tudo o que tinha, tudo o que era verdadeiramente dela.

E o broche, ela se lembrou, sentindo um peso estranho no estômago. Que fora da mãe de Phillip e agora era dela. Que ela guardava junto ao exemplar de Jane Eyre que ele lhe dera meses atrás. Aquele broche valia mais do que a dívida que ela tinha, e Bela ainda não decidira o que sentia por aquela joia.

No sábado, Oliver bateu na porta do chalé e informou que Phillip queria conversar com ela na biblioteca. Bela sentiu o alívio percorrer suas veias ante a promessa de vê-lo.

– Estarei lá em alguns minutos. Obrigada. Vou só colocar meu pai na cama.

– Se não se importar, senhorita, posso ficar com ele até o seu retorno. Assim não ficará preocupada.

PERIGOSAS NACIONAIS

– O senhor pode mesmo fazer isso? – Ela perguntou, sentindo um misto de preocupação e gratidão.

– Não será incômodo algum, criança.

- Bem, não o deixe ir deitar sem dois travesseiros, faz bem para o peito dele se...

- Vá, vá. – Ele a descartou com um gesto de mãos – Eu sei tudo o que velhos precisam, minha querida, eu sou um deles. Eu e seu pai vamos tomar uma xícara de chá antes de ele ir para a cama, não se preocupe.

Ela agradeceu e correu para a biblioteca, a ansiedade de rever Phillip corroendo-a por dentro.

Ele estava de pé em frente à lareira, olhando para um papel que segurava na mão livre. O semblante dele parecia tranquilo. O corpo estava relaxado dentro de um terno que ela nunca vira antes, mas que lhe caía muito bem, acentuando a figura esguia.

PERIGOSAS ACHERON

Ela queria tanto que Phillip se visse como ela o via. Todo ângulos e cheiros e olhos da cor do sol. O cabelo entremeado de fios grisalhos que lhe desciam pelo colarinho, a boca com linhas que a repuxavam levemente. Ele era lindo de um jeito que ela nunca conseguiria descrever e que ele nunca conseguiria perceber.

Ela estava apaixonada.

Ela estava tão apaixonada por ele.

E eles teriam que lidar com aquilo, mais cedo ou mais tarde.

– Phillip? – Ela chamou suavemente, as costas dele ficarem rígidas de repente. Ela sabia que a tensão entre eles ainda não se dissipara. Mas não se importou. Agora ciente do que sentia, Bela estava confiante o suficiente de que eles poderiam criar alguma coisa. De que eles poderiam construir algo. Juntos.

– Bela – ele se virou e sorriu para ela. – Venha aqui.

Ela se aproximou e se derreteu quando ele

PERIGOSAS ACHERON

tomou o rosto dela entre as mãos e acariciou suas bochechas.

– Desculpe pelo lapso. Eu quis dar um tempo para que você ficasse junto do seu pai. Mas ainda não sei lidar muito bem com sentimentos alheios. Espero que não tenha magoado você.

Ele tinha. Mas ela não iria se prender àquilo naquele momento.

Bela passou os braços ao redor do tronco dele, aspirando o perfume e apoiando a cabeça no peito de Phillip, escutando os batimentos suaves e rítmicos do coração que vivia ali dentro.

– Esqueça. Obrigada pelo tempo, foi muito útil. Consegui deixá-lo muito mais confortável esta semana e o obriguei a deixar o jardim de lado por alguns dias. Ele não ficou feliz comigo, mas cooperou. – Ele soltou um riso leve que ela sentiu reverberar no peito em que ela estava apoiada.

Bela se afastou, encontrando os olhos dele.

– Você precisava falar comigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, estive pensando no que você me disse e cheguei a uma decisão que acredito ser boa para você e para o seu pai.

– Uma decisão? – Ela de um passo para trás, curiosa.

– Quando cobre o seu pai o valor da joia que ele roubou, eu era outra pessoa, Bela. Eu era solitário e mesquinho e não me importava o suficiente com ninguém para perdoar algo desse tipo. E, por causa disso, acabei prendendo vocês dois a essa casa e a mim. Era algo que eu mal me lembro como era e não me faz falta. Por isso, peço desculpas.

Bela engoliu a ansiedade que crescia em seu peito e assentiu. Ela e o pai tinham passado maus bocados por causa daquela joia, mas ela não ia se ater a isso. Bela tinha consciência de que o que ele dizia fazia sentido. Ele era outra pessoa agora e isso se devia principalmente a presença dela em Rose Hill.

– Entendo. E o que fará agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Estou libertando seu pai de toda e qualquer dívida que tenha comigo. Por consequência, você também não possui débitos comigo, Bela. Não quero mais nada em troca – ele respondeu de forma firme e decidida.

Se ele estava perdendo a dívida, isso queria dizer que...

Uma dor leve como uma brisa tomou conta dela, onde antes havia o consolo de descobrir que estava apaixonada por ele.

– Tudo bem. – Ela parou por um momento, atordoada, a revelação dele a pegando desprevenida. – Vou falar com papai. Se você nos permitir ficar até o fim de semana, na segunda-feira vamos embora.

Ela se afastou ainda mais dele, os pensamentos confusos, a sensação de perda cada vez mais crescente. Ela deu meia volta e foi em direção à porta, lembrando-se repentinamente que era para o outro lado.

– Bela!

PERIGOSAS ACHERON

– Desculpe, preciso ir. Arrumar as coisas para partir. E obrigada. Obrigada pela consideração. Papai vai ficar feliz em saber que não deve mais nada. – Ela forçou um sorriso ao se virar para ele.

– Bela, não. – Ele foi até ela, a expressão intrigada. – Você não entendeu. Não estou mandando vocês embora.

Ela deu um passo para trás, afastando-se dele e o encarando sem entender.

– Não entendi.

– Quero que você fique. Quero que vocês fiquem.

– Ficar?

– Sim. Quero que você fique. Quero que more comigo.

– Você quer que eu fique.

– Sim – O sorriso dele foi caloroso, mas ela não conseguiu retribuir.

– Por que você quer que eu more com você, Phillip? – Ela perguntou, o coração martelando no
PERIGOSAS ACHERON

peito.

Ele pareceu considerar a questão por alguns segundos, então respondeu.

– Porque me parece a atitude mais simples e correta para nós dois. Ambos aproveitamos e gostamos da companhia um do outro, e vocês precisam de um lugar para ficar. Você e seu pai já estão inseridos na rotina e fizeram de Rose Hill sua própria casa. Não acredito que você queira se mudar de volta para o apartamento em más condições em que viviam antes. A casa é enorme, vocês podem se instalar confortavelmente. É um arranjo favorável para todos. O que me diz?

Ela estava apaixonada.

Phillip achava que os dois eram um arranjo favorável. Ela respirou fundo e perguntou devagar.

– Você quer que eu fique porque é conveniente?

– Sim, para nós dois.

A mágoa crescia dentro dela. Nascia em seu estômago e crescia, tomando os pulmões, o

coração, a garganta, explodindo atrás de seus olhos. Era uma mágoa nascida das palavras e das intenções dele. Ela tentou compreender e se sentir agradecida pela oferta generosa de viver naquela casa enorme, com todos os recursos, onde o pai dela ficaria confortável e teria acesso ao que mais gostava de fazer na vida.

Ela devia estar grata.

Mas estava magoada.

Porque ele não estava pedindo para ela ficar porque eles eram algo juntos. Ou porque ele queria que fossem algo juntos. Ele estava pedindo para que Bela ficasse porque os dois se entendiam e ela o deixava confortável. Conveniente. Eles se sentariam todas as noites nas mesmas poltronas e leriam livros e andariam pelo jardim. E aquilo se repetiria no dia seguinte e no outro e no outro. Como tinha sido desde o início. Para ele.

– Como uma amiga. – Ela sussurrou e Phillip franziu o cenho. A expressão esperançosa dele esmoreceu e ele pareceu não entender aonde ela queria chegar.

– Suponho que sim.

Supõe.

Ela se afastou, os braços cruzados sobre o peito, pronta para negar, quando Phillip voltou a atenção para o papel já meio amassado que trazia na mão.

– Também pensei em você e nas coisas que não pôde fazer e acho que posso ajudar com isso também. – Ele estendeu o papel que ela pegou com dedos trêmulos.

Era um cheque.

Um cheque com uma quantia que ela precisaria trabalhar por três vidas para conseguir juntar.

– O que é isso?

– É um pagamento pelos meses que você trabalhou aqui. Mais uma quantia que achei que seria suficiente para você pagar a faculdade que sonha fazer.

Bela engoliu em seco, os olhos fixos no número de cinco dígitos. Ele estava lhe oferecendo uma casa para morar e um cheque para pagar seus

estudos. O dinheiro era uma coisa tão simples para Phillip, ela percebeu, que ele podia perdoar a dívida e ainda pagar os estudos de uma vida inteira da noite para o dia. Com uma quantia, ele comprava a companhia dela pelo resto da vida e dava a ela os confortos que achava que Bela queria e necessitava.

A respiração dela estava presa e o peito doía.

Ela não queria dinheiro.

Ela não queria compensação pelo tempo perdido.

Ela não queria um gesto de caridade que a ligaria pelo resto da vida a ele, apenas como uma obrigação.

Ela não queria ficar porque seria conveniente, ou porque haveria leituras tarde da noite, alguns beijos trocados e talvez uma vida de amante coberta de presentes.

– Phillip...

– Você não precisa me responder agora, é claro. Sei que vai querer discutir isso com seu pai. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

diga a ele que a dívida em relação à joia não existe mais.

– Não posso aceitar – ela estendeu o cheque de volta.

Ele não o pegou.

– Por que não?

– Não quero o seu dinheiro, Phillip. Não estou aqui para que você pague a minha faculdade ou me dê uma casa ou me sustente pelo resto da vida. – Ela segurava o papel longe de si, como se ele pudesse mordê-la. Mas os olhos não conseguiam encontrar os dele. Não queriam. Ela tinha medo de chorar e perder toda a compostura que estava lutando tanto para manter.

– Bela, você fala como se eu estivesse fazendo caridade.

– E o que é isso? – Ela elevou a voz, deixando transparecer a mágoa que borbulhava dentro dela. – Você está me oferecendo casa, comida e dinheiro para que eu faça companhia para você para sempre. Porque é conveniente para ambos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele franziu o cenho e ela percebeu que Phillip não estava entendendo aonde ela queria chegar. Ele não fazia ideia de como ela se sentia ou do que ele significava para ela.

– O que mais você quer? – A voz dele veio em um sussurro.

Então ela riu. Ela riu e as lágrimas trilharam caminhos pelo rosto e pelo pescoço dela.

– Pelos céus, Phillip! – Ela cobriu o rosto com as mãos, ainda em um misto histérico de riso e lágrimas que a sufocavam. – O que eu quero?

Ela deu as costas para ele, afastando-se ainda mais. O riso rouco misturado às lágrimas salgadas, o soluço preso na garganta.

Ela respirou fundo, passando as mãos pelo rosto. Virou-se para ele, tomando fôlego. Phillip continuava no mesmo lugar, a expressão perdida e interrogativa.

– O que você acha que nós temos? Eu e você? Isso que está acontecendo entre nós. O que você acha que é?

Ele pareceu confuso e deu um passo na direção dela, a bengala pesada batendo contra o chão.

- Eu amo você. – Ela disse em um fôlego só e engoliu em seco.

- Bela...

- Eu amo você. – Repetiu – E eu sei que você sente o mesmo. Phillip, me peça para ficar, mas porque você retribuiu o sentimento e não porque nós sejamos convenientes. – Ela fechou os olhos, porque estava a ponto de implorar e ela não imploraria. Não imploraria pelo amor dele.

– Não posso oferecer isso a você, Bela. – A expressão dele se endureceu e ela mordeu os lábios, o coração afundando no peito. – Não posso prometer um relacionamento normal como outro homem proporcionaria a você. Não sou um homem normal e você sabe disso. Não posso dar um romance...

– Não pode ou não quer?

– Eu não posso. E não quero. Só complicaria a sua vida, Bela. Você é bonita e jovem e pode achar

PERIGOSAS NACIONAIS

um homem melhor e que viverá um relacionamento normal ao seu lado. Enquanto isso não acontecer, gostaria de proporcionar a você o conforto e segurança necessários. Como eu disse, conveniente para todos.

Ela levou uma mão aos lábios e sentiu a textura rachada sob os dedos, a pele úmida por baixo deles, o sangue quente rugindo pelas veias.

– Então o tempo que passamos juntos não vai mais se repetir se eu ficar e aceitar essas conveniências?

Ele respirou fundo, apertando com força a bengala.

– Não seria bom para nenhum de nós dois se continuasse, Bela.

– Você é um idiota.

Ela se empertigou e se desviou dele, encaminhando-se para a porta tão rapidamente que Phillip não conseguiu segurar o braço dela quando Bela passou por ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Bela!

– Não!

Ela parou na soleira da porta, os punhos fechados, o rosto corado de raiva, uma raiva que ela nunca antes sentira. As bochechas estavam vermelhas e os olhos faiscavam.

– Não quero o seu dinheiro, nem a sua casa. Não quero sua caridade pelo tempo que achar conveniente, Phillip.

Ela agradeceu pela raiva que fervilhava dentro dela, quente como lava, pois, se não fosse por isso, ela se desmancharia, espalhando-se como lama na chuva.

– Você é estúpido e covarde! Você se esconde atrás destas paredes e nas sombras, chorando por um passado que não pode ser mudado e se martirizando por algo que não foi culpa sua! Você desperdiçou a sua vida se lamentando por mortos que não querem ser lamentados e, quando teve a chance de viver e amar e ser novamente você, foge disso como se amar fosse errado! Para alguém que

PERIGOSAS ACHERON

sofre por amor, você não consegue enxergá-lo quando está flutuando na frente do seu rosto!

Ela não percebeu que estava gritando até que as palavras morreram em sua garganta e o silêncio do aposento recaiu sobre ela como uma manta.

Bela respirou fundo.

– Eu e meu pai vamos embora. Vou arranjar outra forma de pagar a dívida dele, não se preocupe. Não quero mais nada seu.

Um lampejo de compreensão iluminou os olhos dele, e Bela percebeu que as coisas finalmente se encaixavam na mente de Phillip. Tarde demais. O maxilar dele estava rígido, a mão que segurava a bengala estava com os nós dos dedos brancos. Ele ergueu o rosto para Bela, uma expressão pesarosa refletindo a dela.

– Bela, não posso oferecer o amor que você merece.

Um riso triste e rouco arranhou a garganta dela e borbulhou para fora.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ah, Phillip. E eu não posso aceitar outra coisa.
Então ela se foi.

PERIGOSAS ACHERON

Bela já lera muito sobre o amor.

Ela perdera a conta de quantos livros tinha lido na vida que exaltavam esse sentimento e que choravam as lamúrias e as dores quando não era correspondido. Mas a verdade, agora ela sabia, era que a dor podia se manifestar de formas muito diferentes. Ela não chorou como as personagens de suas páginas favoritas. Ela não se perdeu em comiseração e abandono, pensando em poemas sofridos que vertiam sangue pelas páginas.

Bela se sentiu entorpecida. Era uma dor diferente. Era uma dor que estava lá, mas se escondia sob camadas e camadas de urgências mais imediatas. Era uma dor que não era dor, era perda. Era a perda de algo que nem chegara a existir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Qualquer que fosse a extensão do que sentia, nada era mais importante do que o bem-estar do pai, disso ela tinha certeza. Então, por mais que o coração pesasse e ela sentisse vontade de se sentar e olhar para o nada por horas, Bela juntou toda a dignidade que tinha e tratou de consertar a vida dos dois nos dias que se seguiram.

Na manhã seguinte à discussão com Phillip, ela e o pai foram embora da mansão com os poucos pertences que possuíam. Ela solicitou um carro e, antes do meio-dia, os dois estavam de volta ao centro da cidade, com seus prédios pequenos e atulhados, com cheiros de comida e flores secas.

Por algum tipo de piada do destino, o apartamento que eles haviam deixado para trás meses antes ainda estava desocupado e o dono ficou feliz em tê-los de volta, tanto pelo aluguel quanto pela limpeza que ele sabia que Bela faria no imóvel.

Quando entraram novamente pela porta pequena e Bela se deparou com os grãos de poeira que dançavam na luz que entrava pela janela, seu

PERIGOSAS ACHERON

coração afundou com uma agonia que ela não soube nomear. A vida era feita de ciclos e mais ciclos e batalhas e mais batalhas. E eles se acomodaram da melhor forma possível. Bela limpou, esfregou e abriu as janelas para que o ar circulasse entre as paredes. Eles já tinham sobrevivido a coisas e momentos piores, e ela não era de se abater por causa das dificuldades.

O pai pouco falou desde que ela comunicara a decisão de se mudar de Rose Hill. Ele conhecia a filha bem o bastante para reconhecer, no rosto lívido e nos olhos inchados, uma decepção grande o suficiente para que não precisasse ser explicada. Ele assentiu, reuniu suas coisas e a abraçou com carinho, ninando-a como fazia quando ela não passava de uma menina com pernas ligeiras e um sorriso afável. Ele guardara algumas economias antes que fossem morar na mansão e entregou a ela o dinheiro para que o administrasse para as primeiras despesas.

No dia seguinte, com o jornal aberto no colo e uma xícara de chá quente entre as mãos, Bela se sentou perto da janela enquanto circulava as opções

PERIGOSAS ACHERON

de emprego possíveis. Ela sentiu uma sensação de déjà-vu quando a similaridade da cena a transportou para tempos anteriores à visita do sr. Oliver e de todas as mudanças que se seguiram. Eram novamente ela e pai, como sempre havia sido, como sempre deveria ter sido.

Ignorando a mágoa, Bela avaliou as opções de trabalho que buscaria naquele dia. Nada muito promissor, mas algum deles teria que servir. Não havia nada que ela não fizesse pelo pai.

Claro que ficar com Phillip teria sido um sacrifício que ela poderia ter feito pelo bem dele...

O desgosto voltou e a inundou.

Não.

Não.

Bela descobriu que sua entrega tinha um limite. Ela faria qualquer coisa pelo pai. Trabalharia vinte e quatro horas e se submeteria a qualquer emprego que pudesse dar uma vida confortável a ele. Mas ela não viveria sob o mesmo teto que o homem que amava, sendo nada mais do que uma companhia

agradável e uma distração para ele. Ela entregaria seu tempo e seu esforço, mas não seu coração. Se entregasse o que sentia, o que sobraria?

Longe dali, no alto de uma colina, Rose Hill estava silenciosa novamente.

Phillip estava sentado em frente à lareira, um livro pendendo como um peso morto em sua mão. Os olhos encaravam as chamas sem vê-las e, se não fosse pelo peito que subia e descia, ele seria a imagem de uma estátua esculpida em mármore e sem retoques.

Ele se sentia frio.

Ele se sentia sozinho e preso.

E ele mesmo havia causado tal situação.

Uma batida leve na porta o tirou do estado de torpor e fez com que ele elevasse os olhos para Eugène, que estava parado serenamente na soleira.

– Sua medicação, senhor.

Ele assentiu e esperou que Eugène atravessasse
PERIGOSAS ACHERON

o espaço com passadas largas e depositasse a bandeja com água e comprimidos ao seu lado. Phillip jogou todos na boca com um gesto rápido. O amargor das pílulas era compatível com o amargor que existia dentro dele. E era bem-vindo.

– Precisa de mais alguma coisa, senhor?

Phillip grunhiu uma negativa e Eugène assentiu em uma medida, virando-se para sair. Em um último instante, no entanto, parou e voltou a encarar o chefe, amigo e quase filho.

– Fiquei sabendo, senhor, que a senhorita Bela e o pai se mudaram de volta para o centro da cidade. Estão acomodados no mesmo prédio em que moravam antes.

O coração de Phillip deu um salto, mas o olhar ficou preso às chamas da lareira como se fossem a coisa mais intrigante que vira na vida. Mas a voz o traiu antes que se desse conta.

– Eles estão bem?

– Difícil dizer, senhor. O apartamento, se estiver igual à última vez que o vi, não é muito adequado

PERIGOSAS NACIONAIS

para duas pessoas com as necessidades da senhorita e do pai dela.

Depois de um longo silêncio e percebendo que Eugène esperava algo dele, Phillip respondeu.

– Foi uma escolha dela.

– Sim, senhor. Uma escolha sensata, devo dizer.

Phillip desviou o rosto para Eugène tão rapidamente que o pescoço reclamou do movimento abrupto. Eugène estava parado, as mãos cruzadas em frente ao corpo, um sorriso sábio e presunçoso no rosto enrugado.

– Escolher se sacrificar em vez de ter uma vida confortável aqui, sem nenhuma preocupação financeira, parece sensato para você?

– Bem, senhor, não posso dizer que segurança financeira não seja um conforto. Mas isso é algo que, com trabalho e dedicação, qualquer um pode conseguir. Nós dois sabemos que não era isso que a senhorita Bela precisava. Ou queria.

– Você fala como se soubesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Era impossível não notar o que ela desejava, senhor. E devo dizer que é um espelho do que você também deseja.

– E o que eu desejo, Eugène?

– O que todo ser humano deseja, senhor. Amar e ser amado de volta.

Ele soltou um ruído de desagrado e voltou a encarar a lareira.

Eugène não se deixou abalar pelo mau humor de Phillip.

– Conheço você desde o dia que nasceu. Sei identificar todos os seus desejos e vontades. Sei reconhecer suas expressões e humores. Tenho acompanhado você nos momentos de angústia, miséria e dor. Mas também estive ao seu lado nos bons momentos. E o período em que a senhorita Bela esteve nesta casa foi o mais brilhante e bonito que presenciei. Ela transformou você. Ela retirou você do seu torpor e trouxe mais luz, mudando seus hábitos e fazendo com que encarasse o mundo outra vez. E você, com algumas reservas, retribuiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo o que ela ofereceu. Sou velho o bastante para ter esquecido algumas coisas, mas também sou velho o bastante para reconhecer o amor quando o vejo, meu querido Phillip. Não acho que você a ame. Eu tenho certeza. E ela ama você. O reconhecimento desse amor era tudo o que ela precisava para ficar. Não um teto sobre a própria cabeça e nem o seu dinheiro.

Phillip contorceu as mãos uma na outra, os olhos analisando as juntas esbranquiçadas.

Ele a amava? Sim. Ele sabia que ela o amava? Sim. Ele tinha consciência da dor que causara a ela com sua oferta? Sim. E ele sabia de todas essas coisas naquele dia? Sim.

Mas ele as ignorou, pensando que ela também pudesse ignorá-las e os dois pudessem viver de forma platônica naquela casa por muitos anos, um ao lado do outro.

Ele a desejava com todo o seu coração, mas a ideia de que era um monstro que fazia mais mal do que bem ainda o assombrava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Esse amor não faria bem a nenhum de nós dois. Ela só ficaria presa a um homem inválido e ranzinza.

– Mas, meu caro, ela ficaria presa a um homem inválido e ranzinza também se tivesse aceitado a sua oferta. A questão é que ela não se importaria com nenhuma dessas coisas se viessem acompanhadas do que sentimento que ela devota a você.

Phillip pensou no quanto era óbvio o que Eugène dissera, sentindo o estômago afundar. Ele não quisera prendê-la com amor, mas oferecera algemas de dinheiro. A situação era a mesma, mas os grilhões eram diferentes.

– Você acha justo para ela, Eugène, conviver com um homem sem atrativos e que prefere se refugiar na escuridão do que andar com ela no mundo lá fora?

– Eu acho, senhor, que cabe a Bela decidir o que é ou não justo. E nós dois sabemos qual havia sido a decisão dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Phillip suspirou, o peso no peito tornando a respiração mais difícil. Era um peso feito de medo e arrependimento.

– Tenho medo, Eugène. Tenho medo de estragar a vida de Bela.

– Eu diria que você já fez isso quando negou o amor dela.

PERIGOSAS ACHERON

Bela encontrou trabalho em um café a poucos quarteirões de casa.

O salário não era muito, mas se fizesse turnos dobrados seria o suficiente para que ela pagasse tudo o que ela e o pai precisavam. Ela começava pela manhã, atendia até depois do almoço, e retornava ao final do dia para fazer o turno da noite até o momento que ainda houvesse clientes. Os pés doíam, as costas reclamavam, mas ela, aos poucos, encontrou contentamento na rotina de trabalho, casa e cuidados com o pai.

Às vezes, no meio do dia, alguma coisa a fazia se lembrar de Rose Hill e do homem que vivia lá, e Bela sentia a melancolia característica voltar e tentar puxá-la para a escuridão, mas ela resistia. Phillip fora um trabalho. Ou melhor, uma dívida. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela pagava todas as suas dívidas, não importava quanto tempo passasse ou quantos turnos duplos ela precisasse fazer.

Quando voltava para casa tarde da noite, Bela se jogava no sofá com uma xícara enorme de chá e depois ia conferir o sono do pai. Ele andava mais inquieto do que o normal, as dores no corpo aumentando e a teimosia em procurar ajuda médica também. Ela insistia com ele todos os dias, mas ele apenas acenava com a mão, dispensando o assunto e voltando a tentar consertar coisas pela casa.

Naquela noite, jogada no sofá, com os pés dobrados sob o corpo e os olhos fechados, Bela acolheu a exaustão a ponto de quase cochilar. Sacudiu a cabeça para espantar o sono e pegou um livro que estava sobre a mesa de centro. Leu dez palavras antes que os olhos ameaçassem se fechar novamente e ela desistisse com um suspiro de derrota.

A sala estava fria e uma janela no outro quarto rangia com o vento. Por mais que ela insistisse que o apartamento precisava de manutenção, o

PERIGOSAS ACHERON

proprietário resmungava que o lugar estava ótimo e que demais solicitações poderiam ser incluídas no preço da locação. E, como Bela não podia arcar com mais nada no momento, aguentaria o rangido por muito tempo ainda. Ela aguentaria a dor nas costas, o sono e os turnos puxados.

Ainda assim, naqueles últimos dias cansativos, ela se pegou várias vezes com vontade de chorar e desistir de tudo. Eram momentos em que ela queria apenas se sentar e ficar olhando para o nada por horas a fio sem pensar em dívidas, em apartamentos ruins, na saúde precária do pai ou na falta que sentia de Phillip. Volta e meia aquele sentimento de impotência vinha com força tentando sugá-la para baixo, e Bela precisava respirar fundo e pensar no pai para não se deixar levar. Se ela desistisse, ele não teria mais ninguém.

Terminou o chá e seguiu para o quarto dele para verificar como ele estava. A porta estava entreaberta e a luz da rua inundava o cômodo através do vidro. Ele dormia virado para a parede, e Bela moveu uma pilha de livros que estavam no chão para que pudesse chegar até ele e ajeitar as

PERIGOSAS ACHERON

cobertas. Ela sentiu, antes de ver que havia algo errado. A pele dele estava fria ao toque e o peito jazia imóvel.

Ela não dormiu naquela noite.

Horas depois, o sol iluminou as janelas opacas do hospital.

Bela ainda estava em pé, andando de um lado para o outro, o corpo rígido e os olhos pesados com as lágrimas derramadas durante a madrugada.

O pai havia sofrido uma parada cardíaca. De acordo com o médico que o atendeu, se Bela o houvesse encontrado cinco minutos depois, nada poderia ser feito. Ela se remoeu em culpa pelo tempo que ficara sentada no sofá, bebendo chá, enquanto o pai sofria no quarto ao lado, até que seus pensamentos não fizessem mais sentido e ela só quisesse vê-lo. Ela precisava vê-lo e saber que estava bem e que respirava.

Quando o médico voltou para a sala de espera,

Bela achou que desabaria ali mesmo. Ele a levou para uma poltrona em um canto mais afastado e, com uma calma surpreendente, explicou o que acontecera.

O coração do pai dela não resistiria por muito tempo.

Ele precisava de tratamento e de uma cirurgia complicada.

A cirurgia era cara e ele precisava saber se Bela tinha como pagar pelo procedimento, ou se o pai dela ficaria internado até que não fosse mais possível evitar que ele partisse. A voz dele era gentil e cálida, acostumada a embalar más notícias e torna-las brandas para os ouvidos dos que estavam sofrendo. Mas, por mais sensível que ele fosse, a verdade era que o pai dela estava morrendo.

O médico a deixou sozinha para que pensasse no assunto enquanto ele ia verificar outros pacientes, mas deixou bem claro que, quanto antes ela se decidisse, mais cedo medidas seriam tomadas e maiores seriam as chances de sobrevivência do pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bela não tinha o que decidir. Não tinha dinheiro. Não tinha como consegui-lo tão rápido. Eles não tinham nenhum parente para quem pudessem pedir auxílio. Eram apenas os dois. Ela ofegou e levou a mão à boca, abafando o grito que explodia em seu coração.

Talvez se...

Ah, o destino era tão caprichoso. Tão dolorosamente caprichoso e mesquinho.

Não, ela não poderia.

Mas ela faria.

Uma hora depois, Bela passou os dedos sobre o objeto que tinha no bolso, sentindo a textura e o peso. Não era pesado, mas a culpa fazia com que ele parecesse pesar toneladas.

O sino da porta anunciou para o homem atrás do balcão que ela havia entrado na loja. Ele se parecia com um ator em um filme de época, vestindo um terno grosso e usando óculos pincenê, que lhe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

davam um ar antigo de sabedoria e dignidade. Por trás dos óculos, os olhos eram luminosos e interessados. Olhos que tinham experiência de anos com o desespero de outras pessoas.

Ela se aproximou do balcão e pousou o objeto na frente do homem.

– Bom dia. Gostaria de vender isto.

Nenhuma justificativa, nenhuma explicação. Ela não sabia se aguentaria caso ele quisesse saber mais.

– Bom dia, senhorita. Deixe-me ver o que temos aqui.

Ele pegou a joia com dedos magros e ágeis, e a expressão neutra se transformou em interesse. O olhar por cima dos óculos foi direto e Bela quase recuou.

– É uma peça muito particular, senhorita. Realmente bela. Relíquia de família?

Ela assentiu, cruzando as mãos. Uma guerra de emoções contraditórias acontecia dentro dela. De

PERIGOSAS ACHERON

um lado, a necessidade de conseguir dinheiro para pagar a cirurgia do pai. Do outro, a culpa e a tristeza de estar vendendo algo tão significativo para ela. E para Phillip.

O broche que ele lhe dera brilhava intensamente nas mãos do vendedor, as pedras preciosas demonstrando seu valor e sua origem.

– Magnífico, magnífico. Bom, vamos dar uma olhada. – Ele aproximou o broche do rosto e, depois do que pareceu uma eternidade, desapareceu nos fundos da loja e voltou com um papel nas mãos, que deslizou para ela pelo balcão.

Bela se inclinou para olhar.

Era um valor. Um valor que provavelmente era menor do que a joia realmente valia, mas alto o suficiente para cobrir as despesas da cirurgia. Ela sentiu vontade de chorar, mas se conteve e acenou afirmativamente.

– Perfeito. Vamos preencher a papelada, então.

Meia hora depois, Bela estava com o dinheiro na bolsa, sentindo-se ao mesmo tempo aliviada e

PERIGOSAS NACIONAIS

infeliz. A culpa se misturava à chance de salvar o pai, formando um bolo de desespero em sua garganta.

Ela se perguntou por quanto tempo ainda aguentaria aquela mescla de sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

O dinheiro do broche foi suficiente para que, naquela mesma noite, o pai dela fizesse a cirurgia.

Apesar da delicadeza da operação e da fragilidade do paciente, ela se sentiu flutuar entre a realidade e o sonho quando tudo correu bem e enquanto tentava aguardar acordada por mais notícias dele.

Quando o médico ameaçou medicá-la caso ela não descansasse, Bela deixou a cabeça pender e pegou no sono no sofá da sala de espera, entre enfermeiras que passavam apressadas e o cheiro de café que vinha das máquinas do corredor.

No dia seguinte, Bela segurou a mão do pai como se nunca mais fosse soltá-la e a encheu de

beijos.

Ele demorara quase uma semana para se sentir bem o bastante para se sentar e conversar com ela. Quando o fez, demonstrou mais preocupação por ela do que por si mesmo.

Dias e noites se passaram.

Eles conversaram por horas intermináveis no hospital, e Bela acabou contando de onde tirara o dinheiro para a operação. Ela ainda não havia contado o motivo que os fizera abandonar Rose Hill, mas ele compreendia o suficiente para não insistir que ela contasse a Phillip o destino do broche, apesar de sugerir para que ela o fizesse.

– Uma joia tão valiosa vai terminar nas mãos dele outra vez, minha querida – ele disse enquanto apertava a mão dela sobre o lençol. – Pense nisso. Talvez seja mais sensato que você explique a ele o porquê antes que isso aconteça.

Bela desconsiderou aquela sugestão por dias. No fundo, ela sabia que era o correto a se fazer. A joia era tão bonita e peculiar que, como o pai dissera,

PERIGOSAS NACIONAIS

acabaria voltando para as mãos de Phillip, uma das poucas pessoas naquela cidade que poderiam se dar ao luxo de comprar algo tão belo e caro.

E, quando acontecesse, o que ele pensaria? Que ela vendera a joia por raiva? Que ela se desfizera com facilidade de algo que era tão importante para ele?

Ela tinha vendido o broche da mãe dele. Uma joia de família. Não para satisfazer um capricho ou ego, mas para salvar uma vida. Não, ela não poderia conviver com aquilo, com o fantasma do julgamento de Phillip a assombrando sempre que deitasse a cabeça no travesseiro à noite.

– Um dia, papai. Assim que você ficar bom, faço uma visita a ele e conto.

Ela beijou levemente a face dele e prometeu a si mesma que faria isso.

Ela contaria a Phillip.

Algum dia.

Mas não naquele dia.

PERIGOSAS ACHERON

Ela contaria em um momento futuro, quando reunisse coragem o suficiente para olhar para ele sem sentir o coração se partir em milhões de pedaços.

Bela levou o pai de volta para casa algumas semanas depois. Ele ainda estava enfraquecido, mas ficaria com ela por muitos anos ainda. Ela o ajeitou na cama, preparou a medicação, arejou e limpou a casa, e cozinhou as refeições conforme a orientação médica.

Ele reclamou, claro.

Insistiu para que ela o deixasse sozinho e fosse passear. Para que comprasse flores em vez de novos travesseiros para ele. Que jantasse fora em vez de dividir com ele as refeições sem graça que era obrigado a comer.

E ela fingiu não escutar.

Ela perdera o emprego, mas esse era um problema que ela enfrentaria depois que ele estivesse confortável. Havia dinheiro remanescente

da venda do broche, e eles ficariam bem por mais algumas semanas antes que ela precisasse voltar a procurar trabalho. O importante agora era que ele recebesse a atenção dela até se sentir bem para andar sem ajuda.

Bela lia para o pai todas as noites, conversava com ele sempre que estava acordado, e o enchia de beijos sempre que ele resmungava que ela gastava muito tempo com ele.

– Você devia sair um pouco desta casa, Bela – ele grunhia enquanto ela ajeitava as cobertas.

– Não mesmo. Vou ficar aqui e incomodar você para sempre.

– Menina teimosa, não sei a quem puxou.

– Pois eu sei bem, seu velho ranzinza – ela respondeu com um sorriso.

– Minha querida – ele pegou a mão dela e a apertou. – Viva um pouco. Saia desta casa moribunda por algumas horas e respire ar fresco. Você está pálida de tanto desperdiçar sua energia comigo. Nós dois sabemos que não valho tudo isso,

minha pequena.

Ela suspirou desconsertada.

– Não diga isso. Nenhum tempo gasto com você é em vão. A única coisa com que me importo é com a sua saúde. Você é tudo o que tenho, papai. E vou mimar você até que fique melhor.

– Pelo menos saia para comprar livros novos.

– Tenho livros o suficiente, não se preocupe. – Ela afofou o travesseiro e o recostou neles. – Descanse agora, tudo bem? Vou preparar a sua sopa.

Ela saiu do quarto com um sorriso no rosto que esmoreceu assim que fechou a porta atrás de si.

Ela estava tão cansada.

Assim eram os seus dias. Gastos entre organizar o pequeno apartamento e cuidar do pai. Sempre prestativa, sempre atenta, sempre sorrindo ao lado dele. E assim eram as suas noites, lendo um livro atrás do outro, olhando pela janela da sala a escuridão lá fora, suspirando por coisas que ela não

PERIGOSAS NACIONAIS

fazia ideia do que fossem, e pensando em um homem que deveria esquecer.

E se ela batesse na porta dele, no dia seguinte, pedindo para ficar? Apenas ficar. Sem dinheiro, sem casa, sem ajudas. Apenas passar os dias com ele, dentro da biblioteca, com as mãos nas dele, com a boca a centímetros da dele? Mesmo que ele não a amasse...

E se...

Não.

Se ele não a amava, não havia futuro lá.

Ela adormeceu no sofá naquela noite, com a janela aberta e um livro sobre o peito. E sonhou com uma biblioteca coberta de ouro que cegava seus olhos e livros de prata que não podiam ser lidos.

Em Rose Hill, Phillip fitava a noite do lado de fora da biblioteca e as luzes da cidade ao longe. Em algum lugar, dormia a mulher de sua vida e um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pedaço de seu coração, que ele tão
displicentemente jogara fora.

PERIGOSAS ACHERON

Nas semanas após a partida de Bela, Phillip criara o hábito de encarar o céu todas as noites pela janela da biblioteca.

Ele contava estrelas, buscava constelações e aguardava respostas para as dúvidas que o atormentavam.

Elas nunca vinham.

Até as estrelas zombavam de sua covardia.

Ele respirou o ar pesado da noite, carregado de tempestade, e desejou que ele limpasse sua mente e oferecesse uma solução para o dilema em que se encontrava. Em uma das mãos, ele girava o pequeno objeto que lhe fora entregue naquela

manhã.

Phillip levou o broche que fora de sua mãe até a altura dos olhos e o analisou. As pedras roubavam toda e qualquer fonte de luz e brilhavam como estrelas. Ele suspirou e colocou a joia de volta no bolso, onde estivera até então. Ele engoliu de volta o sofrimento que aquele objeto significava.

Apesar de estar longe da vida comum, as notícias chegavam até ele cedo ou tarde. Naquela manhã, o joalheiro trouxera de volta o broche que, trinta anos antes, vendera para outro homem daquela mesma família. Ele explicara a Eugène que uma jovem muito aflita o tinha procurado há algumas semanas para vender aquela peça, sem maiores explicações. Como as notícias corriam rápido, ele soubera por alguém que a moça em questão estava no hospital com um pai entre a vida e a morte e precisava do dinheiro para uma cirurgia cara e arriscada. Ciente do valor sentimental daquela joia, resolvera oferecê-la de volta para o sr. Rothschild. Por um preço justo, claro.

Agora Phillip remoía a culpa e o sentimento de

impotência. O pai de Bela quase morrera e ela não o procurara para pedir ajuda por causa do que ele fizera. Ela passara por um momento difícil e tivera que enfrentar tudo sozinha porque ele fora teimoso e negara o que sentia.

Ela estava sozinha e a culpa era dele.

Ela estava sozinha. Ele estava sozinho. Ela o amava. Ou amara. E ele? Ele aceitara, nas últimas semanas, que Bela era tudo que ele precisava e ansiava. Ele só desejava que não fosse tarde demais.

– Senhor, gostaria que eu fechasse a janela? – A voz de Eugène o assustou e o tirou do transe.

Ele assentiu e saiu do caminho para que o homem se esgueirasse e puxasse as vidraças.

– Eugène?

– Sim?

– Amanhã quero que me leve até Bela.

O mordomo parou com as mãos nas cortinas e se virou lentamente. A surpresa estampada em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto foi logo substituída por uma expressão neutra, mas o brilho em seus olhos o entregou quando ele assentiu.

– Claro, senhor, vou providenciar um carro. Às seis?

– Mais tarde. Não quero incomodá-los. Não sei em que condições o pai dela se encontra.

– Como quiser – ele acenou e passou por Phillip.

– Eugène?

– Senhor?

– Acha que estou fazendo a coisa certa?

As rugas do rosto de Eugène se tornaram mais pronunciadas quando ele sorriu.

– Você está fazendo a única coisa aceitável. Boa noite, Phillip.

PERIGOSAS ACHERON

Na manhã após a tempestade, Bela acordou toda dolorida.

Ela tinha dormido no sofá novamente. O pescoço reclamava por ter ficado horas na mesma posição e o livro que estava lendo esmagara seu nariz dolorosamente. Trôpega, ela se levantou, respirando fundo e afugentando o sono dos olhos. A janela que ficara a noite inteira aberta balançava de leve com o vento que esfriava a casa. Bela a fechou rapidamente e olhou sonolenta para fora. A rua já estava movimentada e os pedestres iam de um lado para o outro com os braços ocupados com sacolas e crianças.

Depois de ver como o pai estava, Bela preparou uma xícara de chá e se deixou relaxar de olhos fechados. Noites insones e dias corridos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amontoavam, fazendo com que ela perdesse a noção do tempo e de si mesma. Que dia da semana era? Ela não fazia ideia. Nem o mês. Nem a hora. Sabia apenas que o pai estava se recuperando, que o dinheiro que sobrara duraria somente mais alguns dias, e que, muito em breve, teria que encarar a vida lá fora novamente e o eterno ciclo de sobrevivência ao qual já estava acostumada.

Era possível que conseguisse de volta o emprego na cafeteria se insistisse um pouco, pensou. Sempre precisavam de pessoas desesperadas por trabalho.

Ela bebeu o chá enquanto ordenava o que precisava fazer durante o dia. A medicação e a comida do pai. Sair para abastecer a geladeira, pagar o aluguel, procurar alguém que pudesse consertar o chuveiro que dava sinais que logo a deixaria na mão.

Comida, consertos, dinheiro.

Remédios, contas a pagar, manter o pai seguro e confortável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A xícara se despedaçou em dezenas de cacos de cerâmica que se espalharam pelo chão da cozinha. Bela olhou sem expressão para as lascas pontiagudas e impossíveis de serem unidas de novo. A mão continuava inerte no ar, como se esperasse que o tempo voltasse e a xícara se recompusesse. Ela pensou em deixá-los lá para sempre.

Ela só queria deixar tudo lá para sempre.

Estava tão, tão, tão cansada.

Bela sentiu as lágrimas inundarem seus olhos e respirou fundo, ocultando aquele momento dentro de si mesma. Ela não podia desmoronar. Juntou os cacos, varreu a cozinha e recolheu o lixo de forma quase mecânica enquanto ordenava uma vez após a outra o que precisava fazer naquele dia. Ela se recompôs. Ela precisava se recompor.

Bela organizava os livros espalhados pela sala quando três batidas hesitantes soaram. Largando tudo o que fazia, ela se dirigiu para a porta, perguntando-se quem poderia ser àquela hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bela achou que talvez estivesse delirando quando, na penumbra do corredor, os olhos de Phillip a encararam.

Eles ficaram em silêncio por um tempo imensurável.

Bela, com a mão na maçaneta, Phillip, segurando a bengala como se fosse seu ponto de comunicação com o mundo. Ela achou que estava sonhando. Ele rezou para que fosse verdade. Ela deu um passo à frente. Ele permaneceu onde estava, os nós dos dedos brancos.

– Phillip?

– Bela.

Ela não acreditava que ele estava mesmo ali, encoberto pelas sombras do corredor, onde um fecho de luz o alcançava, mostrando os olhos de corça assustada que percorriam o rosto dela em busca de salvação.

E ela entendeu o pedido. Sem dizer nada, Bela recuou e fez um sinal para que ele entrasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele entrou, hesitante, os passos cautelosos, a bengala ruidosa no chão antigo, o corpo iluminado pelos focos de luz que entravam pela janela. Ela não conseguiu não associá-lo a um animal selvagem que se deparava com a liberdade pela primeira vez após anos de cativeiro.

Phillip estava ali. No mundo real. No mundo dela.

Ele parou no meio da sala, sem saber exatamente o que fazer naquele ambiente novo e desconhecido. Ela se aproximou cautelosa, as mãos tremendo.

– O que você está fazendo aqui?

– Procurando você.

– Por quê?

Um passo na direção dele. E mais um.

– Porque eu precisava devolver algo a você.

Ela esperou enquanto ele punha a mão no bolso e lhe estendia um objeto na palma da mão aberta.

O broche que ela vendera.

PERIGOSAS ACHERON

A vergonha e a culpa tomaram conta dela. Bela deu um passo para trás e encarou o chão, tentando sufocar o sentimento de traição que a envolvera no dia em que vendera a joia.

– Me perdoe – foi tudo o que ela disse, a garganta rouca.

– Não! – Dessa vez, ele deu um passo na direção dela. – Não estou aqui para julgar você, Bela. Nem para cobrar algo ou minimizar a sua situação. Olhe para mim.

Hesitante, ela o fitou, sabendo que o rosto estava vermelho de vergonha porque ele sabia exatamente o que ela fizera.

– Não estou ofendido e nem bravo. Essa joia foi um presente e, como presente, você tinha o direito de fazer com ela o que quisesse.

– Mas você a recuperou.

– O dono daquela loja é um conhecido antigo da família. Foi ele quem vendeu esse broche para o meu pai há trinta anos, Bela. Quando você o

PERIGOSAS NACIONAIS

vendeu, fui a primeira pessoa por quem ele procurou, pois imaginou que eu pudesse querê-lo de volta. E eu queria. Mas não para guardá-lo em uma gaveta ou usá-lo contra você. Eu o queria de volta porque ele pertence a você.

– Eu não mereço esse broche, Phillip. Eu o vendi...

– Para pagar a cirurgia do seu pai. Eu sei. MacNamara sabia exatamente quem você era e por que o estava vendendo. Logo procurou Eugène para informá-lo que você havia vendido uma das joias da minha família para pagar uma dívida de hospital.

Ela cruzou os braços, ainda constrangida.

– Foi a única maneira. Eu nunca o teria vendido em outra circunstância.

– Eu sei. E, por isso, estou devolvendo-o a você. Por favor, aceite de volta. É parte de você a partir do momento em que o ofereci. E quero que seja assim pelo tempo que você quiser.

Ele lhe estendeu o broche novamente, as cicatrizes se tornando mais nítidas à luz do dia.

PERIGOSAS ACHERON

Ela não prestou atenção na joia que brilhava entre os dois. Voltou a atenção para a luz que dançava e brilhava sobre a pele clara, em como os raios de sol acariciavam os contornos firmes e fortes dos dedos dele.

A percepção de que ele estava ali, em pé no meio do apartamento pequeno e atulhado, atingiu-a de forma tão brusca que ela precisou se conter para não envolver os dedos dele com os dela.

– Você saiu da mansão.

– Saí.

– Para me encontrar?

– Para encontrar você.

– E me devolver o broche.

– Também.

Surpresa, Bela o encarou e sentiu um calor diferente queimar dentro do peito. O olhar assustado dele tinha sido substituído por um brilho de afeto que ela não via desde as noites que os dois passaram juntos na biblioteca, perdidos um no

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, como peças de um quebra-cabeça que se encaixava sem arestas. Ela sorriu.

– Você foi corajoso. Estou orgulhosa.

– É obra sua. Todas as mudanças são obras suas, Bela.

– Você está nervoso?

– Estou morrendo de medo a cada passo que dou.

Bela estendeu o braço e pôs a mão sobre a dele, deixando o broche entre as palmas. Um calor bem-vindo conectou os dois, como ela sabia que sempre aconteceria.

A mão dela subiu pelo antebraço dele, pelo tecido caro e espesso do casaco, tocou o ombro e se encaixou na curva entre o pescoço e o maxilar. Ela sentiu a pulsação dele se acelerar sob os dedos dela e notou os olhos de Phillip se fecharem como se desistissem. Devagar, ela se aproximou e o abraçou. Peças de um quebra-cabeça. Eles se encaixavam da forma mais perfeita que existia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Por favor, não recue – ela sussurrou. – Continue em frente.

– Não pretendo recuar.

– Por quê?

Os olhos dela estavam fechados em uma prece silenciosa.

– Porque eu amo você.

Ela arfou contra o peito de Phillip e sentiu lágrimas grossas encharcando a camisa dele. Bela se permitiu chorar e se enterrou nele, fundiu-se nele, os braços se agarrando a ele como raízes antigas e mais fortes do que o tempo. Eles eram um só.

Phillip ergueu o rosto dela e beijou as lágrimas quentes e os lábios macios. As bochechas molhadas e os cílios encharcados.

– Eu amo você, Bela. Completa e irrevogavelmente. Amo você como nunca pensei que poderia amar alguém novamente. E espero que me perdoe pelo sofrimento que causei a você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero você comigo para dividir uma vida, por mais dolorosa ou difícil que ela venha a ser. Quero que você esteja ao meu lado nos momentos em que eu quiser desistir. Quero você ao meu lado quando os jardins florescerem e eu quiser sentir de perto o perfume das flores. Quero você quando abrir um livro e quiser dividir uma história com alguém. Você estava certa. Vivi por tanto tempo na escuridão que não soube reconhecer a luz quando a vi. Mas agora eu vejo. Eu vejo você. Tudo o que consigo ver é você.

– Você me ama.

– Infinitamente.

– Você realmente me ama.

Ele riu contra os lábios dela.

– Amo você desde a primeira vez que vi você dormindo na biblioteca. O livro caído sobre o colo e a xícara fria de chá ao seu lado.

Ela riu de volta contra os lábios dele.

– Costumo fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu sei. E espero que continue fazendo isso por muito tempo. Fique comigo, Bela.

– Eu pretendo ficar.

Com um suspiro, ele a beijou, tomando os lábios dela entre os seus, sussurrando promessas de eternidade. Bela o beijou de volta, sentindo o gosto dele misturado às lágrimas dela. Era um beijo com um misto de dores e esperanças que os seguiriam para sempre. Porque assim era o amor deles. Luz e escuridão, desespero e calma, desejo e necessidade, intrincados e tecidos para durar.

– Bela – ele aninhou o rosto dela entre as mãos.
– Eu vou magoar você em algum momento porque foi assim que aprendi a ser. – Ele a aconchegou contra o peito. – Mas tentarei mudar todos os dias e, em algum momento, talvez eu seja o homem que você merece.

– Eu gosto do que tenho até o momento.

– Você merece o mundo, Bela.

– Eu já tenho o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela já não estava sozinha.

Ele já não estava sozinho.

E, juntos, os dois seriam o infinito.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

– O que você acha? Azul ou dourado?

– Hmm.

– Phillip.

– Azul.

– Tem certeza?

– Dourado, então.

– Phillip!

Bela se virou para encará-lo, as mãos nos quadris, uma expressão contrariada no rosto bonito, o suéter enorme a deixando ainda menor e mais delicada do que já era. Deus era testemunha de que Phillip nunca conseguiria que ela se desfizesse daquela peça, por mais roupas que Eugène contrabandeasse para o armário dela. No fim das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contas, ele já estava meio apaixonado pelo suéter também.

Ele ordenou a si mesmo que não sorrisse. Por mais adorável que ela pudesse estar com as bochechas coradas por carregar livros de um lado para o outro e os cabelos desalinhados, ele sabia que, se sorrisse, seria um homem morto.

Phillip se recostou na poltrona e analisou a parede da biblioteca onde as duas opções de tinta estavam expostas. Aquele era o projeto dela. Desde que Bela e o pai dela haviam se mudado para Rose Hill, eles tinham concordado que, um pouco de cada vez, a casa trocaria de aparência, adaptando-se à vida que construiriam juntos. Nada mais de cortinas pesadas nas janelas, impedindo a luz de entrar. Nada mais de cômodos escuros e abandonados. Aquela casa seria viva e respiraria como eles. Aquela casa seria um lar para eles e para os filhos que pudessem ter um dia.

– As duas cores.

– As duas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Paredes azuis. Teto e rodapés dourados. Majestoso.

Bela pareceu refletir por alguns instantes.

– Você está certo! Azul e dourado. – Ela foi até onde ele estava e se inclinou até encostar os lábios nos dele. – É por isso que eu gosto de você.

Ele a puxou pela nuca e plantou um beijo estalado nos lábios entreabertos de Bela.

– Porque tenho um ótimo senso estético?

– Porque você sabe quando não me contrariar. Vi seu sorrisinho escondido, Phillip.

– Maldição de mulher.

Ela o beijou de novo.

– Você me ama.

– Mais do que tudo.

Phillip realmente a amava mais do que tudo no mundo. E, aos poucos, estava mudando como prometeu que faria. Aos poucos, mas sempre. Pequenas caminhadas pelo jardim e pelos arredores

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da casa. Um dia, ele iria até a cidade com ela e eles passeariam entre as pessoas sem que ele se sentisse impelido a esconder as cicatrizes do rosto sob a luz do dia. Um dia eles conheceriam o mundo.

Um dia.

Aos poucos, ele sairia da escuridão por ela. Por ela e para sempre ela.

– Chega de tinta – ela entrelaçou os dedos nos dele e o puxou até que ele levantasse da cadeira. – Vamos almoçar com Eugène e papai. À tarde podemos continuar. Papai quer mostrar algumas ideias que teve para o jardim e está empolgado com a próxima primavera. Por favor, escolha o menor projeto – ela sussurrou enquanto os dois, de braços dados, cruzavam o salão. – Não quero que ele tenha outro ataque cardíaco. Ele é teimoso.

– Mal de família, eu vejo.

– Ainda bem. Já pensou se eu desistisse facilmente?

– Não quero nem imaginar essa possibilidade, querida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se virou e emoldurou o rosto dele entre as mãos.

– Estarei aqui para sempre, Phillip.

– E eu fico feliz que o para sempre seja infinito, Bela.

Eles se beijaram ali, com os vitrais derramando a luz do sol sobre os dois como uma promessa de que eles seriam felizes para sempre.

E foram.

PERIGOSAS ACHERON